

530-4  
50-2

CARTAS INÉDITAS  
DE  
ANTERO DE QUENTAL  
A  
OLIVEIRA MARTINS

PUBLICADAS POR  
FRANCISCO DE ASSIS DE OLIVEIRA MARTINS

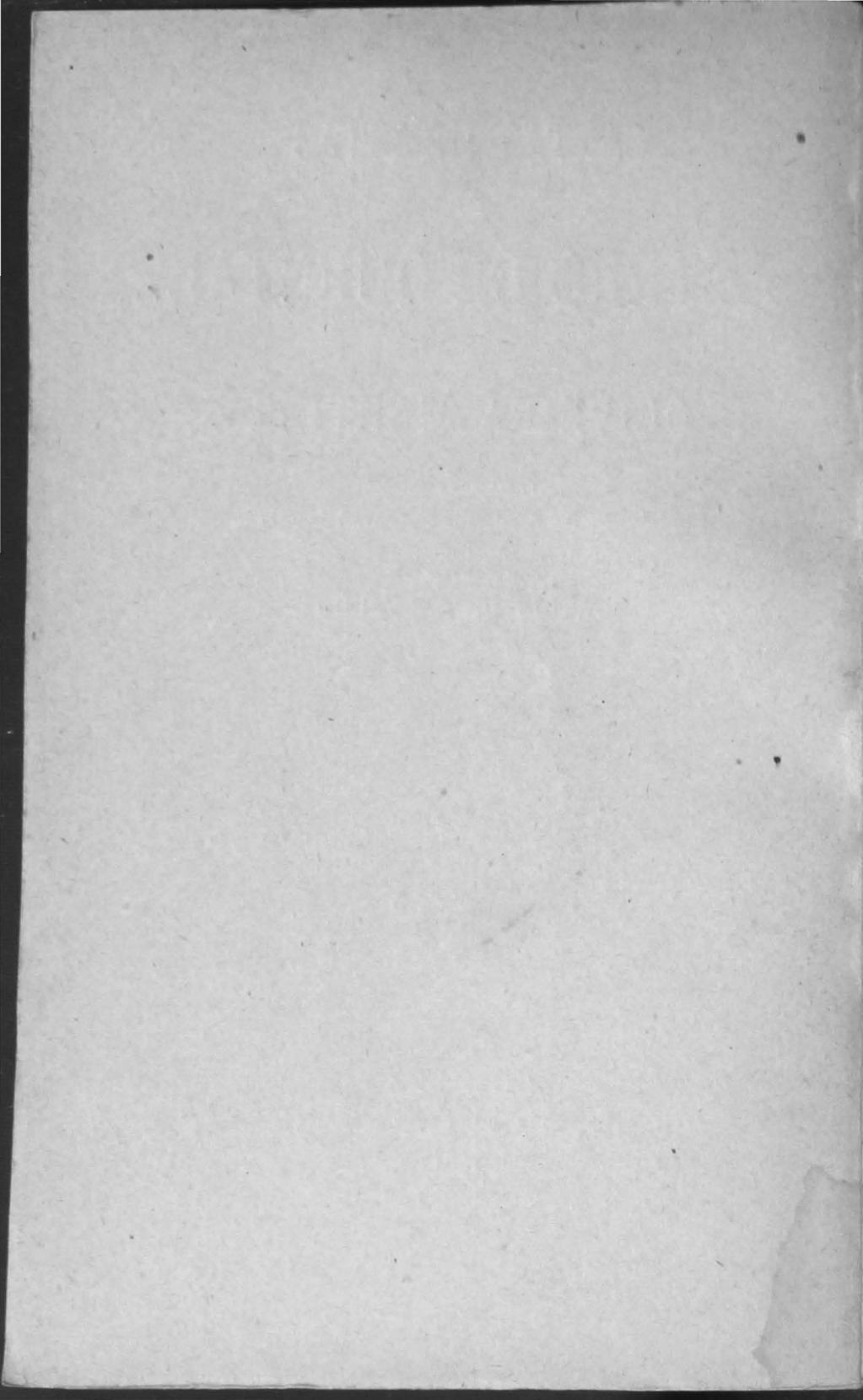
COM PREFÁCIO DE  
JOAQUIM DE CARVALHO



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1931

Sala  
Gab.  
Est.  
Tab.  
N.º



CARTAS INÉDITAS  
DE  
ANTERO DE QUENTAL  
A  
OLIVEIRA MARTINS



CARTAS INÉDITAS  
DE  
ANTERO DE QUENTAL  
A  
OLIVEIRA MARTINS

PUBLICADAS POR  
FRANCISCO DE ASSIS DE OLIVEIRA MARTINS

COM PREFÁCIO DE  
JOAQUIM DE CARVALHO



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1931

Desta edição  
fêz-se uma tiragem especial de 50 exemplares numerados.

## PREFÁCIO

*Dos grandes espíritos do século XIX, Antero de Quental é o que menos padece do desgaste do tempo. Descobre-se, sem dúvida, o vinco indelével da contemporaneidade em muitas páginas da sua obra, porém pela consciência das antíteses morais e vicissitudes do seu pensamento Antero conquistou, como nenhum outro escritor da grande centúria, um sentido profundo de actualidade.*

*A beleza e perfeição formal dos seus Sonetos asseguravam-lhe já, por si mesmas, o senhorio da duração; mas as angústias filosóficas, tanto ou mais que a própria expressão estética, e a marcha dramática da sua consciência em demanda da liberdade e do domínio interior, libertando-o da historicidade, volveram-no em tipo de inquietude, porventura o mais nobre predicado, senão a essência, do homem.*

*Lançado nas tormentas da vida interior, a tristeza, a dúvida e o pessimismo conduziram-no a experiências profundamente pessoais, forçando-o ao mesmo tempo a resolver com alcance geral alguns problemas que*

atormentaram a sua consciência, transformada por vezes em espelho da humanidade sofredora. Por isso a sua obra e a sua vida assumem uma importância típica, e como constituem um bloco intimamente fundido não pode compreender-se uma sem o conhecimento da outra.

Embora escritor, Antero não viveu nunca para o público, preferindo à notoriedade as delicias do convívio e as doçuras da amizade.

Ao leitor ofereceu apenas o resultado das suas locubrações ou a expressão das comoções da sua consciência, reservando para os íntimos a confiança do drama interior. Para estes nenhuma reserva, nenhuma postura, nenhuma simulação. As suas cartas tornam-se assim verdadeiras páginas de um Diário íntimo, pela sincera confissão das grandes preocupações morais e intellectuais que agitaram o seu espirito, e para o crítico a base mais sólida para o estudo da sua personalidade e tormentas do pensamento.

Nada lhes falta, desde o informe biográfico até à vivência dos mais puros sentimentos, desde o transporte das inquietações sociais e políticas de um ser activo, até à perspicácia do ideal e às agonias lentas de taciturnas meditações solitárias.

Se estas eram as características dominantes do epistolário anterior, organizado com diligência e devoção por Cândido Augusto Nazareth, muito mais se acentuam agora com a presente publicação, devida à



benemerência do sr. Francisco de Assis de Oliveira Martins, pela forma como nos conduz para a intimidade intelectual dos dois confidentes e para a apreensão da multiplicidade da vida interior do alto espirito que escreveu estas cartas.

\* \* \*

No admirável ensaio-prefácio dos Sonetos, pórtico digno de tão bela obra, Oliveira Martins invocou (1884) a «viva amizade, a estreita comunhão de sentimentos, o affecto quasi fraterno que há perto de 20 anos nos une, ao poeta e ao seu crítico de hoje, fazendo da vida de ambos como que uma única alma, misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lágrimas, sempre as nossas dores e os nossos entusiasmos ou o nosso desalento».

Estas cartas são a prova viva da amizade dos dois grandes espiritos. Ligara-os na juventude, por 1870, a comunidade de ideal politico, a coincidência no magistério de Proudhon, a identidade de anelos de justiça social, a obediência ao que fôra mandamento do pensar europeu na alvorada romântica — a união da filosofia, do sentimento religioso e da arte — e o sentimento de que a ambos cumpria uma missão na sociedade portuguesa; e desde então até ao dia trágico de 11 de Setembro de 1891 jâmais os dois espiritos, a despeito do rumo diferente das suas ideas, da separação de lugares e da diversidade de actuação, dei-

xaram de mutuamente conviver e confidenciar os seus planos e inquietações, as suas alegrias e as suas tristezas.

Tão íntima, longa e constante amizade não foi maculada pelo mútuo-elogio.

Publicamente, Antero dissentiu do historiador-filósofo, em 1873, na polémica sobre o conceito e valor da Idade-média, a propósito da Teoria do Socialismo; e embora tivesse escrito com louvor acerca do Ensaio sobre Camões (1872) e do Portugal Contemporâneo (1884) os seus juízos procedem de uma concepção filosófica da história próxima da de Martins, da identidade da posição crítica e concordância na demolição e no anúncio dos mesmos valores. Entre ambos parece ter havido um «projecto de discussão» constante, isto é, recíproca independência mental e crítica, abundando neste epistolário os períodos em que Antero louva e discorda, exorta, adverte ou elucida o escritor e o filósofo, retomando afinal com a pena o colóquio interrompido pela separação.

¿ Houve em tão íntima amizade ascendência de um sobre o outro ?

Não creio, nem o amor próprio de cada um a consentiria. A influência foi recíproca e insensível, admirando-se mutuamente pelas qualidades que lhes faltavam.

Em vez de uma amizade que se alimentasse da identidade afectiva, da fusão de duas almas, houve entre

os dois fraternos amigos o sentimento de que mutuamente se completavam na diversidade e independência dos seus séres. Perdidas as cartas de Oliveira Martins, não é fácil determinar em que é que Antero lhe foi intelectualmente tributário; sabemos apenas que o historiador deveu ao poeta-filósofo indicações bibliográficas e traduções do alemão, aliás publicamente confessadas no Helenismo e a Civilização Cristã, sendo licito suspeitar que foi Antero quem o conduziu ao germanismo, e lhe sugeriu a leitura do *Traité de l'enchainement des idées fondamentales dans les sciences et dans l'histoire*, de Cournot, cuja influência foi capital na sua concepção filosófica da história, designadamente pela teoria do acaso, uma das grandes teses que opôs à ideologia histórica da geração romântica.

Na ordem positiva, de sugestão de ideas ou de factos, faltam-nos pois elementos seguros; porém se passarmos para a ordem espiritual o mútuo tributo surge-nos com alguma claridade. Oliveira Martins admirou em Antero o homem moral e o artista, o espírito subtil e amante das ideas coerentes, e o crítico desapaixornado que lhe discutia as ideas, apontava as omissões ou deficiências e apreciava o estilo. A sua influência foi pois moral e intelectual; Martins, pelo contrário, foi para Antero o tipo da acção viril, do pensamento pragmático do homem forte capaz de pensar, de querer e de actuar. Como notou António Sérgio num ensaio famoso sobre Martins, o espírito do historiador tra-

balhava sobre o concreto. Menos especulativo que Antero, com menos experiência e perspicácia da vida interior, surdo, de certo modo, às suas antiteses dolorosas, excedia-o grandemente no sentido pragmático, na acuidade da visão prática e na formidável capacidade de trabalho ordenado e metódico. Antero cedo o reconheceu, e com espontânea sinceridade lhe confessava que o seu convívio o chamara «à realidade viva, humanamente natural, que por um insensível mas continuo desvio, o meu temperamento místico tende sempre a afastar-me, em não havendo influências externas que me chamem à razão — e V. é para mim essa razão, a razão... como direi?, a boa razão numa palavra, positiva, real, justa».

Para além, porém, da intimidade intelectual entre os dois grandes espíritos, que, com Teófilo Braga, dirigiram o curso do último quartel do nosso século XIX, estas cartas documentam com exuberante riqueza a evolução espiritual de Antero, desde a fase activa de revolucionário sedento de justiça social, até à derradeira viragem, em que, enterrado «na poltrona do filósofo», o pensador, despedindo-se do poeta, demanda e vence as tormentas da vida interior pelo domínio crescente da reflexão e da consciência. Sob este ponto de vista são singularíssimas no seu epistolário, sendo licito o vaticínio de que concorrerão para um novo rumo dos estudos anterianos. Não lhes falta, de resto, a novidade na matéria biográfica, designadamente

*sobre a enfermidade, assim como nos fornecem elementos desconhecidos sobre a actividade literária, realzada e em projecto (Programa para os trabalhos da geração nova, Teoria da religião, e O Socialismo e os partidos) e sobre a sua formação filosófica e ideário político-social da juventude.*

JOAQUIM DE CARVALHO.



I

(3-1-71)

Meu caro Martins.

Escrevo-lhe muito à pressa (de casa do Batalha <sup>1</sup>) só para lhe pedir desculpa do meu esquecimento em lhe dar novas minhas, que eu desta vez lhe devia muito mais obrigatoriamente do que nunca. Amanhã ou depois lhe escreverei mais circunstanciadamente. Por hoje vão só estas duas palavras, para o tirar de cuidado.

As coisas cá resolveram-se muito melhor do que V. supunha e mesmo do que eu supuz e acho-me agora livre da opressão insuportavel que me affigia como um pesadelo. Amanhã lhe direi como. De tudo resta apenas uma lembrança penosa, e uma situação um pouco anormal e difficil, mas cujos angulos vão desaparecendo gradualmente com o tempo. O coração feminino é o imperio do imprevisto! e como saem errados os nossos calculos quando o fazemos entrar como elemento em qualquer problema!

Adeus: recomende-me muito a sua mulher, e até amanhã.

Seu do C.

*Anthero.*

---

<sup>1</sup> Jayme Batalha Reis.

II

Meu caro.

Ahi vae o 1.º folheto de Propaganda<sup>1</sup>. Não sei se conhecerá que foi escrito por mim, por isso lh'o declaro (debaixo de sigilo Internacional!) V. sabe das minhas pretensões a Economista — por isso escusado é dizer-lhe a importancia que dou ás primeiras 20 paginas. É a primeira vez que escrevo sobre materias economicas, por isso estou ancioso por saber o q̃. V. pensará da maneira por q̃. tratei a questão. Poderia em m.<sup>tas</sup> paginas desenvolver mais — mas no fundo não diria mais do q̃. aquillo, por q̃. p.<sup>a</sup> mim está tudo na distincção de propriedade propriamente dita (individual) e propriedade collectiva (capital activo). Assim pois, espero uma carta-critica da sua sabia e judiciosa pena. — Do seu livro, nada! Estou admirado da demora. Como dentro em 5 ou 6 dias parto p.<sup>a</sup> o Porto, lá tratarei de activar a publicação. Escreva-me p.<sup>a</sup> la: Rua de Santa Catharina, Redacção do 1.º de Janeiro.

Assim q̃. chegue ao Porto começo a trabalhar seriamente no meu livro *Programa*<sup>2</sup>, com o qual em punho

---

<sup>1</sup> Refere-se ao Opúsculo. — *O que é a Internacional*. — Lisboa, 1871. Reproduzido no vol. II das *Prosas*, de Antero de Quental. Coimbra, 1926.

O produto da venda dêste folheto era destinado á fundação do *Pensamento Social*, jornal socialista onde Antero, com José Fontana, Oliveira Martins e outros, colaboraram assiduamente.

<sup>2</sup> Programa para os trabalhos da geração nova que Antero considerava um «caso novo na literatura lusitana» e que não concluiu. — Vid. *A evolução espiritual de Antero* pelo Dr. Joaquim de Carvalho. Lisboa, 1929.



o obrigarei a V. a reconhecer-me. Economista *m.<sup>to</sup> distincto!*

Adeus meu Amigo. Tel-o-hemos de volta? Oxalá.  
Recomende-me a sua mulher.

Seu do C.

*Antherò.*

---

III

(?) Julho 7-71.

Meu caro amigo.

Envio-lhe em folheto o  $\bar{q}$ . em folhetins publiquei a respeito do Theofilo <sup>1</sup> e de V. <sup>2</sup>— Avaliará a injustiça das arguições  $\bar{q}$ ., por intermedio dos seus *lebreus literarios* me faz o Theofilo. Se pequei n'este escrito, foi certam.<sup>10</sup> por nimia indulgencia p.<sup>a</sup> com elle. Mas o homem, sem ser mau propriam.<sup>10</sup>, está pervertido pela adoração de si mesmo; tem (no seu tanto) a *loucura cezariana*, e já vai caminhando p.<sup>a</sup> a de Sardanapalo. — Eu continuo trabalhando no meu *Programa*. Levo em mais de meio o primeiro volume (as Ideas) ficando p.<sup>a</sup> um 2.<sup>o</sup> as partes 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> (Instituições e os Sentimentos). Resolvo-me a fazer assim a publicação, p.<sup>a</sup> não ter de publicar um infolio d'uma vez e penso até  $\bar{q}$ . será melhor dar 2 ou 3 mezes de reflexão aos lei-

<sup>1</sup> *Considerações Sobre a philosophia da Historia Litteraria Portuguesa.* — (A proposito de alguns livros recentes). Pôrto, 1872. Reproduzido no vol. II das *Prosas*, de Antero.

<sup>2</sup> Joaquim de Araujo publicou em 1894 vários artigos dispersos de Antero sobre Oliveira Martins que intituloú *Oliveira Martins*. — *O crítico literário.* — *O economista.* — *O historiador.* — *O publicista.* — *O político.* — Lisboa, Tip. da Comp.<sup>a</sup> Nacional Editora.

tores e de discussão ao publico (se tiver de a haver) entre a 1.<sup>a</sup> parte, q̄. é uma especie de Philosophia da Revolução, e a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> q̄. são applicações dos principios estabelecidos. É tambem de considerar q̄., entre nós, não ha successo possivel p.<sup>a</sup> um livro de mais de 300 pag. Convém, pois, administrar as doses gradualm.<sup>to</sup> — Espero-o anciosam.<sup>to</sup>, meu caro Martins: só V. pôde ouvir o que tenho escrito, e avaliar se ha verdadeiro alcance nas ideas q̄. apresento. Eu não posso, por q̄. estou ate certo ponto surprehendido do q̄. me vai saindo, e da soma de pontos de vista, p.<sup>a</sup> mim novos, a q̄. a logica d'uma primeira ideia me tem levado.

Mas será esse o verdad.<sup>ro</sup> pensamento da Revolução?

Não posso avaliar, porq̄. estou n'um estado de continua criação, e por isso não me sei criticar. Sei só q̄. me sinto levado por uma força continua p.<sup>a</sup> um mundo, q̄. ha m.<sup>to</sup> presentia, mas cujo nome e forma real ignorava. Mas satisfarão aos outros as *certezas* q̄. eu sinto no meu espirito, mas ignoro se farei sentir e palpar? Você é q̄. me ha-de fazer sair d'este estado de duvida, proprio da invenção. Que bella coisa, meu caro, não seria com effeito ter dado o intimo pensam.<sup>to</sup> da Revolução em meia dusia de ideas, claras, ligadas entre si e de q̄. tudo naturalm.<sup>to</sup> se deduisse! Mas não será este um pensam.<sup>to</sup> orgulhoso em extremo n'um ignorante como eu! Receio-o. Você sabe q̄. a minha força é mais de sentimento e fé do q̄. de razão. — Adeos, ou antes, até breve, visto q̄. só falta um mêz p.<sup>a</sup> estarmos juntos,

7 de Julho — Porto.

R. S.<sup>ta</sup> Catharina, 44.

seu do C.

*Anthero de Q.*

IV

Amigo.

Sobre tudo, encarregue-se V., como tendo mais particularm.<sup>te</sup> versado o assumpto, de redigir os 2 ou 3 artigos do *Programma* que dizem respeito ao *Credito e organização do capital como força collectiva*. Sabe bem q̄. é um ponto em q̄. por aqui não temos ideas muito definidas e praticas, assim como o q̄. diz respeito ao *Imposto*.

Se esta nossa *União Democratica* tem de ter, como espero uma g.<sup>de</sup> influencia na nossa revolução, tudo depende em g.<sup>de</sup> parte da lucidês e precisão do *Programa*. Por isso, não nos abandone.

Escrevo à pressa, por isso só sumariam.<sup>te</sup> lhe direi q̄. o Herculano, saindo da concha agricola, está entusiasmado por uma g.<sup>de</sup> reforma, toda municipal, com bases democraticas (!) e, q.<sup>to</sup> posso conjecturar, a vinda d'elle agora a Lisboa tem talvez por fim entênder-se com Marreca e C.<sup>a</sup> (q̄. tratam de formar partido republicano) p.<sup>a</sup>. esse fim. O velho é sempre o mesmo homem.

Muitas lembranças a sua mulher e Ellicot.

Seu do C.

*Anthero*

---

V

Caro Amigo.

Recebi a sua carta, e os livros de Helmholtz e Spencer. Não sei como nos desencontrámos, o que

deu em resultado passar V. uma hora insípida á minha espera, em vão. Desculpe, mas não foi intencional a minha falta.

Escrevo-lhe m.<sup>to</sup> á pressa, e só p.<sup>a</sup> lhe dizer q̃. mudo de casa do 1.<sup>o</sup> de Fevereiro em diante. Bato em retirada diante dos soldados, meus visinhos, cuja turbulencia anti-philosophica compromettia seriamente a gravidade das minhas locubrações. Mudo p.<sup>a</sup> a R. da Magdalena, 17-4.<sup>o</sup>, p.<sup>a</sup> onde dirigirá as suas ordens.

Com o tempo *amoroso* que faz começa o *dégel* da minha imaginação e espero' voltar antes de m.<sup>to</sup> ao meu Programa. Entretanto estudo, sobre tudo Cournot, q̃. de dia p.<sup>a</sup> dia acho mais abalisado. É tambem no seu tanto, *bicho!*.. Adeus seu do C.

*Anthero.*

---

## VI

Excellento o seu ultimo capitulo, meu caro Martins; muito excellento! Tenho-me regalado com a leitura d'elle, que em tudo me satisfez (inclusivé no estylo) e q̃. me fes sentir o q̃. sinto a ler as bôas paginas de Proudhon: a belleza real e a grandeza da sciencia economica, q.<sup>do</sup> apresentada na verdadeira lus de verdadeira sciencia social e humana.

Tudo bem considerado, a impressão geral do seu livro é m.<sup>to</sup> boa, em quem fôr capaz de comprehendel-o (q̃. não serão todos) — e a minha adhesão á doutrina d'elle chega a ser excessiva, quero dizer q̃. não me deixa discordar em nenhum ponto essencial, o q̃. con-

traria o nosso projecto de discussão. Entretanto, esse pouco, em q̃. discordo, lá o lerá brevem.<sup>1o</sup> no *Popular*<sup>1</sup>, p.<sup>a</sup> onde vou escrever folhetins sobre o seu livro. — O livro pos-se á venda hoje, por isso nada lhe posso ainda dizer sôbre o *efeito*. Trabalharemos entretanto no *réclame* com a seriedade q̃. o caso pede. Já fis n'esse sentido alguma coisa, e continuarei — e o Plantier<sup>2</sup>, ainda que movido por impulso menos nobre e *collectivo* fará o mesmo. —

V. deve ter estranhado não lhe ter escrito. Desculpe-me: e agora mesmo não serei mais longo.

Eu vou indo, mais ou menos ameaçado da *enfermidade mystica*, q̃. sobretudo me assalta no inverno; mas resisto sempre e trabalho, ou melhor, resisto porq̃. trabalho. Isto já é m.<sup>1o</sup>. O meu livro vai demorado, porq̃. tenho encontrado difficuldades imprevistas, q̃. me fazem reflectir e, por conseg.<sup>1o</sup>, escrever pouco. Mas vai indo *sempre*, conforme o conselho do Herculano, e é isso o essencial. Lembro-lhe, no caso de se ter

---

<sup>1</sup> *Diario Popular*, jornal onde Anthero de Quental publicou um artigo de critica sobre a *Theoria do Socialismo*, obra a que o poeta se refere, a este artigo respondeu Oliveira Martins no *Jornal do Comercio*. Depois Julio de Vilhena que tinha saído de Coimbra havia pouco, publicou *As raças Historicas da Peninsula Iberica e a sua influencia no direito portuguez*. Neste volume Julio de Vilhena contraditou a Antero de Quental e Oliveira Martins. O historiador respondeu no *Jornal do Comercio*, seguindo-se a troca de varios artigos neste Jornal. Em 1925, foram reunidos estes artigos e varias cartas trocadas entre os polemistas em volume *A Edade Media na Historia da Civilisação*.

<sup>2</sup> Paulo Plantier, estabelecido com relojoaria na Travessa da Victoria, foi editor de varios livros dos mais distintos escritores entre os quais a *Theoria do Socialismo* (1872).

esquecido de o fazer, q̄. offereça um exemplar do seu livro a cada um dos nossos *aliados*, França, Tedeschi e Fontana <sup>1</sup>, q̄. são da redacção do *Pensamento* <sup>2</sup>.  
Adeus.

Seu do C.

Doiradores, 135

*Anthero*

NB. O seu ultimo artigo agradou muito.

---

VII

26 de Maio.

Querido Amigo.

Diz-me V. q̄. não foi esteril p.<sup>a</sup> si a sua viagem aqui, e q̄. moralm.<sup>to</sup> aproveitou com a sua estada e com as conversas e discussões q̄. tivemos. M.<sup>to</sup> me satisfez saber isto, porq̄. a fallar verdade, sentia um certo remorso por ter feito, com as minhas declamações epistolares, com q̄. V. rompesse no excesso de se deitar por esses mares afóra <sup>3</sup>. Assim, ao menos, fico aliviado, considerando q̄. nem tudo foi tempo perdido p.<sup>a</sup> V. e, como diz o poeta,

« Nem tôdo o emprego foi mal empregado ».

---

<sup>1</sup> Nobre França, João Tedeschi e José Fontana, conhecidos propagandistas do movimento social.

<sup>2</sup> *Pensamento Social*, já cit.

<sup>3</sup> Alusão à viagem que Oliveira Martins fêz às Ilhas, tendo sido surpreendido no regresso por um grande temporal que pôs o barco em risco de sossobrar.

A mim, ainda, q̄. por modo differente, tambem o seu *convivio* (vá *convivio*, já q̄. V. gosta tanto da palavra) me fêz mt.<sup>o</sup> e mt.<sup>o</sup> bem. Chamou-me à realidade viva, humanam.<sup>lo</sup> natural, de q̄. por um insensivel mas continuo desvio, o meu temperam.<sup>lo</sup> mystico tende sempre a afastar-me, em não havendo influencias externas q̄ me chamem à razão — e V. é p.<sup>a</sup> mim essa razão, a razão... como direi? a boa razão n'uma palavra, positiva, real, justa. Por mim, a solidão não me affecta a intelligencia, nem entibia o ideal: pelo contrario, é na solidão q̄. mais me sinto viver intellectual e sentimental.<sup>lo</sup> — mas é uma vida *ensimismada*, toda interior e subjectiva, e por ahí exclusiva e viciosa, levando ao esquecimento da razão positiva e do proprio bom senso, afogado n'um nevoeiro de abstrações e sonhos, onde ha perigo de naufragar, juntamente com a vontade e amor das coisas naturaes, a propria dignidade *de homem*. A isto me chama V. sempre, com uma voz penetrante como um clarim do combate da vida. Já vê q.<sup>lo</sup> bem me fez a sua estada aqui.

Li durante este intervalo, o 2.<sup>o</sup> vol. do Cosmos de Humboldt, consagrado à historia do desenvolvim.<sup>lo</sup> da idea de Universo, e reli os vol. do Michelet, *Renascença e Reforma*, assim como os capitulos q̄. o Cournot <sup>1</sup> consagra á Idade Media, Antiguidade e Renascença, e em geral, a evolução historica da Transcendencia, p.<sup>a</sup> a Immanencia, já vai sendo p.<sup>a</sup> mim uma especie de idea fixa; quasi não posso ler nem pensar senão sobre este assumpto. O factó é q̄. todos os dias encontro ideas

---

<sup>1</sup> Alude ao *Traité de l'enchainement des idées fondamentales dans les sciences et dans l'histoire*. — Paris, (1861).

novas e se vae fazendo luz no meu espirito; mas coisa singular, cada vez mais me afasto dos pontos de vista e conclusões correntes: medievaes e anti-medievaes me parecem por igual incompletos, e presinto q̄. a philosophia da Civilização europea está ainda muito longe de se considerar feita. Por ora tem-se estudado e m.<sup>10</sup> bem, a evolução das instituições: mas o que explica esta e domina tudo, a evolução metaphysica-psychologica é quasi um mysterio ainda. Quanto a mim a chave do arcano deve encontrar se n'um estudo comparado da historia da philosophia, das religiões e das sciencias desde Thales e Pytagoras até ao seculo 16.<sup>o</sup> Mas que terrivel empreza! Ainda assim, quem pudera dedicar-se a isso!

A historia das sciencias, numa certa altura, já se vê, parece-me uma das mais bellas coisas q̄. podem prender a attenção, e ao mesmo tempo um dos estudos mais fecundos, não só no ponto de vista historico, mas ainda doutrinal: quero dizer q̄. a historia das sciencias pode ser uma g.<sup>da</sup> fonte de renovação p.<sup>a</sup> as theorias geraes das mesmas sciencias. Mas não me posso explicar sobre este ponto, porq̄. precisava para isso muitas folhas de papel.

Ando agora lendo o *Antechristo* do Renan. Parece-me igual, senão superior, ao *São-Paulo*. Nero está famoso. Entretanto acho q̄. o Renan apoia de mais nos incidentes biographicos de meia duzia de personagens e deixa na sombra o q̄. é m.<sup>10</sup> mais importante, o estado da consciencia humana na epoca dos Cesares. Dir-se-ha q̄. o Christianismo foi *feito* por Jesus, Paulo, Pedro e João. Este é q.<sup>10</sup> a mim, o defeito capital de toda esta obra das «*Origens do Ch.<sup>mo</sup>.*»

Ressente-se ainda do ponto de vista ecclesiastico tra-



dicional: n'este ponto, já se vê. Entret.<sup>to</sup>, o q̃. o homem faz, fal-o admiravelm.<sup>to</sup>.

Adeus. D'aqui por 3 semanas, isto é, na proxima *tournee* do paquete, saio p.<sup>a</sup> a Ilha Terceira, não só a mudar de ares, como a sugear-me a um tratamento hydropatico serio n'um estabelecim.<sup>to</sup> q̃. ali ha, e q̃. me dizem ser m.<sup>to</sup> completo e bem dirigido.

Vamos a ver o q̃. sae d'este derrrancado organismo! — Conto demorar-me ali todo o verão. Entret.<sup>to</sup>, continue a dirigir a correspondência p.<sup>a</sup> São Miguel, q̃. d'aqui me será tudo enviado depois. E o livro sobre o Christianismo? Não se esqueça, q̃. estou curioso. Adeus. Aceite recommendações de minha mãe e irmã e dê-me sempre novas suas.

Do seu do C.

*Anthero.*

NB. Dei ao J. Machado 7:800 rs. fracos — q̃. V. reduzirá a fortes, coisa q̃. eu não sei fazer (proh. pudor!).

---

## VIII

26 de Setembro

Querido amigo.

Estou encantado, pasmado, satisfeito, glorioso, aturdido, regalado, aterrado! Vê q̃. começo esta carta no estilo triumphal de M.<sup>mo</sup> de Sévigné, e o caso é para isso. Mas porq. e com que?! . . . Ora, com tudo, e por tudo, e em tudo! Com q̃. ha-de ser? Com o seu Cap. 5.<sup>o</sup>, capitulo unico, o unico capitulo, ante o qual a minha

critica, atravessando todas as emoções ã. os adjectivos supra denunciam, só acha phrases como estas: «sim senhor!! isto é que é fallar!! isto é que é não ter papas na lingua!!» e ejaculando estas exclamações estremeço todo cá por dentro. Receba pois, amigo, à falta de outra linguagem um apertado abraço, bem apertado e bem revolucionario. Encheu-me as medidas! Mas, por quem é, faça d'aquilo, sempre d'aquilo, e só d'aquilo!

Pratico, lucido, eloquente... qual! isto não serve... irrespondivel, fulminante, esmagador é o ã. V. foi n'aquellas ábençoadas 3o paginas. Não ha q. alterar ali uma letra. Mas, pelo amor de Deus, mande-me dizer o que aconteceu, o ã. disseram, o que fizeram. Se ninguem disse nada, se ninguem fez nada, se ninguem sentio nada, então, meu caro enfileiremo-nos no coro lugubre do Herculano e rezemos pela alma deste paiz, por ã. aquellas cifras são capazes de galvanisar um morto, e quem deante d'ellas não estremece está hyper e archi morto.

Agora, ã. já me passou o 1.º impeto do enthusiasmo, vou ver se sou menos lyrico. Considero o seu cap. 5.º como perfectam.<sup>te</sup> pensado e perfectam.<sup>te</sup> escrito: Como pensado, condensa toda a realidade social em meia duzia de algarismos tragicos; como escripto está feito de molde a poder ser lido igualm.<sup>te</sup> por Michelet e Mané Coco. Dito isto, nada mais tenho a dizer, d'esse cap. 5.º. Dos 4.º e 3.º nada posso dizer, porã. me foi impossivel lel-os até hoje, e o vapor sae amanhã. Do 2.º tenho a dizer muito bem de varios §§, e muitissimo bem em especial do § 4.º «*livro do operario*:» este é qt.º a mim, alem de tudo mais, uma obra prima litteraria: V. afirmou ali por um tom admiravel ã. muito desejo

torne a encontrar: já o li 3 ou 4 vezes, e reputo-o *classico* (no sentido philosophico da palavra, já se vê) são paginas daquelas q̄. *ficam* nas literaturas. Em qt.º porem ao § 3.º «*protecção e liberdade,*» gostei pouco; estou até em dizer q̄. mesmo nada. Francam.<sup>te</sup> parece outra pena e quasi outro homem até. Sei m.<sup>to</sup> bem o q̄. V. quer dizer; os q̄. sabem tanto como eu tambem entendem; mas poucos mais. P.<sup>a</sup> trabalho scientifico, não chega; p.<sup>a</sup> simples explicação é de mais por um lado, porq̄. quasi tudo aquillo só interessa a quem for *de escola*, ainda q̄. é de menos por outro lado, porq̄. não faz sentir o essencial.

Note bem q̄. não me refiro à idea com a qual concordo inteiram.<sup>te</sup>, mas sim á maneira por q̄. V. a desenvolveu e fundamentou.

Já vê o q̄. quero dizer: acho-lhe os defeitos e as qualida.<sup>des</sup> dos peiores capitulos da *Theoria*<sup>1</sup> não são as ideas, é a *maneira*, que me *escandalisa*, V. sabe o q̄. quero dizer por isso não insisto mais n'este ponto. — Agora peço-lhe q̄. miudam.<sup>te</sup> me mande dizer que acolhim.<sup>to</sup> tem tido o seu livro<sup>2</sup>. Que tem dito 1.º a imprensa, 2.º a litteratura 3.ºs os *companheiros*, 4.º o Herculano V. achará mui.<sup>to</sup> *miuda* esta minha curiosidade; mas é que o seu livro meu caro Sr. Joaquim Pedro Oliveira Martins, fique-o sabendo, é um *acontecimento*, *acontecim.*<sup>to</sup> q̄. não era nem podia ser a *Theoria*<sup>2</sup>. Ora como o estado moral das nações se denuncia em face dos *acontecim.*<sup>tos</sup>, ja ve q̄. é mui legitima e até mui philosophica esta minha curiosidade. Diga pois alguma

---

<sup>1</sup> *Theoria do Socialismo*, obra publicada em 1872.

<sup>2</sup> *Portugal e o Socialismo*, obra publicada em 1873.

coisa sobre êstes quatro topicos, e se ha algum *dito notavel* do Herculano, cite-o! É impossivel que V. não tenha *convertido* o Herculano: pondo de parte as divergencias de *escola* (q̄. ahi é o homem irreductivel: tem 63 anos) q̄. quer elle, q̄. imagina elle q̄. melhor realise as suas *aspirações sociaes*? O q̄. V. propõe é, a final, a universalisação da burguezia, consolidada com instituições *permanentes*: ora não é este o sonho doirado do burguesissimo Herculano? — Dos seus artigos — Vilhena <sup>1</sup> direi q̄. gostei m.<sup>to</sup> d'elles, sem q̄. deixe de discordar em certos pontos, alguns essenciaes. Tenho ultimam.<sup>te</sup> lido o livro de E. Havet (livro admiravel) *As origens do Christianismo*, q̄. é uma especie de historia do espirito no mundo greco-romano desde Homero até aos Cezares: tem sido mais uma occasião p.<sup>a</sup> mim de reflectir n'aquelle ponto da nossa divergencia, q̄. me rememoraram os seus artigos, a saber: se *em historia ideal*, era forçoso q̄. o pensamento humano atravessasse um periodo mystico p.<sup>a</sup> passar do Naturalismo para a Imanencia, e q̄. por conseguinte o Cristianismo fosse, além de historicam.<sup>te</sup> fatal, logicam.<sup>te</sup> necessario? Essas reflexões teem-me fortalecido na minha conclusão. É ponto este p.<sup>a</sup> se conversar largam.<sup>te</sup> e não para tratar por carta, por isso nada mais digo, guardando-me p.<sup>a</sup> d'aqui a alguns mezes, em Lisboa. Só lhe farei notar uma coisa: é q̄. o espirito grego, no seu *virtuosismo* de dialectica, *avançou* quasi todas as conclusões de quasi todos os systemas possiveis, de sorte que tudo se encontra na Philosophia grega: mas tudo isto puro *dile-*

---

<sup>1</sup> Referência à polémica que Oliveira Martins teve com Antero de Quental, e o Conselheiro Dr. Júlio Marques de Vilhena a que já nos referimos.

*tantismo*, e sem  $\bar{q}$ . implique a necessidade ou mesmo a possibilidade de sair d'ali mais nada do  $\bar{q}$ . um jogo de espirito, *sophistico*. A grande corrente do pensamento grego, a unica  $\bar{q}$ . teve *suite*, que não foi mero brinco dialectico, é a  $\bar{q}$ . saindo de Parmenides e Anaxagoras se estreita em Socrates, se alarga e alteia em Platão, e vem a ser vasto lago em Aristoteles, ao qual, *realmente* todos vão beber, neo-platonicos — alexandrinicos estoiicos, e *tutti quanti*. Ora o Christianismo sae de tudo isto, e o espirito grego não tinha de *immediatam.<sup>te</sup>* fecunda e applicavel nenhuma outra corrente: o resto eram ribeiros caprixosos, muito bellos e sussurrantes, mas correndo à tóa, perdendo-se aqui n'um deserto areento ali n'um charco, sem darem um só deposito fundo. É por isso  $\bar{q}$ . a historia do pensam.<sup>to</sup> grego illude: como se acham formulas p.<sup>a</sup> tudo, suppõe-se  $\bar{q}$ . houve ali de tudo: *houve*, é certo, mas resta saber em  $\bar{q}$ . medida, com  $\bar{q}$ . alcance e  $\bar{q}$ . futuro. Mais de 100 annos antes de Platão já Protagoras dizia «o homem é a medida de todas as coisas» o g.<sup>de</sup> principio  $\bar{q}$ . ha-de fecundar Vico, e Kant e Hegel, e todos nós: mas  $\bar{q}$ . tirou d'isso o mundo antigo? nada: uma *curiosidade*, um *brinco* de sophistas. Como este ha mil exemplos. Não nos iludamos pois com conceitos a  $\bar{q}$ . nós atribuimos a profundidade  $\bar{q}$ . elles tem hoje p.<sup>a</sup> o nosso espirito, mas  $\bar{q}$ . não tinham p.<sup>a</sup> quem os formulou. São perolas  $\bar{q}$ . crianças descobriam, e de  $\bar{q}$ . se serviram p.<sup>a</sup> brincar o jogo das pedrinhas: foi preciso  $\bar{q}$ . viessem mais tarde homens e dissessem: o  $\bar{q}$ . estas pedrinhas são é perolas finissimas! Assim se me afigura o espirito grego fóra da sua g.<sup>de</sup> corrente; essa era seria, mas essa era a Transcendencia — Mais duas palavras ainda a respeito das influencias orientais. V. diz  $\bar{q}$ . houve no espirito grego uma g.<sup>de</sup> influencia do

Oriente e certo é; mas engana-se q.<sup>do</sup> suppõe q̄. foi só no sentido mystico. Foi em todos os sentidos. Os fundadores das escolas naturalistas receberam t.<sup>to</sup> como os mysticos, esse influxo: Democrito, o pae dos *atomos bicudos*, foi discipulo dos magos babilonicos; e Thales, basta dizer-se q̄. era de Mileto, p.<sup>a</sup> se vêr q.<sup>to</sup> orientalismo devera ter absorvido. Depois, o naturalismo d'essa gente não era o nosso: era uma metaphisica (como tudo q.<sup>to</sup> pensou a antiguidade) simplesm.<sup>to</sup> essa era uma metaphisica materialista. Procuravam, como todos, o *principio das coisas*: p.<sup>a</sup> Thales eram a agoa e o fogo, p.<sup>a</sup> Democrito os atomos: mas como a razão humana, afinando-se foi vendo q̄. nem fôgo, agoa ou particulas tenues correspondiam à sua idea de *principio*, chegou naturalm.<sup>to</sup> ao *Nous* ou Espirito de Anaxagoras: chegada porem a êste ponto tinha por força de mergulhar na Transcendencia, e foi o q̄. succedeu— Que lhe parece d'esta *evolução*? Mas sobre isto era mister um volume: fica pois *reservado* este assumpto.

Agora a proposito de *evolução*, dir-lhe-hei q̄. vou no meu livro<sup>1</sup> cap. «O Cosmos e a Evolução» tendo terminado o cap. «A Ordem» em q̄. pus toda a minha metaphisica, e q̄. dá só por si quasi um volume. Ainda não o reli, mas quere-me parecer q̄. ha n'elle muito de aproveitavel, e certam.<sup>to</sup> q.<sup>to</sup> baste p.<sup>a</sup> deixar *abananado* o publico letrado portuguez. O Herculano deve dar pulo com a minha theoria dos *seres colectivos*; mas não sei o que se possa responder áquillo, por q̄. *são factos*. Dentro em alguns mêzes V. verá e julgará. Não se me dava de ler alguma coisa de Hæckel (q̄. ja

---

<sup>1</sup> Programa para os trabalhos da geração nova, já citado.

conhecia por artigos da *Revue des cours*), e como vejo anunciado nas capas d'uma recente publicação da Bibliothéque de Philosophie Contemporaine um livro de L. Dumont, intitulado *Haeckel et la theorie de l'Evolution en Allemagne*, peço-lhe que veja se ja saio (sic) e em tal caso m'o envie. É conveniente não dar a ultima demão no meu capitulo, sem ver o que ha de mais *palpitante* na sciencia. — Li a famosa carta apocripha q̄. o Theophilo<sup>1</sup> publicou por autentica na sua Historia de Camões. É uma *bévue* gigantesca e q̄. pinta o homem. Alem das ideas e do estylo, q̄. estão denunciados nos menos prespicases a confecção (por q̄. tudo aquillo se refere á questão q̄. em 1856 se levantou em Lisboa e Coimbra sobre o Conselho de Instrucção Publica) ha ali citados dois versos de Nicolau Tolentino!!! e um trexo em puro francez do seculo XIX!! Isto é pyramidal! Versos de Nicolau Tolentino! *Requiescat in pace!* — Será seu um bello artigo do *Pensamento*? Desejava q̄. não, porq̄. era signal de haver n'aquella redacção alguém, alem de V. capaz de pensar e escrever assim. Mas certos dizeres denunciam-me a sua pena. O q̄. por ali vejo é q̄. a fantasia republicana está desfeita de todo no nosso grupo socialista, e dou por isso m.<sup>tas</sup> graças aos deuses. É necessario, de toda a necessidade, q̄. quebremos com os republicanos, e eu estou resolvido a faze-lo em voltando a Portugal. Ja esbocei essa *execução* em folheto com o titulo: *Os re-*

---

<sup>1</sup> Refere-se à epistola apócrifa, ou melhor fantasiada, de Aires Barbosa, datada da Esgueira, 153? Teofilo Braga, crédulamente, reproduziu-a, utilizando-a como fonte, na 1.ª ed. da *Historia de Camões*. V. Ricardo Jorge, *Contra um plágio* do Prof. Teofilo Braga. Lisboa, 1917, p. 27-28.

*publicanos perante a Republica*<sup>1</sup>; V. advinha em quaes ideas concebido. Urge q̄. ninguem nos tome nem por jacobinos nem por communistas. Adeus. Recebi os livros e agradeço o encomodo.

Seu do C.

*Anthero.*

---

IX

São Miguel, 26.

Caro Amigo.

Escrevo-lhe de São Miguel, onde estou ja de volta, e sempre no mesmo estado, em despeito da hydrotherapia. Aqui, porem, apenas me demorei até fins de Setembro, seguindo então p.<sup>a</sup> Lisboa, e d'ahi provavelm.<sup>10</sup> p.<sup>a</sup> Paris, se assim fôr preciso. Começo a estar caçado, e é forçoso decidir isto — se morro ou se vivo. O estado de moribundo hypothetico é coisa m.<sup>10</sup> tediosa: assim o tenho conhecido, a pesar da alta philosophia moral, q̄. me anima e robustece o espirito e infunde paciencia e paz — mas nem sempre se pode philosophar e moralisar: ha horas más e tristes: e q̄. as não houvesse, isto não é vida q̄. preste... Assim ver-nos-hemos mais cedo do q̄. julgavamos.

O mais natural é que espere em Lisboa pela primavera, p.<sup>a</sup> então seguir p.<sup>a</sup> Paris. Durante esses meses haverá alguma occasião de V. vir a Lisboa e talvez

---

<sup>1</sup> Saiu depois com o titulo *Portugal perante a revolução de Hespanha*. Lisboa, 1872, reproduzido nas *Prosas*, cit., vol. II.



mesmo q̄. eu possa, se melhorar um pouco, ir vel-o ao Porto. Conversaremos então sobre a *nossa questão*, e creio (sem vaidade) q̄. algumas coisas tenho a dizer q̄. lhe hão-de dissipar muitas duvidas. O *porq̄ abstracto* reside na evolução psyco-metaphisica efectuada desde Platão até á Renascença, e eu creio ter entrado — intimamente n'esse misterio. Mas é coisa p.<sup>a</sup> palestrar e e não p.<sup>a</sup> cartas.

Palestremos pois.

Não pense, amigo, q̄. durante estes meses ultimos tenho perdido inteiram.<sup>10</sup> o tempo. Aproveitei pouco com o m.<sup>10</sup> q̄. tenho lido, mas sempre aproveitei. Tenho alem d'isso estudado o alemão, e ja intendo menos mal o q̄. leio. E, a proposito: terminei a leitura do livro de Strauss (*a Fé nova*)<sup>1</sup> e é deploravel, amigo, deploravel! Desde ja dou razão ao Vera, mesmo sem o ter lido ainda. A sua philosophia é o pantheismo, mas o velho pantheismo spinosista, sombrio e fatal, embora m.<sup>10</sup> requintadm.<sup>1e</sup> metaphisico. Isto, na região da alta especulação: porq̄ no mais é o puro naturalismo, Hobbes e Darwin, a força, o «strugle for life» as leis da fatalidade animal transportados triunfantes p.<sup>a</sup> o mundo humano. A historia reduz-se às luctas das raças, das quaes sae um progresso á Pelletan<sup>2</sup>, um *augmento* de bem estar, de sciencia e de gosos estheticos. A sua politica é a do Renan na «Reforma intellectual» mas sem a firmesa, a intima comprehensão das coisas moraes q̄. explica e quasi justifica aquelle paradoxo ideal, antes com a dureza, estreiteza e brutalidade do legendario cabo-de-

---

<sup>1</sup> Sem duvida na trad. francêsa. — *L'ancienne et la nouvelle foi.*

<sup>2</sup> Alude ao livro de Eugène Pelletan — *Profession de foi du six-neuvième siècle.*

-esquadra prussiano. O Estado, a Autoridade, eis o seu deos social: quer uma lei contra as greves, invoca a cada passo a força contra as tendencias socialistas, escarnece cruam.<sup>10</sup> da propaganda contra a guerra. Tudo isto com aquella adoração pela força, aquella subser-viencia pelo successo q̄. é um dos peores traços do caracter-germanico. O q̄. é triste é considerar a gente q̄. estas disposições e este programma não são coisa indi-vidual, mas a tendencia d'uma grande maioria na Allemanha, pode quasi dizer-se a tendencia allemã: Auctoridade! auctoridade! é o brado dos philosophos, dos politicos, dos sabios allemães. Meu amigo: a lei-tura d'este livro mais acrisolou o meu amor quasi fa-natico pela França, pelo espirito frances. A Allemanha, se fiser alguma coisa boa (o q̄. é problematico) será só p.<sup>a</sup> si. Mas a França abre as veias p.<sup>a</sup> q̄. o mundo tôdo beba. Viva a França! Paro aqui, p.<sup>a</sup> me não tornar sentimental e lyrico...

Adeus, meu amigo, ou antes até á vista.

do seu do C.

*Anthero.*

Recebi finalm.<sup>10</sup> a « Morte de D. João » q̄. tinha aqui em S. Miguel à minha espera. Estou curiosissimo por saber o q̄. V. dirá a respeito d'elle. Mas q̄. admira-veis paginas! Ha-de faser-se d'aquelle rapaz<sup>1</sup> um g.<sup>de</sup> poeta — nos limites em q̄. hoje se pode sêr g.<sup>de</sup>

---

<sup>1</sup> Guerra Junqueiro. No jornal *O seculo XIX* já citado, pu-blicou tambem Antero uma critica ao poema *Morte de D. João*, que foi reproduzida nas *Prosas*, cit., vol. II.

poeta — um echo vibrante das g.<sup>das</sup> ideas do nosso tempo. Não lhe parece?

---

X

(26 de Junho de 1874)

Caro Martins.

Escrevo-lhe da Terceira. Aqui nos Açores ha um proverbio que reza: « São Miguel, burgueses ricos; Terceira, fidalgos pobres; Fayal, contrabandistas espertos ». Com effeito, a Terceira é uma terra essencialm.<sup>1o</sup> portugueza e *peninsular*: fidalguia, pobreza, toiros, *insouciance* sobria e philosophica, enthusiasmo, bizzarria e parlapatice: n'uma palavra, os defeitos e as qualidades correspondentes do idealismo peninsular, q̄. V. tão bem conhece e não menos bem descreveu ja. É q.<sup>1o</sup> basta p.<sup>a</sup> q̄. V. comprehenda quanto tenho gostado d'isto, eu q̄. de dia p.<sup>a</sup> dia me vou sentindo mais portugues, mais descubro em mim a fibra nacional e mais preciso pôr-me em comunhão com a *alma collectiva*. Isto é quasi lyrico de portuguesismo, mas tem desculpa em quem sae de São Miguel, a ilha holandesa (q̄. até ethimologicam.<sup>6o</sup> o é, em g.<sup>6o</sup> parte colonizada por *framengos*) o menos portugues de q.<sup>10s</sup> cantos do mundo onde se falla a lingua de Camões. Fique pois sabendo q̄. exultei ao pisar terra q̄. diz alguma coisa á minha *alma historica* e q̄. com ella se afina tanto mais quanto desembarquei no dia 22 de Junho, dia historico nos fastos da regeneração portugueza (22 de Junho de 32)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Embarque da expedição liberal em São Miguel com destino ao Porto.

Pago êste tributo ao patriotismo, passo a fallar-lhe de mim — *res augusta domi*. Segui p.<sup>a</sup> a Terceira e não p.<sup>a</sup> Paris porq.<sup>a</sup>, tendo experimentado algumas melhoras com os duches, e vendo n'isto uma indicação do tratam.<sup>to</sup> adequado ao meu mal, me pareceu melhor vir continuar aqui, poupando-me porventura ao encmodo e despesas de mais larga viagem. Ora estes dois pontos são por igual attendiveis p.<sup>a</sup> mim. Se me tiver enganado, é engano q̃. apenas importa a demora ou, se quiser, perda de alguns meses, o q̃. em doenças q̃. não teem character agudo, mas são, como é a minha, cronicas, é quasi indifferente. Já vê q̃. não ha n'isto extravagancia nem mysticismo.

Assim pois, aqui me tem por 2 ou 3 meses, e p.<sup>a</sup> aqui dirigirá V. a sua correspondencia, até q̃. eu o avise da minha volta p.<sup>a</sup> São Miguel. Na proxima viagem do paquete lhe direi das melhoras ou do q̃. houver a respeito do meu estado e das applicações hydrotherapicas. Por ora nada posso dizer, por q̃. só depois de amanhã começo o tratamento.

Leu o ultimo manifesto do Manzini? Chamo assim às paginas por elle escriptas a proposito do livro de Renan, Reforma intellectual.

Como nos parecem hoje vagos e secos os g.<sup>des</sup> homens de ha 30 annos! Apostolos, prophetas, heroes, todos elles parecem distantes de nós como se m.<sup>tos</sup> seculos nos separassem, tão differentes somos, tão differentes qualidades exigimos hoje nos nossos g.<sup>des</sup> homens. A m.<sup>ta</sup> nobreza moral é q̃. os salva perante a historia. Mas que estreitesa q̃. *onesideness*, q̃. falta de critica!

Francamente, só a consideração do respeito devido á memoria de Mazzini é q̃. me fez vencer o tedio d'aquella leitura e leval-a ao fim. Ah meu amigo, se

a nossa geração com a soma enorme de ideas e larguesas de vistas q̄. a caracteriza, tivesse metade q̄. fosse d'aquelle *impeto*, d'aquella vontade dedicada e absoluta, n'uma palavra, a Fé, q̄. grandes coisas não assinalariam o fim deste seculo 19! Mas o mais certo é q̄. o legado do seculo, digo, a parte mais valiosa d'esse legado, será o *destinguo* da sua critica implacavel. É o nosso papel, accomodemo-nos com elle.

Adeus.  
do C.

*Anthero.*

---

XI

1873

Caro Amigo.

Saio depois de amanhã p.<sup>a</sup> a Ilha de S. Miguel, onde me demorarei 4 ou 5 mezes, talvez. Escrevo-lhe á pressa só p.<sup>a</sup> o informar do resultado de varias incumbencias suas.

Encarreguei o Germano<sup>1</sup> de tratar com G. Monteiro ou Chardron<sup>2</sup> da publicação do seu folheto (*Mosarabismo*) q̄. não merece ir enterrar-se, com toda a sua

---

<sup>1</sup> Germano Vieira de Meireles condiscipulo de Antero na Universidade de Coimbra foi um seu grande amigo. Jornalista distinto dirigiu o *Século XIX* de Penafiel, onde Antero colaborou, e mais tarde o *Primeiro de Janeiro*.

<sup>2</sup> José Gomes Monteiro e Ernesto Chardron, livreiros-editores do Pôrto.

riqueza de ideas e vistas novas e excellentes, n'aquella necropole ignorada do Instituto<sup>1</sup>. O Germano fica por q̄. se ha-de achar editor. Entretanto, p<sup>a</sup> qualquer eventualid<sup>de</sup>, lhe dou a morada do dito nosso amigo, q̄. é «Hotel Oriental á Batalha, Porto». Apenas nos permittimos, eu e o Batalha, alterar aqui ou ali uma q̄. outra palavras, alguns verbos ou preposições, q̄. V. tratára com mais q̄. radical desprezo de suas gerarchias gramaticaes. Sobre tudo, a ultima parte do trabalho, o Romantismo, me agradou infinitam<sup>te</sup>, e é necessario dar toda a circulação áquellas sãns ideas.

Em q.<sup>to</sup> ao *Cattechismo* devolvo-o por q̄. o *Pensam.<sup>to</sup>* deixou de se publicar, promettendo contudo volver brevem<sup>te</sup> à vida, no q̄. não espero mt<sup>o</sup>, porq.<sup>to</sup> tenho notado q̄. são raros os *revenants* no mundo jornalístico. Seja como for, envio o artigo, porq̄. me parece (caso se tenha de publicar) q̄. V, deve corrigir certas phrases nada populares q̄. abundam, substituindo por circumloquios ou synonymos os termos mui abstractos ou scientificos, assim como certos dizeres pseudo-populares, escusados, e q̄. cheiram à litteratura dita *para o povo*, em 1848. De resto, perfeitam<sup>te</sup> de accordo, e acho bom o plano e bonissima a doutrina.

Quizera responder (e não por carta privada) aos seus artigos no *J. do Comercio*. Mas é-me impossivel, e aqui mesmo limitto-me a dizer-lhe 1.<sup>o</sup> q̄. gostei m<sup>to</sup> de os ler: 2.<sup>o</sup> q̄. concordo em certos pontos: 3.<sup>o</sup> q̄. tenho m<sup>to</sup> q̄. dizer a outros e 4.<sup>o</sup>, finalm<sup>te</sup>, q̄. entendo q̄. temos

---

<sup>1</sup> Revista da Sociedade Conimbricense do mesmo titulo. Oliveira Martins colaborou, em 1880, no *Instituto* com um artigo intitulado — «Da natureza e do logar das sciencias sociaes». Antero de Quental tambem colaborou na mesma revista no vol. XIII de 1862.

ambos razão, mas só meia razão, porq̄. nada de definitivo se pode aclarar sobre o assumpto em q.<sup>to</sup> se não houver feito uma theoria positiva (metafisica e scientifica) da Evolução, coisa q̄. se não fez ainda, nem fará tão cedo, e sem a qual a philosophia da Historia continuará por m<sup>to</sup> tempo ainda num periodo mais subjectivo do q̄. positivo. Sobre tudo isto conversaremos em Setembro, se, como conto, nos encontrar-mos então em Lisboa.

Tambem quisera ter tempo p.<sup>a</sup> tirar uma copia da ultima redacção do *Programma*, no qual incorporei, com poucas alterações, as suas emendas. Não tenho porem tempo. Alias, era só pelo gosto de lhe enviar uma coisa q̄. me parece ter fundo e unidade bastante, e q̄. me satisfaz, pelo menos como plano de estudo e *planteamento* das questões essenciaes: por q.<sup>to</sup> não foi possivel faze-lo aceitar pelos collectivistas *rabiosos* do nosso cenaculo <sup>1</sup>, de tal sorte q̄., p.<sup>a</sup> não se levantarem *scismas* assentou-se em não haver programma, e organizar-se a Associação projectada sobre a base apenas das *communis aspirações!* Afinal, talvez seja melhor. Veremos. E mister crer na espontaneidade e no processo natural porq̄. as doutrinas por si mesmas se organisam. E como, por outro lado, se assentou em q̄. cada grupo podia ter o seu programma especial, nada impede q̄. formemos

---

<sup>1</sup> O cenáculo era constituido por Antero, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Salomão Saraga, Jaime Batalha Reis, João Lobo de Moura, Santos Valente e Mariano Machado, mais tarde pertenceu também ao cenáculo Ramalho Ortigão. As reuniões do cenáculo efectuaram-se na Travessa do Guarda-mór. — Vid. *Um genio que era um santo*, de Eça de Queiroz no *In memoriam* de Antero de Quental.

nós um, composto de adherentes à nossa doutrina critico-historica mutualista.

Por cá, tudo em santa paz. Passou rapido o arrepio causado pela proclamação da republica em Hespanha. E creio q̄. é melhor assim. O mal é q̄. esta gente, se por instincto está no bom caminho no q̄. elle tem de *negativo*, não está pela reflexão no q̄. elle tem de *affirmativo*, de sorte q̄. todo este bom senso portuguez pode não ser mais no fundo do q̄. a apathia da senilidade, senilidade estonteada de vez em q.<sup>do</sup> por umas visualidades e pruridos impotentes de falso idealismo. Os republicanos, cujos centros tenho ultimam.<sup>te</sup> visitado, representam este lado das illusões senis: tem muitas braças de profundeza o poço de phrases velhas estagnadas em q̄. elles mergulham, cuidando de m.<sup>to</sup> boa fé q̄. navegam pelo alto e livre mar.

Por hora ainda não encontrei um homem nem uma idea. Apego-me pois com mais ancia do q̄. nunca ao *labora et nolli contristari* do velho monge, e mais do q̄. nunca estou resolvido a nada fazer e a nada esperar senão na sciencia. Passo a enterrar-me na poltrona do philosopho, pelo menos durante alguns annos; sem me julgar desobrigado, ja se vê, de fazer qualquer outra coisa no dia em q̄. qualquer outra coisa pareça mais meritoria ou oportuna do q̄. a philosophia. — Mas deixemos isto, q̄. excede o programa puram.<sup>te</sup> noticioso desta carta.

Em q.<sup>to</sup> ao livro do K. Marx não lh'o mandei por q̄. o exemplar (q̄. alias não era toda a obra, mas só a parte por ora traduzida)<sup>1</sup>, ja não estava na livraria. V. se irá remediando com a analyse do consciencioso e sem-

---

<sup>1</sup> Sem dúvida, *O Capital*.



sabor Block. — Recomendo-lhe q̄. me envie p.<sup>a</sup> a Ilha (A. de Quental, Ilha de S. Miguel, é q.<sup>to</sup> basta) o q̄. for saindo das suas publicações, socialistas ou literarias, favorecendo-me justamente com alguma d'aquellas suas cartas, como V. m'as sabe escrever, q̄. me animem e de q̄. la precisarei por certo. Veremos se em Setembro lhe trago *alfim* terminado o meu interminavel livro! Para revolucionario, ninguem dirá q̄. não acato os preceitos horacianos de tempo e lima! Dir-se-hia um arcade proudhoniano! Tratarei de sair d'este aperto q.<sup>to</sup> antes.

Adeus. Recomende-me a sua mulher, e ao nosso amigo Ellicott<sup>1</sup> e desponha do seu do C.

*Anthero*

NB. O Batalha lhe escreverá breve p.<sup>a</sup> lhe commu-  
nicar o plano d'uma empresa minha e d'elle, p.<sup>a</sup> a qual  
contamos com a sua coadjuvação. É uma *Revista*<sup>2</sup> q̄.  
vamos fundar, cujo projecto o B (Batalha Reis) fica  
encarregado de compor.

---

<sup>1</sup> Henryque Ellicott, foi sócio da firma Ellicott, Abreu & C.<sup>a</sup> de que Oliveira Martins foi empregado; por morte de um dos sócios a firma liquidou, tendo então o escritor seguido para as minas de Santa Eufémia, na Estremadura espanhola, em companhia do seu amigo Ellicott. Oliveira Martins contava então 24 anos.

<sup>2</sup> Trata-se da *Revista Occidental*, colaborada pelos mais distintos escritores da época, portuguezes e espanhoes, entre eles Eça de Queiros, que ali publicou o *Crime do Padre Amaro*.

XII

Angra, (24-7-1874)

Querido amigo.

Só duas linhas, porq̄, infelism.<sup>1o</sup>, ainda q̄. teria bastante a dizer-lhe, causa-me actualm.<sup>1o</sup> m.<sup>1o</sup> encommodo escrever. Não é q̄. esteja peor; parece até q̄. ha symptomas de melhora, ou tendencia p.<sup>a</sup> ella: mas entrou a doença n'uma phase nova, e m.<sup>1o</sup> encommoda, porq̄. me obriga a estar sempre deitado. É como q̄. uma deslocação da séde da enfermidade, do estomago p.<sup>a</sup> os intestinos, de tal sorte q̄. não posso estar nem de pé nem sentado, mas só na posição horisontal. É pouco grato, isto. Vingo-me lendo furiosam.<sup>1o</sup>: mas, como *não posso* faser outra coisa, é uma leitura forçada q̄. pouco aproveito. Actualm.<sup>1o</sup> releio o Plutarcho, de q̄. sempre fui m.<sup>1o</sup> devoto; e cada vez me convenço mais q̄. ainda bem pouca gente entendeu a vida dos homens antigos: fiseram uma coisa de convenção e fantasia («a livre vida naturalista»), um puro pastiche a q̄. nem Taine nem o proprio Michelet foram superiores. Havet, sim, esse comprehendeu o q̄. ha de estreito, *atado* no sentir e viver antigo, a rede de superstição q̄. enleava o menor pensam.<sup>1o</sup> e o menor acto. Pasma a gente de ver os Aristides, os Themistocles e não menos os Socrates e os Platões prezos a cada passo na teia de aranha de escrupulos de velhas beatas. E era essa «a livre vida naturalista»! Isto me aproxima do nosso ponto, a *nossa questão*, q̄., concordo com V, é a g.<sup>do</sup> questão, a chave da philosophia da historia, e por ahi, em g.<sup>do</sup> parte, a chave da philosophia. Aprovo altam.<sup>1o</sup> o seu programma de

estudo: mas intendo q̄. nada poderá concluir solidam.<sup>10</sup> se não acompanhar esse estudo d'outro: a historia da philosophia antiga. O *ponto* é, me parece, este: podia o espirito antigo, representado no q̄. tinha de mais alto, as suas escolas philosophicas constituir uma *philosophia positiva*, isto é, dar uma solução positiva á metaphisica e cosmogonia, estabelecendo por conseg.<sup>10</sup> o ponto de vista da Immanencia? Se sim, então é certo q̄. só causas externas á intima evolução do pensam.<sup>10</sup> antigo (Oriente, Barbaros) poderam perturbar o curso normal d'esse desenvolvim.<sup>10</sup>, e q̄. o Ch.<sup>mo</sup> e Idade Media se devem considerar *fortuitos*. Se não, devemos concluir q̄., d'um modo ou d'outro, um Ch.<sup>mo</sup> *uma* Ultra-transcend.<sup>cia</sup> e por conseg.<sup>10</sup> *uma* Idade Media eram necessarios, eram fases logicas da Evolução. Se uma philosophia positiva não era ainda possivel, então a philosophia *devia* inclinar cada vez mais p.<sup>a</sup> a mysticismo, e auxiliar assim o movim.<sup>10</sup> de recrudescencia religiosa das massas, temperando o, espiritualizando-o, *metaphisicando-o*, mas dando-lhe uma força e extensão pasmosas. Isto foi o q̄. aconteceu: e eu sustento q̄. *devia* acontecer, porq̄. não vêjo nem na sciencia nem na metaphisica antiga um unico elemento serio de philosophia positiva. —

Mas tenho de pôr ponto aqui. Vou ler curiosamente o Foucart, e depois direi se houver de q̄.

Q.<sup>10</sup> às nossas contas, esqueceu V. q̄. eu lhe devia ainda 3\$000.<sup>rs</sup> d'uns fretes no vapor, o q̄. junto aos 1.200<sup>rs</sup> do Foucart deve andar pelo dinheiro que aqui dei ao J. Machado; se não me engano, 7\$800 fracos. Essa differença pode V. empregal-a em me comprar dois livros q̄. altam.<sup>10</sup> me apetezem: «*Erasmè*, por M. Feugère» (Hachette) e o livrinho sobre Rabelais em q̄.

me fallou em tempo e q̃. até me quer parecer q̃. tambem é de Feugère. Isto é abusar; mas com quem se ha-de abusar senão com os amigos?

Adeus. Conto demorar-me n'esta Ilha ainda até fins de Outubro, se não até fins de Novembro, p<sup>a</sup> me desenganar conscienciosam<sup>te</sup> da hydropathia, ou então conscienciosam.<sup>te</sup> aproveitar.

Recomende-me à lembrança de sua mulher, e bem assim ao nosso amigo Ellicott.

adeus

Do C.

*Anthero*

---

### XIII

Querido Amigo.

Lembra-se do Fonseca Pinto? Parece q̃. com effeito existem estrellas más, considerando a tenacidade com q̃. as coisas se dispõem em relação a certos infelizes, exactamente como se conspirassem contra elles! O Fonseca lhe contará o bastante p.<sup>a</sup> V. apreciar isto. Agora eil-o ahi vae p.<sup>a</sup> o Porto, onde talvez com as habilitações literarias q̃. tem, lhe seja mais facil fazer alguma coisa, encontrar em q̃. ganhar um pedaço de pão. Lisboa é uma terra *atuhlada* de gente *habilitada*! Não sei bem em q̃. V. o poderá ajudar, porq̃. não sei quaes são as suas relações n'essa terra: entret.<sup>to</sup> elle ha-de procural-o. Fui eu q̃. lhe aconselhei q̃. o procurasse. Fis bem, não é assim?

De mim, nada tenho a dizer, q̃. interesse. Recebi os remedios q̃. o excellente Brandt me enviou (e descul-

pe-me com elle por não lhe escrever accusando a recepção e agradecendo, considerando o mt.º q̄. me está custando este exercicio) e ha 8 dias q̄. os uso, mas sem o menor resultado. O Cabral, meu assistente, diz q̄. a doença é effectivam<sup>te</sup> de espinha, conformando-se em g.<sup>de</sup> parte com o diagnostico do Chinez da Ilha Terceira. Veremos em q̄. isto dispára.

Iria vel-o ahi, e passar algum tempo em sua companhia, se phisicam.<sup>te</sup> o podesse fazer; o que não posso. Apenas posso estar sentado 2 a 3 h. por dia, o resto deitado e nos caminhos de ferro não ha camas.

Por hoje não posso mais: adeus.

Veja se descobre o Germano.

seu do C.

*Anthero*

---

#### XIV

(Jan.º 75.)

Caro amigo.

A Revista não sáe antes dos primeiros dias de Fevereiro, por isso lhe devolvo a chronica, p.<sup>a</sup> q̄. V. em tempo competente lhe ajunte o necessario p.<sup>a</sup> a pôr em dia. — Achei excellente o estylo d'ella, e (p.<sup>a</sup> meu gosto) superior ao da «Introduccão». Diz porém V. q̄. fez um *pastiche* da maneira de Renan e da de Mazade, o q̄. me leva a crêr q̄. considéra este estylo como inferior ao seu usual e como coisa forçada e artificial. Eu ainda não sei bem qual é a sua *maneira* natural e espontanea, e quer-me parecer q̄., apesar de V. ja ter escripto bastante, ainda não chegou a fixa-la. O q̄. sei porem é q̄. o estylo proprio p.<sup>a</sup> expressar as ideas de

hoje, e adequado ás exigencias criticas do espirito contemporaneo, é t.<sup>to</sup> melhor q. <sup>to</sup> mais ductil e seguido, e q. <sup>to</sup> menos inteiriço e affirmativo.

Só as g.<sup>des</sup> individualidades podem ter (eu lhes admitto q̄. tenham) um estylo individual e subjectivo Michelet é um grande escriptor *sui-generis*, mas por isso mesmo não pode servir de modelo. A nós, q̄. não somos Michelets, convem-nos um estylo impessoal, puram.<sup>te</sup> racional e critico, q̄. não pode deixar de ser um pouco *effacé*, mas q̄. é seguram.<sup>te</sup> preferivel a uma meia-distincção ou uma distincção pobre, como é pobre e mediana a individualidade q̄. n'elle se reflete. P.<sup>a</sup> se escrever com *affirmação* é preciso ser-se uma individualidade m.<sup>to</sup> affirmativa; com paixão, uma individualid.<sup>de</sup> muito apaixonada; com *imaginação*, uma individualid.<sup>de</sup> m.<sup>to</sup> imaginativa... e assim por diante. Faz isto os *grandes escriptores*, q̄. não são propriam.<sup>te</sup> *escriptores*, mas poetas, videntes e g.<sup>des</sup> homens no fundo — Rabelais, Lutheró, Carlyle, Michelet, Hugo.

São-me sugeridas estas reflexões pela comparação da sua «Introducção» e da chronica.

A primeira está na maneira dos g.<sup>des</sup> estylos, e devo dizer-lhe que não me parece sustentar-se n'essa altura; e, desde q̄., se não sustenta, cáe, a imaginação torna-se *enfluxe*, enphase, e a *afirmação* não se impõe, porq̄. não vem apoiada numa onda de originalid.<sup>de</sup> q̄. arrasta.

Com o outro estylo não é possível cair. Se quem escreve não tem q̄. dizer senão banalidades, corre o risco de adormecer o leitor; mas contanto q̄. diga alg. coisa, vae m.<sup>to</sup> bem e m.<sup>to</sup> direitinho até ao fim. Quer-me parecer por algumas coisas suas q̄. tenho lido ultimam.<sup>te</sup> q̄. V. tem por typo de estylo o de Michelet: mas não confunda as impressões q̄. lhe produz aquelle

estyllo maravilhoso e individualissimo, com o valor objectivo d'elle como *typo* a seguir. Como *typo*, é o ultimo, quanto a mim, por isso q̄. é inimitavel. V. acha a maneira Mazade inferior, quasi desprezivel: eu não acho: o q̄. acho inferior é o mesmo Mazade, q̄. sabendo escrever, não tem q̄. dizer, ou não se atreve a dizer.

Não sei o q̄. V. pensará d'estas opiniões. Mas, como me consultou, entendi dever dizer-lhe, ainda q̄. por alto, as ideas q̄. actualm.<sup>te</sup> tenho sobre *estyllos*, reservando mais largos desenvolvim.<sup>tos</sup> p.<sup>a</sup> q.<sup>do</sup> nos virmos, e então lhe direi tambem o q̄. penso do *fundo* e doutrina da sua «Introducção». Mas isso será longo e eu não posso por carta. Adeus, Batalha está p.<sup>a</sup> Hespanha.

Seu do C.

*Anthero*

---

XV

Amigo.

A *Revista* (cujo 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> ainda d'esta vez saio a tempo) espera os seus artigos. Aprovo m.<sup>to</sup> o proposito de reescrever *a moral religiosa dos gregos* no sentido q̄. diz: adoçar as affirmações e reformar o styllo. Tambem sou de parecer q̄. tire as citações de 2.<sup>a</sup> mão, e deixe só as dos *antigos*. Q.<sup>to</sup> ao Socialismo, o Batalha mostra-se receoso um pouco, e recomenda-lhe prudencia: V. por certo saberá combinar convenientem.<sup>te</sup> as tintas com q̄. escrever. Eu receio mt.<sup>o</sup> mais do Padre Amaro <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Referência ao romance de Eça de Queiroz, publicado na *Revista Occidental*.

(q̄. é Pigault-Lebrun forrado de Flaubert como V. irá vendo e pasmando) do que do Socialismo; mas o Batalha tem ideas fixas, e algumas bem singulares: diz q̄. o Padre Amaro é *uma revolução*, e não sáe d'aqui. Entretanto machina-se em volta da Revista (como se não bastasse o Rovese!) e espalha-se q̄. é *iberica*. Isto deve partir da gente da «Correspondencia de Portugal» e o q̄ m'ó faz crer mais é a attitude tomada pelo «Jornal da Noite». V, verá, por esse n.º q̄. lhe mando, a perfidia com q̄. o Teixeira <sup>1</sup> insinúa a coisa. Não se pode passar sem responder terminantem.<sup>2</sup> a taes insinuações. O Batalha mandou hoje ao J. da Noite uma carta séria e digna, mas forte, extranhando as perfidias do espirituoso marmarro. Convirá q̄. V. lhe dê tambem um ar da sua graça, t.º mais q.º é a sua introdução o corpo de delicto. Está claro q̄. se repele terminant.<sup>3</sup> qualquer idea de iberismo. Se vierem com o meu folheto iberico, eu cá estou p.<sup>4</sup> responder — Argumentaremos. Uma *questão* em volta da Revista não pode fazer-lhe senão bem, e nós estâmos dispostos a *fazer questão!* Continuo com os meus estudos philosophicos. Tenho reflectido nas suas observações a respeito dos *typos da Evolução*, e concordo consigo em q̄. tudo até ao mundo organico exclusivam.<sup>5</sup> se redus a um só *typo* o *mechanismo*. Reformarei n'este sentido o meu *Ensaio*. Mas q.<sup>do?</sup> estas melhoras vão tão lentas, q̄. ja perco a esperanza de poder fazer alg. coisa antes dos 50 annos, idade em q̄., no dizer do Herculano, os cerebros peninsulares começam a dessorar-se! Por Herculano: as

---

<sup>1</sup> António Augusto Teixeira de Vasconcelos notável jornalista, director do *Jornal da Noite*, onde colaboraram os mais distintos escritores da época.



suas *chronicas* devem ter-lhe feito impressão fulminante. A 2.<sup>a</sup> achei-a ainda melhor q̄. a 1.<sup>a</sup> V. descobrio o verdadeiro *tom*. Mas q̄. terrivel dissolvente é a sua critica, armada com o lucido sorriso Mephisto-Proudhoniano!

seu do C.

*Anthero*

---

XVI

26 de Outubro

Caro Martins.

Recebi. Agradeço. Como vai Afonso 6.<sup>o</sup> 1? Cá o esperamos, eu e Batalha, p.<sup>a</sup> nova leitura. Saberá q̄ estou declarado oficialmente *traidor* pelo centro republicano (Carrilho<sup>2</sup>). É uma situação que me agrada em extremo e q̄. espero sempre merecer e conservar. Recommecei com a minha *Theoria da Religião*: oxalá possa desta vêz seguir sem transtorno. As nossas duas *Theorias*<sup>3</sup> serão dois livros q̄. se completam um pelo outro ou se apoiam um no outro, pois apresentam dois aspectos d'uma mesma ideia, a da *Razão* collectiva. Cada vêz estou mais convencido de q̄. a sua *Theoria* será o

---

<sup>1</sup> Referência a um drama histórico que o escritor escreveu e se conserva inédito na posse do sr. Jaime Batalha Reis.

<sup>2</sup> Carrilho Videira, proprietário da Livraria Internacional, foi um livreiro inteligente, editando muitos livros de propaganda republicana e científica de Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Teixeira Bastos, etc., etc.

<sup>3</sup> Alusão à *Theoria do Socialismo*, que Oliveira Martins publicára em 1870.

*Espirito das Leis* do nosso seculo. É alguma coisa. Veja se isto o anima.

Escrevo deitado, por isso me saê tão má letra. Adeus. Os meus cumprimentos a sua mulher.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

XVII

14 de Março

Caro amigo.

Acabo de lêr o seu Estudo *dorico*. Bom, m.<sup>to</sup> bom, *bom por todos*, como se diz nos exames.

Sou a dizer-lhe q̄. V. exagera a difficuld.<sup>de</sup> q̄ tem de *ser escritor*. Depois d'esta prova, vejo q̄. a tal difficuld.<sup>de</sup> se reduz simplesm.<sup>te</sup> a falta de cuidado ou de paciencia. Se não despresa profundam.<sup>te</sup> o *ser escritor* (como o nosso Batalha, q̄. está tendo theorias assombrosas a este respeito — e praticas, q̄. é peor!) faça, sempre q̄. escrever sobre assumpto serio e delicado, o q̄. fez desta vez: *escreva duas vezes*. Considere a 1.<sup>a</sup> um borrão sobre q̄. deixa passar, 15 ou 20 dias; releia-o depois, rumine, e depois escreva de novo. E será escritor... *tu Marcellus eris!* O seu estudo está, como já disse, m.<sup>to</sup> bom: tem delicadeza, reservas, tons — *tons!* V. sabe q̄ é a g.<sup>de</sup> coisa! — tem facilid.<sup>de</sup> e naturalidade. Podia ainda diser mais, sem ser exagerado: mas creio q̄. estas qualid.<sup>des</sup> ja fazem uma mão cheia d'ellas muito rasoavel. Quanto ao *fundo* nada tenho a dizer, porq̄. tudo disse nas nossas palestras de ha um mêz.

Escaparam-lhe meia duzia de descuidos, em q̄. era forçoso ver erros de gramatica: como eram evidentes, entendi q̄. podia emendal-os, o q̄. fiz. Ha uma phrase q̄. me parece crua e exagerada: é a seg.<sup>10</sup>: «Uma *estreiteza acanhada* no pensam.<sup>10</sup> uma mobilid.<sup>de</sup> constante no sentim.<sup>10</sup> brilhantes mas subtis, *artistas não poetas*, eis ahi os futuros athenienses do seculo de Pericles ». Acho excessivo, injusto quasi paradoxal. Platão e Aristoteles e Zenon *estreitos e acanhados!* Sophocles, Simonides e Euripides *não poetas*. Afigura-se-me mais exacto diser: «uma certa indeterminação e o q̄. quer q̄. é de fugitivo no pensam.<sup>10</sup> mais artistas do q̄. poetas». Proponho-lhe esta modificação ou outra analoga — Outra. Diz V, «Para os gregos o Fado é a expressão da necessidade organica das coisas, *natura rerum*». No seu lugar, tirava-lhe este latim. Por duas razões: 1.<sup>a</sup> porq̄. é latim, o q̄. n'este assumpto grego nada diz nem adianta: 2.<sup>o</sup> e principalm.<sup>10</sup> porq̄. esta expressão está consagrada pelo poema de Lucrecio, o qual quer explicar a *essencia das coisas* (o atomismo) e não a *razão e necessidade organica* das mesmas, o q̄. é bem diferente. — Quanto á polemica projectada com o «J. da da Noite», creio q̄. nenhum de nós terá ocasião de sair a terreiro, porq̄. o «espirituoso masmarro», como V. terá visto, bateu em retirada, ou antes, executou um movimento de flanco p.<sup>a</sup> illudir a questão. Em todo o caso, o Jayme lá lhe responde hoje, mas, se continuar a polemica, ficará concentrada entre os dois, segundo me parece —

Ja lhe tinha enviado as *Odes*, q.<sup>do</sup> recebi a sua reclamação, e enviei outro exemplar, receiando extravio no correio, caso agora m.<sup>10</sup> frequente, segundo oiço. Se tambem não recebeu este 2.<sup>o</sup>, reclame ambos no cor-

reio, e se os não alcançar, avise p.<sup>a</sup> eu enviar outro, com mais precauções ou recibos. O Jayme ficou em lhe mandar o livro do G. de Azevedo *Alma-Nova*, e como é caso q̄. interessa a Revista, é de crer q̄. se não esquecesse — porq̄. devo diser-lhe q̄. o novo amigo ja não existe ja não respira senão p.<sup>a</sup> ella: p.<sup>a</sup> tudo mais morreu: a Revista é o seu cenóbio, o seu mosteiro, a sua Cartucha! Honra lhe seja! — Se V. em despeito dos correios hostis, recebeu as *Odes*, peço-lhe que as leia como se fôsse um livro novo, abstrahindo inteiram.<sup>te</sup> da 1.<sup>a</sup> edição, e diga-me depois q̄. impressão lhe fez. Isto, ja se vê, sem prejuizo do artigo p.<sup>a</sup> a Revista, em q̄. o Batalha tem m.<sup>to</sup> empenho: a mim manda-me a modestia não dizer nada <sup>1</sup>. — Os meus estudos philosophicos tem afrouxado m.<sup>to</sup> ultimam.<sup>te</sup> porq.<sup>to</sup> a Revista leva-me tempo e distrãe-me: por isso nada lhe posso diser por ora do livro do Véra, q̄. todavia me proponho ler detidam.<sup>te</sup>. É incrível até que ponto não posso faser mais d'uma só coisa ao m.<sup>o</sup> tempo! É o ideal do *monismo*! — Cá tenho doutrinado o Junqueiro, segundo o seu programa. Elle está aqui meu visinho, e visita-me com frequencia. Consegui d'elle uma reforma no plano e no titulo do *Jehovah*, no sentido das nossas criticas, e creio q̄. com ella m.<sup>to</sup> lucrará o poema, não só no seu valor philosophico, mas ainda no poetico, porq̄. a idea poetica sae t.<sup>to</sup> mais abundante e livre q.<sup>to</sup> mais clara e logica é a idea philosophica. E digam lá q̄. a critica é inimiga da inspiração! Adeus, carissimo. Receba

<sup>1</sup> Depreende-se que Oliveira Martins tencionava escrever sôbre as *Odes Modernas*; e de facto no n.<sup>o</sup> 2 do 2.<sup>o</sup> anno da *Revista occi-dental* (1875) sob o titulo *Os poetas da escola nova* publicou um ensaio crítico sôbre as *Odes Modernas*, a *Alma Nova* e a *Morte de D. João*.

lembranças de minha mãe e irmã, as quaes tambem se recomendam a sua mulher, e eu com elles.

Do seu de C.

*Anthero de Q.*

De saude nada digo porq̃. continuo na mesma. Mas o Cabral está satisfeito.

---

XVIII

16 de Abril.

Querido amigo.

Lembra-se d'uns artigos q̃. ha 3 annos publiquei no «Diario Popular»<sup>1</sup> sobre a sua *Theoria do Socialismo*? Se por acaso possue o 2.º desses artigos, peço-lhe m'õ envie immediatam.<sup>te</sup>. Preciso d'elle e aqui não tem havido meio de o alcançar. Para q̃. o preciso, direi. Sabe q̃. ha aqui g.<sup>de</sup> faina de organização e reorganização de partidos: o republicano está finalm.<sup>te</sup> constituido e com *gente séria* e tende a engrossar.

Deu banquete e abriu centro. Ora eu fui convidado p.<sup>a</sup> o banquete, e não fui ao banquete; convidado p.<sup>a</sup> o centro, e não vou ao centro. Sou pois *grande traidor*. Como isto me aborrece e por outro lado estou convencido de q̃. todo este radicalismo (os historicos e reforminhos estão aqui estão republ.) é absurdo, esteril, perigoso; como, ainda por outro lado, acho q̃. é caso

---

<sup>1</sup> Em fevereiro de 1873. Incluídos no vol. II das *Prosas*.

de consciencia esclarecer sobre tudo isto os nossos amigos socialistas, e preyenil-os contra a propaganda republicana q̄. os trabalha; tomei uma resolução: *boto folheto!* É fado meu este dos folhetos!... Boto folheto, pois, e proponho-me diser *tudo*; como\* e porq̄. sou socialista, como no ponto de vista socialista todos os partidos são estereis, e como o republicanismo hoje e aqui é uma chimera. Digo por uma vez o q̄. penso e saio d'uma situação equivocada q̄. me encomoda. Infelizm.<sup>te</sup> as intempestivas dores de cabeça q̄. ainda me não largaram, não me deixam trabalhar com intensidade, e p.<sup>a</sup> poupar trabalho q̄. me custa tomo o expediente de inserir no folheto certos bocados ja escriptos. Um d'elles é o tal 2.<sup>o</sup> artigo do Popular, q̄. em tempo foi m.<sup>to</sup> aprovado como resumindo bem certos pontos. Mande-o pois se o tem, e de caminho diga o q̄. lhe parece e indique os pontos q̄. acha essencial tocarem-se. Desejo m.<sup>to</sup> ir nisto o mais possivel com o seu pensam.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> q̄. o folheto fique o manifesto do *nosso* partido, q̄. como sabe, se compõe de nós dois.

Folguei m.<sup>to</sup> com o q̄. na sua ultima diz a respeito do methodo q̄. vai seguindo nos seus estudos. Os antigos não bastam, mas nada basta sem os antigos. Leia-os pois e *impregne-se*.

adeus  
seu do C.

*Anthero.*

O-folheto intitula-se *O Socialismo e os Partidos*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Não chegou a ser publicado.

XIX

29 de Abril.

Caro Martins.

Como não queria escrever-lhe sem ter lido ja o seu 2.º artigo dos gregos, tive de demorar até hoje esta carta, visto q̄. trabalhos urgentes da Revista me teem ultimamente tomado todo o tempo, complicado isto com uma certa aggravação do meu estado de doença. N'este intervalo recebi uma longa e profunda carta sua, á qual tenho muito q̄. responder, mas por isso mesmo não respondo agora, guardando-me para conversarmos sobre o assumpto, se, como parece decidido pelo meu Esculapio, eu fôr estar no Minho algum tempo. Recebi tambem o artigo sobre Os trez poetas <sup>1</sup>mas vamos primeiro aos gregos.

Acho este artigo superior e inferior ao 1.º: superior na elevação philosophica e moral, na altura em q̄ V. se coloca, tomando um tom quente e apostolico: inferior, não só artisticam.<sup>te</sup>, tendo menos unidade e vida como quadro historico, e um estylo menos correntio e ordenado, parecendo escrito m.<sup>to</sup> á pressa, mas alem d'isto, na exposição das suas ideas philosophicas, uma certa confusão q̄. me parece resultar de V. não ter aquillo inteiram.<sup>te</sup> *cosido* na cabeça, mas ainda em fermentação. A linha da sua idéa não se accusa com clareza, saindo no meio d'isto, de vez em q.<sup>do</sup> certas afirmações categoricas, q̄. qualquer leitor (q̄. de antemão não conheça ja o seu modo de philosophar, ou a sua philosophia) terá dificuldade em ligar com o resto.

---

<sup>1</sup> Vid. a nota de página 38.

Por outra : para affirmação (ou *confissão*) são de mais as provas e argumentos : para demonstração, queriam-se então mais provas, argumentos mais ligados e uma deducção mais seguida. Verdade é q̄. isso pedia um trabalho á parte. É o inconveniente da confusão dos generos, não ficar bem uma coisa nem outra. Por tudo isto acho este artigo, como artigo sobre a moral religiosa dos gregos, inferior ao primeiro. Como *confissão*, acho-a feita n'um alto espirito (e V. sabe q.<sup>to</sup> concordo com ella) mas d'algum modo apertada no quadro onde Você a meteu, pouco á vontade, e alem d'isso, scientificamente, confusa, *heurtée*. Entretanto, não vão tão longe estes defeitos q̄. eu considere o artigo como indigno de figurar ao lado do seu primogenito : será ao lado de um atheniense delicado e sereno, um robusto spartano, franco e energico, ainda q̄. um tanto inculto. — Escuso diser-lhe q̄. ainda d'esta vez não me converteu V. á philosophia ante-socratica, porq̄. cada vez creio mais q̄. ella foi mt.<sup>o</sup> differente d'aquillo por q̄. V. a inculca. Mas isto nada tem com a minha avaliação do seu artigo pois reconheço q̄. na parte historica váe V. m.<sup>to</sup> melhor, e mantem-se sempre em m.<sup>to</sup> bom terreno, e onde váe peor é depois, quando dogmatiza. — Nada achei q̄. provocasse os meus escrupulos, por isso não envio a nota q̄. V. pedia; appareceram apenas alguns descuidos e incorreções — Tudo bem pesado, acho o artigo m.<sup>to</sup> publicavel. Mas sou de parecer q̄. em trabalhos d'esta natureza não convem dogmatizar, nem introduzir confissões. V. pode faze-las m.<sup>to</sup> melhor, m.<sup>to</sup> mais á vontade, em artigos especialm.<sup>to</sup> dedicados a isso.

Vamos agora aos *Poetas*. Achei-os famosos. Tudo aquillo bem visto, bem pensado e bem dito. A *littera-*



*tura* não ha-de ser d'esta opinião, porq̃. ellas (as gens-de-lettres) não perceberão q̃. aquillo é uma critica philosophica e não literaria V. pos m.<sup>to</sup> bem em relevo a phisionomia apostolica, sectaria da nossa poesia e n'essa phisionomia geral a especial de cada poeta está m.<sup>to</sup> finamente estudada, e até com mais firmesa e relevo do q̃. eu julguei V. fosse capaz. Tambem *desentranha* admiravelm.<sup>to</sup> a philosophia envolta n'aquella poesia, ou q̃. aquella poesia presupõe e a q̃. corresponde: e, coisa singular, sem querer dogmatisar, simplesmente explicando, *confessou-se* m.<sup>to</sup> melhor do q̃. no artigo dos gregos.

Considero a sua critica como definitiva, embora n'este ou aquelle caso particular haja direito a apelar do seu juizo. É o q̃. acontece com as criticas de Proudhon, e esta é do mesmo genero: fica a linha logica, o ponto de vista, as conclusões fundamentaes: ha apenas a mitigar ou ampliar, no ponto de vista esthetico e propriam.<sup>to</sup> litterario, este ou aquelle juizo incidente. Eu por mim dou-me por cabalm.<sup>to</sup> comprehendido e explicado: e ainda q̃. os collegas em Apollo se darão igualm.<sup>to</sup> V. bem sabe q̃. depois de querermos *converter*, os outros, fomos nós os convertidos. Rendemo-nos à potencia soberana do seculo: a critica. Mas isto não o podia V. dizer, porq̃. ainda o não manifestámos em actos poeticos. Creio q̃. os dois novos livros do Junqueiro *Sombra de Jehova* e *Idilios Reaes* patentearão ja essa novissima phase da novissima poesia. — Tomei a liberdade de modificar umas phrase do seu artigo: é onde V. dizia «um poeta como o Sñ. Q. não cairia nunca em faser a apothose das machinas como faz o Sñ. Azevedo». Tirei-lhe «o sñ. Q.» por causa da comparação: V. de certo consente n'esta satisfação d'um escrupulo ou de-

licadesa. A phrase com  $\bar{q}$ . substitui a sua diz o mesmo e desaparece a comparação pessoal, indifferente ao  $\bar{q}$ . se tratava. — Não posso escrever mais. As suas chronicas cada vez me agradam mais, tanto no fundo como na forma. Na ultima, aludindo ao Ultramontanismo, tem V. uma phrase  $\bar{q}$ . me encantou e adhiro inteiram.<sup>10</sup> a ella, ou antes, ao que ella indica, o alto valor moral e social do Ultramontanismo na historia dos povos celto-latinos. A philosophia da historia do seculo 16 e 17 está por faser: n'este ponto Michelet e Quinet, em vez de guiarem, transviam. Disse isto hontem ao Tedeschi<sup>1</sup>,  $\bar{q}$ , ficou pasmado. Mas se não fizessesmos pasmar as gentes,  $\bar{q}$ . seria a nossa philosophia mais  $\bar{q}$ . banalidade?

Adeus.

Do seu do C.

*Anthero*

---

XX

Agrada-me extremamente como quadro historico: as differenças, tão consideraveis, de estado social, de influencias ethnicas, de tendencia dos espiritos,  $\bar{q}$ . fazem do 5.<sup>o</sup> seculo A. C. uma verdadeira crise na historia da Grecia, estão desenhadas com relevo e vida. Acho, porem,  $\bar{q}$ . as reflexões  $\bar{q}$ . V. de caminho vae fazendo (reflexões tendentes a interpretar ou explicar os factos

---

<sup>1</sup> João Tedeschi colaborou em vários jornais da época.

no sentido do seu ponto de vista) antes obscurecem o quadro do  $\bar{q}$ . o esclarecem, porque umas vezes fazem dizer aos factos mais do  $\bar{q}$ . elles significam, outras vezes confundem coisas  $\bar{q}$ . não devem ser confundidas: tudo isto com um abuso de tom categorico e affirmativo, só admissivel em proposições menos susceptiveis, do  $\bar{q}$ . essas suas quasi sempre são, de objecções serias.

A sua these (pelo menos, tal como a deprehando do artigo) é que *tudo* q.<sup>10</sup> se passou no mundo grego, do 5.<sup>o</sup> seculo em diante, é absolutamente uma decadencia e perversão só devidas a causas ethnicas e historicas. Para estabelecer isto, é V. levado a affirmar muitas proposições,  $\bar{q}$ . não me parecem admissiveis e  $\bar{q}$ . eu reduzirei aos seguintes 5 capitulos: 1.<sup>o</sup> considerar o scepticismo intellectual e moral,  $\bar{q}$ . se desenvolve no 5.<sup>o</sup> seculo, como um resultado da perversão social e um phenomeno morbido filho da decadencia dos sentimentos civicos e religiosos por meio do abastardeamento da raça e do culto — quando é certo  $\bar{q}$ . o scepticismo é independente de condições sociaes (a não ser d'aquellas  $\bar{q}$ . impedem todo o desenvolvimento do pensamento, se é  $\bar{q}$ . ha d'essas) e constitue um phenomeno necessario da consciencia e uma phase da evolução do pensamento, tanto individual como colectivo, e digo *necessario* em todo o sentido, historico como racionalmente, racionalmente como condição dialectica e analytica e historicamente porq. assim o mostra a historia das varias idades philosophicas. Suppor  $\bar{q}$ . a Grecia, se não fossem aquellas desfavoraveis influencias extranhas, realisaria uma evolução intellectual e moral sem passar por alli, é suppor uma coisa bem pouco provavel: tanto mais q.<sup>10</sup> o movimento dos sophistas começou logo no tempo

de Pisistrato, isto é, quasi dois seculos antes das grandes alterações ethnicas e sociaes e da introdução dos cultos estrangeiros, e se desenvolve durante o periodo mais puramente grego, quero dizer, mais exclusivamente grego,  $\bar{\kappa}$ . teve a Grecia.

2.<sup>o</sup> ligar a este scepticismo, como coisa affirm, o espiritualismo socratico, ao qual attribue não sei  $\bar{\kappa}$ . character pessimista, quando é bem sabido  $\bar{\kappa}$ . a reacção socratica se dirigia precisamente contra os scepticos e é essencialmente affirmativa (dando por base a *Philosophia*, em vez da razão dialectica e especulativa, a razão pratica e moral, a consciencia, base  $\bar{\kappa}$ . a humanidade pensante aceitou até hoje) e quando não é menos sabido  $\bar{\kappa}$ . esse espirito socratico nada tem de pessimista, antes deu de si tres systemas os mais optimistas, na genuína expressão da palavra, o Platonismo, o Aristotelismo e o Stoicismo, por $\bar{\kappa}$ . todos elles affirmam em summo grau a Ordem ideal e o Bem moral, contra o *clinamen*, o acaso ou o determinismo dos naturalistas, e dão, se assim posso dizer, por nucleo ao universo uma Providencia em vez d'uma Necessidade. Parece-me  $\bar{\kappa}$ . se alguma coisa ha evidente na historia da philosophia antiga é este character optimista do movimento socratico, e que V. desconhecendo-o, é levado varias vezes a dizer coisas inadmissiveis.

3.<sup>o</sup> — a attribuir ao mesmo espirito socratico não sei  $\bar{\kappa}$ . inactividade e passivismo morbidos,  $\bar{\kappa}$ . disposição contemplativa e inerte,  $\bar{\kappa}$ . não diz em  $\bar{\kappa}$ . *consistio nem em  $\bar{\kappa}$ . se revelou, coisa effectivamente difficil de dizer, por $\bar{\kappa}$ . protestam contra tal asserção, logo em primeiro lugar, a mesma vida e morte de Socrates, vida e morte ao mesmo tempo apostolicas e heroicas; depois o espirito das escolas socraticas, uma, a d'Aristoteles,  $\bar{\kappa}$ . faz con-*

sistir a essência da realidade no *acto*, outra, dos estoicos, denominada por excellencia a escola da *energia*, e a outra, a platonica,  $\bar{\eta}$ . divinizou a ordem, a razão, a harmonia; e mais  $\bar{\eta}$ . tudo protestam as vidas de tantos homens saídos d'essas escolas e  $\bar{\eta}$ . professaram seus dogmas como religião, desde Epaminondas até Marco Aurelio. — Mas diz V.  $\bar{\eta}$ . Socrates era *thaumaturgo* e não sei  $\bar{\eta}$ . mais! refere-se provavelmente ao *genio familiar* do homem do nariz torto e aos seus extasis e revelações, como se essa exteriorisação das potencias da alma não fosse a enfermidade commum da razão antiga, uma condição fatal de toda a vida moral n'um periodo em  $\bar{\eta}$ . a analyse do espirito não existia nem podia existir ainda — como se os heroes de Marathona e das Thermopilas ( $\bar{\eta}$ . V. *inventa* o seu tanto, como o Taine *inventa* os atheletas) não tivessem tambem sonhos e revelações — como se a historia das guerras Medicas não estivesse tão cheia de oraculos, prodigios, persagios como o theatro de Eschilo e se toda essa gente não adorasse deuses! E todavia V. não lhes chama thaumaturgos, acha-os uns perfeitos racionalistas,  $\bar{\eta}$ . sabiam ponto por ponto  $\bar{\eta}$ . *Apellon* se reduz á *Philosophia* do seculo 19 tão real e perfeitamente como V. o reduz! — Mas, diz ainda V.  $\bar{\eta}$ . os spiritualistas, deitaram tudo a perder por  $\bar{\eta}$ . não comprehenderam o alto valor dos dois factos capitaes da existencia humana, o Amor e a Morte. Mas faça-me favor de me dizer em  $\bar{\eta}$ . é  $\bar{\eta}$ . os stoicos, por exemplo, foram peiores pais de familia (por  $\bar{\eta}$ . é d'esse amor  $\bar{\eta}$ . se trata) do  $\bar{\eta}$ . os eupatrides do tempo de Solon,  $\bar{\eta}$ , segundo se lê em Plutarco, não se faziam m.<sup>to</sup> rogar p.<sup>a</sup> frequentar as hetairas milesianas, ou do  $\bar{\eta}$ . o discipulo de Anaxagoras physico, o naturalista Pericles, que acabou por casar com Aspasia (pessoa  $\bar{\eta}$ .

como sabe, sacrificava mais à Venus phrygia do q̄. ao Apellon dorico) depois de matar a primeira mulher com desgostos e cuja familia era um pandemonio. Digame em q̄. é frouxa, languida, dolente, a morte de Socrates, q̄. a humanidade, ha 2000 annos, considera como um typo de morte superior. Em q̄. é inerte e passivo esse mesmo Socrates, tão soldado como os q̄. se bateram nas Thermopilas, q̄. no combate de Potidea se distinguio por tal forma q̄. o exercito o acclamou no campo de batalha como aquelle a quem n'esse dia coubera o premio do valor. So se V. disser q̄. era o horror mystico á vida q̄. Socrates tinha — mas não diz. E os socraticos, Xenofonte, o da retirada dos dez mil, Antisthenes, o q̄. ficou em Athenas p.<sup>a</sup> protestar contra a morte de Socrates, quando os outros fugiam ou se calavam, e Platão, tão politico e homem de acção como philosopho, e os da 2.<sup>a</sup> geração socratica, Epaminondas, Pelopidas e duzias d'elles — tudo thaumaturgos, languidos, pervertidos!

Fazer taes homens responsaveis, e responsavel o espirito q̄. os animava, do enlanguescimento moral e social contra o qual esse espirito era ainda assim o unico correctivo possivel, é a maxima das injustiças e uma sentença iniqua q̄. a historia jamais confirmará.

4.<sup>o</sup> — confundir a religiosidade dos espiritualistas com a embriaguez orgiástica, mettendo ambos no mesmo sacco, com o nome de *mysticismo pessimista*, confusão, permitame dizer-lhe verdadeiramente monstrosa. Tanto vale dizer q̄. um mesmo espirito se revela na Imitação de Christo e na devoção carnal do *Sacré-Coeur*, ou q̄. entre o Renan e os P.<sup>es</sup> Grainhas ha só uma differença de temperamento e de cultura intellectual. É para mim pasmoso q̄. V. não veja q̄. são duas coisas infinitamente

distinctas, tanto faz psychologica como historicamente, estes dois processos de commoção religiosa e estas duas ordens de sentimentos. Um, *de fora p.<sup>a</sup> dentro*, é a subordinação da vida moral e interna á imaginação sensual, á tyrannia das impressões, é o Pantheismo espontaneo e bestial ainda nos seus requintes: o outro, *de dentro p.<sup>a</sup> fóra*, é uma symbolisação das potencias da alma, das forças moraes, é o Espiritualismo, com todas as sublimes delicadezas e a pureza psychologica q̄. a palavra está dizendo. Um é a consciencia explicada pelo mundo; o outro, o mundo interpretado pela consciencia. Historicamente, não é menor a differença. Um é o producto das faculdades mais altas e eminentemente activas da raça mais bem dotada, a Aryana, é o condão q̄. lhe faz idealisar e transportar p.<sup>a</sup> um mundo superior todas as realidades em q̄. toca, o character q̄. ella imprime, com maior ou menor nitidez, mas sempre superiormente, a todas as suas obras: o outro é o passivismo de raças inferiores, mergulhadas no meio das forças naturaes, q̄. lhes assoberbam a consciencia, balbuciante, embriagada. E estas duas coisas não só se não confundem na psychologia, mas tambem se não confundem na historia, porq̄. assim como não foi possivel ainda ao espiritalismo aryano impor-se ás raças sensualistas, a ponto de as converter, tambem o génio sombrio do naturalismo brutal não pôde ainda influir d'uma maneira sensível sobre as energicas afirmações moraes do aryanismo. Se o genio do Christianismo se revela, como toda a boa critica tem de reconhecer, não nas suas origem confusas e n'um momento em q̄. tudo está ainda fluctuante e indeciso, mas na sua forma plena, organizada e consciente, na theologia, na moral e na disciplina christans, é forçoso reconhecer q̄., fossem

quaes fossem essas origens, o  $\bar{q}$  definitivamente triumpho no Chr.<sup>mo</sup> é o genio idealista-espiritualista aryano,  $\bar{q}$ . o  $\bar{q}$ . sobresae são as liberdades mais intimas e profundas da alma humana, não a sua escravisação. Ainda tomando os typos mais exaltados, ardentes e *sensuaes* do mysticismo christão um S. Agostinho, um S. Francisco d'Assis uma S.<sup>ta</sup> Thereza de Jesus, entre estes e os bachantes antigos ou os sufis da Persia actual ha um abysmo: mas V. bem sabe  $\bar{q}$ . não é este espirito extremo e violento de mysticismo  $\bar{q}$ . domina no Chr.<sup>mo</sup>, mas outro, realmente grego, de medida e serenidade no *desdem transcendental*, um espirito  $\bar{q}$ . é, no fundo, ordem e razão superior, quanto a insuficiencia dos conhecimentos positivos e a maior ainda da analyse metaphisica o consentiam. Ora, isto  $\bar{q}$ . digo do Chr.<sup>mo</sup> europeu, com maior razão ainda se deve afirmar do espirito d'aquelles de quem elle sobre tudo descende, os idealistas-espiritualistas gregos. Não ha transição natural, mas verdadeiro salto e solução de continuidade entre o sentimento religioso  $\bar{q}$ . caracteriza o movimento socratico e tudo  $q$ .<sup>to</sup> d'elle descende, platonismo, estoicismo, aristotelismo, e o sentimento religioso tal como aparece nas religiões orgiasticas: não ha pontos de passagem, mas apenas pontos de contacto exterior, entre um e outro. Um vae da consciencia p.<sup>a</sup> a natureza, o outro vem da natureza p.<sup>a</sup> a consciencia. Querer fazer do movimento intellectual e moral, de  $\bar{q}$ . saíram as mais altas ideas e os mais sublimes sentimentos,  $\bar{q}$ . a humanidade tem conhecido, uma mystagogia de santões, é confusão grandissima, e direi confusão deploravel.

5.<sup>o</sup>— a exprimir-se (em phrases como «os raros  $\bar{q}$ . ainda protestam» «os  $\bar{q}$ . ainda representam o hellenismo») por maneira que faz suppor  $\bar{q}$ . a consciencia grega e o



genio grego acabaram no 5.º seculo. Basta a chronologia p.<sup>a</sup> mostrar q̄. isto não é assim. Se acabaram muitas coisas superiores na vida social e politica da Grecia, e se uma aristocracia de heroes chegou a degenerar n'uma demagogia de mercadores e libertos (e V. é muito socialista p.<sup>a</sup> attribuir a causas d'ordem moral phenomenos d'esta natureza, q̄. se impõem como fatalidades em dadas situações, quaesquer que sejam as crenças e a moralidade) o genio grego não morreu por isso: é do 5.º seculo em diante q̄. a philosophia, a arte e a sciencia gregas se desenvolvem com mais vigor e em todos os sentidos, e Athenas, por se tornar demagogica, nem por isso deixou de ser o q̄. era d'antes, e mais do q̄. era d'antes, o foco mais intenso da vida intellectual e, em despeito das suas corrupções, de vida moral, visto q̄. era d'ali q̄. saiam, ou ali q̄. iam receber a sua tempera, não só os pensadores e sabios mas os g.<sup>dos</sup> caracteres: N'este ponto, as suas preoccupações não só obscurassem o quadro, mas falseiam-n'o.

Resumindo, acho q̄. V. tem uma idea falsa do mundo moral grego anterior ao movimento do seculo 5.º e uma idea falsa d'esse movimento, tanto no q̄. elle significa como no q̄. significam as coisas q̄. d'elle sairam — e q̄. isto reage sobre a sua maneira de considerar a historia grega, alterando-lhe em diferentes sentidos feições characteristics. Como as varias proposições, com q̄. não concordo, entram todas ou quasi todas, n'um dos 5 capitulos q̄. ahi deixo, termino aqui as minhas observações, em q̄. me fica muito por dizer, para não dar a esta escripta maiores proporções. Podem estes pontos q̄. deixo indicados, servir de thema para as nossas discussões, durante os dias q̄. eu ahi estiver, o q̄. será em breve — provavelmente ahi por 6 ou 8 de Setembro

- la me tem, se da sua parte não houver inconveniente  
q̄. seja n'essa ocasião.

Adeus. Recomande-me a sua mulher e creia-me

Seu do C.

*Anthero*

---

XXI

4 de Novembro.

Caro Amigo.

Para bem responder á sua carta precisava de m.<sup>to</sup> tempo e de um ou dois cadernos de papel. E a final ficaria ainda o melhor por dizer. Fica pois reservado o assumpto p.<sup>a</sup> a tremenda sabatina q̄. teremos em Lisboa d'aqui por meses. Como leal contendor vou porèm pol-o ao facto das *theses* q̄. sustentarei. Pelo enunciado verà V. q̄. o q̄. eu tento provar é exactam.<sup>to</sup> aquillo q̄. V. supõe improvavel: «*necessid.<sup>de</sup> abstracta* d'um largo periodo de Transcendencia, termo fatal na passagem do Naturalismo p.<sup>a</sup> a Immanencia V. diz bem q̄. os argumentos historicos valem pouco n'esta questão, q̄. é propriamente de Philosophia, ou, como diz Ferrari, de *historia ideal*. Mas eu não invoquei a historia senão como subsidio. Ah! vão as theses;

1.<sup>o</sup> Que era *necessario* q̄. o espirito humano começasse pelo naturalismo, na sua forma symbolica, ou polytheismo.

2.<sup>o</sup> Que a essencia do Polytheismo é já a Trans-

cond.ª simplism.ª uma Transcend.ª vaga, incoherente e fraccionada.

3.º Que sendo lei logica do espirito não passar d'um termo p.ª outro da sua evolução sem ter concentrado aquelle primeiro, possuido na sua totali.ª e *esgotado*, devia o Naturalismo-Polytheismo, p.ª d'elle se passar p.ª a Immanencia, dar *tudo* q.ª era da sua essencia.

4.º Que essa condensação *necessaria* foi exactam.ª a Transcendencia (de Socrates ao Concilio de Nicea, na historia real).

5.º Por conseguinte, *necessaria toda ella*:

6.º Por q.ª não se podia passar p.ª a Immanencia no 1.º periodo da passagem do Polytheismo p.ª a Philosophia, não só por q̄. essa passagem é q̄. é exactam.ª o estabelecim.ª do ponto de vista da Transcendencia (de Socrates aos Alexandrinos), como por se essa Philosophia essencialm.ª *synthetica e methaphisica* q.ª sabemos m.ª bem q̄. só pela *analyse logica* é q̄. era possivel descobrir a contradicção fundamental do ponto de vista transcendente e abrir caminho á Immanencia: assim pois, era *necessario* um 2.º periodo da Transcendencia, um periodo de *analyse e logica* (*uma qualquer* Escolastica) q̄. pela *discussão* do ponto de vista transc.ª mostrasse o vasio e o immovel d'essa metaphica (foi o q̄. fez Occam) e tornasse possivel uma nova comprehensão de 3 ideas a *essencia*, a *lei*, o *movimento* (foi o q̄. fiseram Copernico, Galileu e Leibnitz) possuir as sciencias positivas, e as noções de Força e de Natureza, como hoje a concebemos (q̄. não é de modo algum como a concebeu o pseudo-naturalismo antigo, quer nos deuses, quer nas doutrinas de Thales, Pytagoras etc.).

7.º Que esta doutrina não exclue a possibilid.<sup>de</sup> de quaesquer *crises, lacunas, retrocessos*, porq.<sup>to</sup> a sua necessidade é toda ideal, e não se oppõe a *q̄*. este *processo* só necessario *em si* e não na sua *forma*, se tivesse podido dar melhor, mais rapid.<sup>to</sup>, com mais ordem, com menos esmagamento e suffocação da natureza humana.

8.º que é até quasi inevitavel *q̄*. a realisação positiva da historia ideal, encontrando os mil obstaculos *physicos, physiologicos e historicos q̄*. todos sabem, não sofra estes *desvios, reacções*.

9.º Que não se oppõe, por exemplo, a *q̄*. admittamos *q̄*. a influencia oriental (India, Persia, Egypto, Syria e Judea) fosse perturbadora e perturbadora a influencia dos Barbaros, com ta.<sup>to</sup> *q̄*. se admitta *q̄*. foi só perturbadora na *forma* e *q̄*. a Transcendencia, ainda nos seus peiores momentos e os mais perturbados com desvios sociaes, moraes ou intellectuaes, era, na sua *totalidade* ou *serie*, um progresso, por isso *q̄*. era um termo necessario da...

9.º O *q̄*. quer diser *q̄*. a Transcend.<sup>cia</sup>, necessaria em historia ideal ou Philosophia da historia, na sua forma positiva comporta todos os hazares e fatalid.<sup>es</sup> — (mais, presuppõe-nos) inherentes ao mesmo dado do problema da Evolução historica, *q̄*. é o movimento do Espirito no meio da Natureza: pode pois haver m.<sup>to</sup> de fortuito na historia, isto é, pode ser tudo fortuito menos a necessid.<sup>de</sup> logica das ideas e a das leis *physicas* do mundo, da *sociedade e do homem*.

E, posto isto, *quidquid diceris, argumentabo*.

Se, depois de toda a argumentação. V. persistir, como é de crer, na sua opinião, poderemos então escolher este ponto, depois de publicado o meu livro (*q̄*. vai todo impregnado d'estas ideas) p.<sup>a</sup> uma discussão publica, em *q̄*. V. encontrará contradictor mais digno de si do

q̄. o pobre Doutor de Coimbra <sup>1</sup>, q̄. é realmente m.<sup>to</sup> inferior como dis o Batalha.

Dê a este ultimo lembranças minhas: e adeus

Seu do C.

*Anthero.*

---

XXII

5 de Maio.

Caro Martins.

Dispunha-me a escrever-lhe, q.<sup>do</sup> recebi a sua carta. A minha ida p.<sup>a</sup> o Minho só se verificará nos fins d'este mez, ou talvez mesmo só nos começos de Junho. É de crer q̄. já então aproveite os comboios expressos de q̄. me falla: mas isso é secundario, comparado com a sua companhia, q̄. V. annuncia como provavel. Tendo V., como diz, necessidade de vir a Lisboa, e não tendo eu praso certo p.<sup>a</sup> partir, não será difficil combinarmos as coisas de forma a irmos juntos d'aqui, com tanto q̄. não seja antes de 20 deste mez, porq̄. antes desse prazo é q̄. eu não poderei ir, tendo de dar este periodo á experiencia de certos remedios e a abrir novos fonticulos. Posto isto, entro na materia sobre q̄. lhe hia escrever, q.<sup>do</sup> recebi a sua ultima. Eu tenho piorado alguma coisa nos ultimos dois mezes e estou, com leves differenças, no ponto em q̄. estava q.<sup>do</sup> cheguei a Lisboa, ha 7 mezes. Minha mãe está afflicta com isto; e, apesar do Cabral

---

<sup>1</sup> Antero refere-se ao Conselheiro Júlio de Vilhena com quem Oliveira Martins teve a polémica o que já aludimos.

considerar estas alternativas como proprias d'esta ordem de doenças e de afirmar q̄. o diagnostico é hoje clarissimo, a pobre velha não socega e insta commigo p.<sup>a</sup> eu ir a Paris ou Londres consultar os *bichos*. Acontece porem q̄. tal viagem me encommoda e aborrece, alem de a julgar inutil, pois creio que, estando tão clara a doença e sendo tão conhecido o tratamento, tanto faz Cabral como Jacou ou Brown Sequard. Tomei pois, de accordo com o Cabral, o seguinte partido: enviar a Brown Sequard um relatorio cabal da doença (feito pelo Cabral) para q̄. o dito Brown dê o seu parecer. Com isto se deu minha mãe por satisfeita, promettendo-lhe eu q̄. se o diagnostico do mestre fosse diverso do do Cabral e o tratamento, por elle indicado, tal q̄. só *la fora* se podesse pôr em pratica, eu n'esse caso iria a Londres, Paris, ou onde fosse necessario, o q̄. farei effectivamente. Parece-me tudo isto m.<sup>to</sup> rasoavel; por quanto, sendo confirmado o diagnostico do Cabral, poupo-me a uma viagem m.<sup>to</sup> encommoda e aborrecida no meu actual estado; e tendo de ir, nada perco, nem mesmo tempo, porq̄. em todo o caso só d'aqui a 2 ou 3 mezes poderia ir. — Chegado porem a este ponto, estáco, porq̄. não sei como hei-de consultar o homem. Preciso alguem em Londres ou Paris (pois começo por ignorar onde reside) q̄. se encarregue da consulta e me faça credito da quantia q̄. a mesma custar: ora, V. sabe bem q̄. as minhas relações com a praça de Londres, embora cor-deaes, são extremamente superficiaes! Poderá V. guiar-me ou ajudar-me n'esta, p.<sup>a</sup> mim. medonha dificuldade? Fico esperando a sua resposta, p.<sup>a</sup> dar seguimento a este negocio.

Os versos, q̄. lhe envio, são de Longfellow, poeta americano, q̄. entre muitas composições bonitas ou sym-

paticas, tem esta, q̄. me parece bella e ja inspirada *pela nova theologia*.

Como gostei m.<sup>to</sup> della, lembrou-me mandar-lhe copia.

Adeus  
seu do C.

*Anthero.*

Minha mãe e irmã recomendam-se m.<sup>to</sup> a sua mulher,  
e a V. egualm.<sup>te</sup>

A PSALM OF LIFE (1)

(*What the Heart of the Young man said to the Psalmist*)

Tell me not, in mournful numbers  
«Life is but an empty dream!»  
For the soul is dead that slumbers,  
And things are not what they seem.

Life is real! Life is earnest!  
And the grave is not its goal:  
«Dust thou art, to dust returnest»  
Was not spoken of the soul.

Not enjoyment, and not sorrow,  
Is our destined end or way;  
But to acte, that each to-morrow  
Find us farther than to-day.

Art is long, and Time is fleeting,  
And our hearts, though stout and brave,  
Still, like muffled drums, are beating  
Funeral marches to the grave.

In the world's broad field of battle,  
In the bivouac of Life,  
Be not like dumb, driven cattle!  
Be a hero in the strife.

---

(1) Extraído do *The poetical works* of Henry Wadsworth Longfellow — *Voices of the night* —.

Trust no Future, howe'er pleasant!  
Let the dead Past bury its dead!  
Act-act in the living Present!  
Heart within, and God o'erhead!

Lives of great men all remind us  
We can make our lives sublime,  
And, departing, leave behind us  
Footprints on the sands of time; —

Footprints, that perhaps another,  
Sailing o'er life's main,  
A forlorn and shipwrecked brother,  
Seeing, shall take heart again.

Let us, then, be up and doing,  
With a heart for any fate;  
Still achieving, still pursuing,  
Learn to labour and to wait.

---

XXII

Domingo, 3o.  
(Junho 75)

Caro Martins.

Na sexta-feira proxima, ou no sabado, o mais tardar, la lhe vou bater á porta, pela volta das nove horas da manhã V. convidou-me para passar ahi consigo alguns dias, o q̃. desejo fazer: por isso o previno, porq̃. não sei se V. costuma passar dias fóra do Porto, e não quero ir cair-lhe em casa inopinadam.<sup>te</sup> causando, por ventura, encomodo.

Adeus, ou antes, até breve.

do seu do C.

*Anthero de Q.*

---



XXIV

5 de Agosto (75).

Caro Amigo.

Parto amanhã p.<sup>a</sup> o Bussaco (ou, mais propriam.<sup>te</sup>, Luso) onde, a não haver novidade, conto demorar-me até fins de Setembro. Vamos a ver se esta mudança me ajuda o espirito a sair da especie de cahos nevoento no meio do qual barafusto ha um certo tempo. A minha estada no Porto (isto é, as conversas q̄. ahi tivemos) determinou uma crise na minha intelligencia, pondo em collisão ideas e sentimentos, a q̄. estava habituado e me davam estabilidade, com as tendencias, ainda obscuras no seu alvo final, da nossa commum philosophia.

Passámos, com a nossa philosophia, um angulo ou cotovelo perigoso, na estrada do pensamento: digo perigoso, por q̄. o é sempre pensar só e isolado da communhão do pensamento geral, pelo risco de se cair em conclusões muito subjectivas e de se ser visionario.

Dir-me ha V. q̄., se nos afastamos das illusões do seculo, tanto mais nos aproximamos do pensamento ou do sentimento commum da humanidade, de q̄. o seculo, no meio das suas illusões, se esquece excessivamente.

É verdade isto: mas o pensamento ou sentimento commum da humanidade, p.<sup>a</sup> ser entendido, precisa ser interpretado, e é ahi q̄. está a dificuldade e o perigo.

Seja como fôr, vou, n'estes mezes mais proximos,

pôr de parte ideas q̄ me preocupam e quasi me atormentam (até onde é possível pôr de parte ideas cuja preocupação chega a ser tormento) e deixar ao trabalho expontaneo e quasi inconsciente do espirito a resoluçãõ das duvidas q̄ tanto me encommodam. Levo commigo p.<sup>a</sup> o Bussaco o meu Plutarcho e aquelle eterno Homero, q̄., na opiniãõ do Pelletan e do Batalha, não passa d'um *ganache* muito *fossil*: vamos a ver se os oraculos antigos me dizem, alguma palavra boa e inspiradora. — Não sei se ha n'isto tudo alguma pieguisse: mas V. considere piedosamente a ingenita fraqueza do meu character de mystico, e perdoe-me.

Quisera dizer-lhe alguma coisa dos seus 3.<sup>os</sup> *Gregos*, mas não foi possível ainda tiral-os do correio, por dificuldades filhas do reconhecimento da assignatura (minha): vamos a ver se meu Thio <sup>1</sup> q̄. se encarregou d'esse negocio, os tira a tempo de eu os levar commigo p.<sup>a</sup> o Bussaco.

Saberá q̄. o Laveleye está definitivamente convertido ao socialismo, coisa q̄. ja o livro sobre as « Formas primitivas da Propriedade » fazia presentir, segundo V. me disse. O *manifesto* da conversão é um artigo no ultimo n.<sup>o</sup> da Revista dos 2 mundos, sobre os *Socialistas Cathedrauticos* da Allemanha <sup>2</sup>.

Trate de o ler, ainda q̄. nada lhe dirá q̄. V. não saiba, mas é muito curioso ver a reacção contra o individualismo manifestar-se cruamente pela boca d'um padre-mestre do liberalismo. De resto, nem uma palavra

<sup>1</sup> Filipe do Quental, prof. da Faculdade de Medicina.

<sup>2</sup> O artigo do notável economista belga saiu no n.<sup>o</sup> de 25 de Junho de 1875, da *Revue des deux Mondes*, sob o titulo *Les tendances nouvelles de l'économie politique et du socialisme*.

a respeito de Proudhon. Ha preconceitos q̃. são verdadeiras *imbirrações* e, como taes, superiores á mais lucida razão.

Adeus: recomende-me a sua mulher e creia-me

Seu do C.

*Anthero.*

---

XXV

25 de Outubro (75).

Meu caro amigo.

Deve ter estranhado não lhe escrever ha tanto tempo, pois estou em Lisboa ha quasi um mez. O mau tempo, q̃. tem reinado, humido e pesado, é a causa d'isto: ando tão inerte, q̃. a coisa mais simples exige um grande esforço deste meu derrancado systema nervoso. Não quizera escrever-lhe sem lhe diser alguma coisa util e curiosa, relativa aos nossos communs estudos: mas não posso: fica p.<sup>a</sup> quando o tempo melhorar. Vou lendo os Gregos, que cada vez acho mais ajustado ás minhas ideas. A V. ha-de naturalmente succeder-lhe o mesmo, por seu lado; d'onde resulta que cada vez estamos mais longe de nos entendermos n'esta questão. Quem me déra poder ja fazer o q̃. V. está fazendo, isto é, pôr por escrito os resultados a que tenho chegado. Mas quando será isso? Adianto tão pouco (se é q̃. adianto) que receio envelhecer antes de recuperar a saude! E n'este estado nada posso fazer. Conformidade, não é assim?

Adeus. Receba saudades dos amigos Batalha e Lobo <sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Dr. João Lobo de Moura, grande amigo de Antero e de Oliveira Martins, espirito cultíssimo.

(que está aqui Delegado): da *Revista* lhe escreverei q.<sup>do</sup> tivermos desmanchado a feira, q̄. é de q̄. se trata agora — mas p.<sup>a</sup> se armar de novo, ja se vê. Envio as minhas lembranças a sua mulher, a quem minha mãe e irmã m.<sup>to</sup> se recommendam.

Recebi os retratos.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

XXVI

7 de Novb.<sup>o</sup> (75),

Caro Amigo.

Ignoro se recebeu a minha carta, q̄. não levava o n.<sup>o</sup> da sua porta, porque não sei qual é. O Batalha diz-me q̄. não tem noticias suas ha muito tempo, e o mesmo me acontece. Imagino-o absorvido pela theologia, e preparando o novo artigo q̄. na sua ultima aununciava. Mas, q.<sup>do</sup> puder, diga uma palavra aos amigos. — Eu, de mim, só lhe posso dizer q̄. vou na mesma, em q.<sup>to</sup> a saude; e, de espirito, m.<sup>to</sup> inerte p.<sup>a</sup> ter algum pensamento interessante a communicar-lhe.

Penso froxamente, e das leituras q̄. faço so aproveito a distracção. Tenho lido Sophocles, q̄. é encantador de harmonia moral e expressão poetica.

Adeus. As minhas lembranças a sua mulher.

Do seu do C.

*Anthero de Q.*

M.<sup>a</sup> mãe e irmã desejam saber qual é actualmente a morada de suas irmãs.

---

XXVII

19 de Novb,<sup>o</sup> (75).

Meu caro amigo.

Folgo com o annuncio da sua proxima vinda a Lisboa. Cá o espero. Não saio d'aquí tão cedo, porque sou por ora necessario ao Cabral <sup>1</sup>, p.<sup>a</sup> novos experimentos.

Escuso dizer-lhe quão curiosamente aguardo a leitura do seu novo cap. Vamos, provavelm.<sup>te</sup>, discutir muito, porq̃. eu ultimei a minha *conversão*, e estou *completamente* christão. Não explico o adverbio, porq̃. para V. não precisa commentário.

Adeus  
do seu do C.

*Anthero*

---

XXVIII

6 de Jan. (76).

Q.<sup>do</sup> amigo.

Soube, pelo Batalha, da sua ida a Madrid, por isso deixei de lhe escrever, esperando noticias da sua volta. Pela minha parte, preferi este adeiamento á sua vinda a Lisboa, desejando-a para uma estação mais favoravel do que esta, em q̃. o frio, accrescendo ás minhas habituaes enfermidades, quasi me traz tolhido totalmente

---

<sup>1</sup> Dr. José Curry da Camãra Melo Cabral, médico distinto e professor da Escola Médico Cirúrgica de Lisboa.

de intelligencia e bem pouco apto para as nossas palestras philosophicas. Quasi me tenho deshabituaado de pensar n'estes ultimos dois meses. Entret.<sup>o</sup>, não cuido ter perdido inteiramente o tempo.

Ha um fio de pensamento que nunca chega a interromper-se (pelo menos inconscientemente) desde que o espirito está natural e habitualmente virado para uma ordem de problemas, não çomo uma vã curiosidade, mas como coisa vital e *pro remedio animae*. Espero pois a pezar do frio, poder offerecer-lhe, q.<sup>do</sup> V. vier, algumas horas de fecunda conversação, e porventura discussão — porq. as nossas linhas de pensamento, ainda q̄. muito proximas, são todavia paralelas e não convergentes — em que adiantemos alguns passos na interpretação, do g.<sup>do</sup> symbolo historico que resume, d'um modo ou d'outro (do meu modo ou do seu) o genio e o destino da humanidade. Q. lhe terão ensinado a V. S. Clemente, Agostinho, e os outros? Estou curioso, para não diser ancioso, por ver os resultados a q̄. tem chegado.

Eu tenho lido pouco ultimamente, e esse pouco sem relação com o assumpto. Mas, scismando rumino muitas coisas, q̄. julgo excellentes.

Adeus. O Batalha, agora, é todo Exposição de Philadelphia. Mas, n'um momento em q̄. o entrevi, disse-me q̄. ja havia editor p.<sup>a</sup> a Revista, e combinámos apparecer-mos nós tres como directores. Que dis?

de seu do C.

*Anthero.*

P. S. estava esta escripta, q.<sup>do</sup> recebi a sua. Eu não estou propriam.<sup>te</sup> *peior*, mas simplesm.<sup>te</sup> *não-melhor*, e

com p.<sup>oss</sup> geitos de sair d'este estado negativo. Como um desengano, q.<sup>do</sup> mais não seja, conto procurar este verão a medicina estrangeira, partido q̄. ha ja mais tempo devia ter tomado, p.<sup>a</sup> d'um modo ou d'outro ficar descançado. *Incuravel*, p.<sup>a</sup> mim, é quasi tão bom como *curado*: *doente* é que é insupportavel dentro dos limites da conformidade, ja se vê. Tão depressa o Batalha volte das suas excursões (porq̄. anda pelos Alemtejos estimulando os expositores) lhe pedirei os n.<sup>os</sup> da Revista. A resurreição d'esta é coisa certa.

A.

---

XXIX

26 Fev. (76).

Caro amigo.

O Soromenho <sup>1</sup> não *foi a pique*, antes parece levado de vento em popa. Para onde, isso é q̄. eu não sei. Conjecturo q̄., se não está cheio de razão, deve estar louco, por quanto tem tomado uma attitude aggressiva e de desafio impavido, q̄. deve dar em resultado a sua queda ou uma completa justificação. As pancadas no Daniel <sup>2</sup> foram já consequencia d'isto. O Soromenho accusou, em sessão academica, o Marreca <sup>3</sup> e mais em-

---

<sup>1</sup> Augusto Soromenho, arabista, historiador e arqueólogo, prof. do Curso Superior de Letras. Tendo sido empregado na Alfândega do Pôrto, ascendeu ao professorado com a protecção de Alexandre Herculano, de quem se tornou inimigo.

<sup>2</sup> Alusão a um grave conflito que Soromenho teve com o ilustre matemático Daniel Augusto da Silva na Academia das Ciências, resultando daí a sua demissão.

<sup>3</sup> António de Oliveira Marreca, Director do Arquivo da Torre do Tombo e professor de Economia Política no Instituto de Lisboa. Colaborou em diversos jornais literários, nomeadamente no *Pa-*

pregados da Torre do Tombo de roubos consideraveis de documentos.

Por causa d'isto espancou o mathematico. A academia intimou-o a q̄. desse satisfações. Negou-se elle e com grande altivez deu a sua demissão de socio.

Agora imprimio e tem distribuido esse acto de accusação aos homens da Torre do Tombo: vai alem d'isso publicar um manifesto ás Academias estrangeiras, de q̄. é socio, explicando os motivos porq. deixa de pertencer á de Lisboa, e *desmascarando o mestre*<sup>1</sup> na phrase d'elle. Ameaça também com sova o Latino<sup>2</sup> e diz q̄. o *racha* onde quer q̄. o encontrar.

Eis ahi o q̄. sei, e ja vê q̄. o homem deve estar doudo ou ter então carradas de justiça. Isto, segundo todos cá dizem, deve deitar dois ou trez processos judiciaes. Como V. desejo bastante q̄. tudo isto seja posto a limpo.

Nada lhe posso dizer ainda do seu artigo, porq̄. mal vou em meio da leitura. Com a mudança de tempo tenho sido atacado de insomnias e dores de cabeça, q̄. se aggravam com a applicação, de sorte q̄. só posso ler um bocadito por dia. Tão depressa chegue ao fim da leitura, lhe communicarei as minhas impressões. Ainda aqui me demoro Março e Abril.

Adeus.

seu do C.

*Anthero*

---

*norama*, onde entre outros trabalhos publicou dois romances — *O Naufragio de Sepulveda* e *o Conde soberano de Castela*.

<sup>1</sup> Assim chamavam a Alexandre Herculano.

<sup>2</sup> José Maria Latino Coelho, general de brigada, do Estado Maior de Engenharia, Ministro da Marinha, historiador e escritor. Foi também secretario perpetuo da Academia das Sciências.



XXX

13 de Maio (76).

Meu caro amigo.

Receba o abraço da despedida.

Parto, sem duvida, depois de amanhã. De lá lhe escreverei. Oxalá q̄. esta mudança me dê alguns mezes de melhor saude, q̄. eu aproveite n'um programa de leituras serias q̄. levo talhado. Quizera *eu finir* com certas questões transcendentaes, q̄. a todo o momento me surgem no meio das coisas concretas e perturbam tudo. Mas talvez q̄. esta seja uma vã aspiração: a metaphisica não será sempre o X ultimo, posto alem das soluções de todas as equações positivas? Mas, ao menos, determinar a relação d'esse X com o nosso pensamento e com as coisas cognosciveis, isso deve ser possivel, porq̄. sem isso todo o nosso edificio intellectual, e até moral, ficará suspenso e oscilante como um castello de nuvens. Eu, por mim, sinto-me incapaz de caminhar direito pela realidade em q.<sup>to</sup> não tiver, como um espartilho de fino aço, q̄. me sustente, todo um systema de ideas transcendentaes — e é isto o q̄. me faz m.<sup>tas</sup> vezes parecer estranho e sonnambulesco.

Li o livro do Hartmann, mas proponho-me relel-o, por q̄. é um bom thema p.<sup>a</sup> cogitações. Ainda q̄. o acho conciso e deficiente em certos pontos, agradou-me todavia muito: de tudo q.<sup>to</sup> tenho lido sobre o assumpto é o que entra mais no meu modo de ver. Vou percebendo q̄. o *pessimismo* de Hartmann se parece singularmente com o meu *optimismo*, e estou morto por ler alguma obra mais extensa d'este sympathico philo-

sopho. Talvez q̄. eu tenha *inventado* a «Philosophia do Inconsciente» sem o saber!

Adeus.

Do seu do C.

*Anthero de Q.*

---

XXXI

(Dez.º 76).

Querido amigo.

Fez-me m.<sup>to</sup> bem a sua carta. Tudo q.<sup>to</sup> diz afina inteiramente pelos meus pensamentos. Mas fez me bem ouvir-os da sua bocca. Adquiriram assim um cunho impessoal ou colectivo, q̄. lhes deu a auctoridade q̄. não dá a rasão individual — e eu estou m.<sup>to</sup> em estado de necessitar de autoridade.

Vencer e conter nos justos limites os meus sentimentos ser-me-hia, creio, coisa facil com o fundo de ideas metaphisicas e moraes q̄. constituem a minha religião — se o meu estado nervoso fosse normal, se a minha doença não produzisse em mim uma inquietação e quasi angustia de imaginação e sentimento com os quaes o equilibrio é um incidente feliz apenas e o desequilibrio ou a tendencia p.<sup>a</sup> o desequilibrio o mais regular e constante. Combato isto com paciencia e rasão — mas nem sempre é facil.

Ja estaria ahi ao pé de V. se não estivesse aqui preso por um dever qual é o de acompanhar minhas irmãs — não falando na necessidade da minha presença, durante um certo tempo, p.<sup>a</sup> coisas de negocios, *res augusta domi*.

Fez bem em me enviar a sua primeira carta (mas

não torne a escrever-me com tintas claras, porq̃. me custam a ler): certamente q̃. estou em estado e disposição de ler e reflectir sobre aquellas materias. Achei optimo o seu indice, é o de um livro serio, cheio de pensamento e dados positivos. A avaliar por ali, creio q̃. estaremos de accordo em tudo q.<sup>do</sup> é essencial na questão. O meu christianismo não é propriamente o dos apolo-gistas christãos, e como ao m.<sup>o</sup> tempo não vejo na historia uma *necessidade* logica, como os hegelianos, não o julgo tambem impecavel, como elles julgaram.

Recebi ha poucos dias o livro de «*Estudos historico-religiosos*» do Zeller, aquelle autor allemão da *Hist. da Philosophia grega*, livro e autor q̃. são hoje auctoridades na Allemanha. Traz um estudo sobre o Desenvolvim.<sup>to</sup> do Monotheismo entre os gregos, q̃. vou traduzindo por escrito p.<sup>a</sup> V. ler. Provavelm.<sup>te</sup> não lhe dará novidades, mas eu desejo q̃. V. conheça as opiniões correntes e autorisadas dos allemães. Ao mesmo tempo é p.<sup>a</sup> mim, entretenimento, q̃. me ajuda a passar certas horas más.

Adeus. Não recebi o annunciado Swimburne.

Quanto a Balzac certam.<sup>te</sup> q̃. me serve, e nenhum melhor.

Seu do C.

*Anthero.*

---

XXXII

28/1/77.

Querido amigo.

*Fiat justitia* — e quem a fizer será por nós aplaudido, seja quem for. Este é e será sempre o nosso principio,

que certamente nos impedirá sempre de sermos *políticos*, mas q̄. faz de nós alguma coisa q̄. nunca os *políticos* saberão ser. Nada mais funesto do q̄. a parcialidade systematica e facciosa do espirito de partido. O Ant.<sup>o</sup> Ennes, conversando ha dias na redacção do *Progresso* (ex-Paiz) sobre a reforma bancaria, citava o seu livro *Port. e o Soc.*<sup>1</sup>, abundando na sua idea de um Banco Nacional, unica solução pratica e justa, dizia elle, da questão. Pois o *Progresso* nem por isso deixou de atacar vivam.<sup>16</sup> o projecto do governo, q̄. é até certo ponto um passo n'aquelle sentido. Porque? por q. é do governo. Miserias da coherencia politica!... Aprovo pois *manibus et pedibus* o seu escripto, quero diser, a sua determinação de o escrever. Quanto ao escripto em si, agradou-me muito; mas o meu voto n'esta materia é de pouco valor, por isso vai apenas *per memoriam*.

Só n'uma coisa discordo, é em ter V. conservado o anonymo. Certamente V. dá pouca importancia ao q̄. dirá gente torpe ou tola. Mas, se tivesse assignado, desarmava inteiram.<sup>18</sup> a calumnia: ninguem assigna uma acção indigna. Illudio-se, me parece, com as razões q̄. me dá. Seriam boas e peremptorias em França, onde a adhesão d'um socialista quasi comprometteria o ministro. Ca não, onde ha horror a um socialista q̄. é industrial e sabe escrever... e até é *litterato*. Quanto a mim, essa adhesão até dava mais força ao projecto do governo e seria bom argumento p.<sup>a</sup> os defensores d'elle. Não diriam como em França: suspeitamos de socialismo o projecto do governo, mas sim: o projecto é tão justo que até tem o voto e adhesão

---

<sup>1</sup> *Portugal e o Socialismo*, já cit.

d'um socialista! até um socialista, *apesar dos pezares*, se vio forçado a reconhecer q̄. o projecto é bom!... Porq̄. cá não se sabe nem até se concebe o q̄. possa haver de socialista n'aquillo: cá um socialista é um sujeito q̄. quer repartir tudo, ou q̄. quer amotinar os operarios: é o unico q̄. cá se conhece.

Depois, essa adhesão era ainda um argumento contra os progressistas: lançava sobre o projecto uma luz de progresso, tirava-lhe o character conservador e reaccionario q̄. os liberaes lhe hão-de attribuir. Lembrem-nos do dito memoravel de Ant. Maria da Silva (sessão da Rua do Arsenal): «ninguem me ha-de ir a diante: se são republicanos, eu sou socialista; se são socialistas, eu serei communista!» (com um grande socco na meza). Os defensores do projecto teriam na sua adhesão um magnifico ensejo p.<sup>a</sup> envergonharem os progressistas de não irem tão longe como o governo.

Finalm.<sup>te</sup>, como ja disse, pessoalmente V., assignando o seu escripto, ficava numa posição inatacavel á propria malevolência.

Eis porq̄. eu preferira q̄. V. tivesse assignado, e parece-me q̄. V., reflectindo um pouco, ha-de concordar n'isto.

Adeus. Eu continuo soffrendo bastante do tal *estado nervoso*. Ando n'um permanente estado de susto. Mas ha tanta gente assustada por esse mundo, e um soffrer de nevrose (o q̄. é uma desculpa) e sem ter como eu tenho as consolações da Philosophia! Não estou pois abatido.

Do seu do C.

*Anthero.*

XXXIII

(5/2/77).

Meu caro amigo.

As suas razões são boas, e o resultado o prova. Também, propriamente, não as impugnava, somente via a questão por outro lado, o lado pessoal, a melhor posição p.<sup>a</sup> V.

Mas V. achou melhor sacrificar-se ao exito da sua idea, e eu não posso censura-lo por isso. Aqui, segundo posso inferir da opinião de Tedeschi, A. Ennes e Fr. Machado (aos quaes fiz ler o seu folheto <sup>1</sup>) domina o ponto de vista liberal, q̄. com o seu optimismo systematico vê tudo abstractam.<sup>16</sup> no melhor dos mundos possiveis do Dr. Pangloss. Querem todos a liberdade, «prudenter.<sup>16</sup> regulada e policiada», e por isso o seu grande cavallo de batalha é a lei das sociedades anonymas, de cuja reforma esperam maravilhas... liberaes! Não ha peor cegueira do que a cegueira theorica.

Fez m.<sup>16</sup> bem em não ir ao meeting.

Isto de *comícios populares* é uma espécie de Praça da Figueira politica: quem la vai, diga o que disser, intende-se sempre que vai comprar ou vender. Depois, à *quoi bon?* são comedias ensaiadas de antemão e o resultado é ja previsto e necessario. Sem isso, como os provocariam os espartalhões q̄. os fazem?

Vamos ao estylo. Está excellente: claro, sobrio animado, e n'um optimo ton. Tenho notado q̄. V. escreve

---

<sup>1</sup> A reorganização do Banco de Portugal, 1877.

tanto melhor quanto mais o assumpto entra nas realidades sociaes, na critica contemporanea: indicio certo da sua vocação. *V. é socialista*, não é philosopho nem litterato. Não esqueça isto. A philosophia, a historia hão-de certamente servir-lhe de muito: mas *servir*, como instrumento, como materiaes. Aprovo muito os estudos em q̄. actualmente está empenhado, mas intendo q̄ o que n'elles colher é sob a forma de *socialismo*, que melhor emprego poderá ter. Esse é que é o seu *feitio*; e, se não tivesse outra prova, bastava-me esta do *estylo*. O que *V.* tem escripto de melhor é o *Port. e o Soc.*, as chronicas da *Revista* e outras coisas analogos. São *vivas*. As outras são mais ou menos *bem feitas*, mas não tem a nota, o tom da individualidade. O seu folheto foi p.<sup>a</sup> mim uma ocasião mais de fazer esta observação, ou antes, de a confirmar. Philospho pois á vontade, mas não esqueça isto, e sobre tudo quando escrever d'aquillo não se encomode a perguntar-me pelo *estylo*. Pode ter a certeza de q̄. fez obra boa. O meu papel de critico cessa onde começa a infalibilidade do inconsciente. (Se não perceber esta ultima phrase, tenha paciencia; não posso agora explicar melhor).

E adeus. Recomende-me a sua mulher.

Do C.

*Anthero de Q.*

Traga-me, na 1.<sup>a</sup> ocasião q̄. em venha a Lisboa, os seguintes Balzacs: «*Cesar Biroteau, La maison Nucingen, Le cousin Pons, e Histoire des treize*».

---

XXXIV

2.ª feira, 26/2/77.

Caro Amigo.

Devia ter respondido *immediatam*.<sup>10</sup> á sua carta, mas durante estes ultimos 15 dias caio sobre mim um d'aquelles meus ataques de opleen, nevrose, hipocondria, asneira, ou como melhor se lhes possa chamar, q̄. teem a virtude de me bestificar, endoidecer e entristecer, tornando-me incapaz de tudo, visto q̄. até de lhe escrever me tornam incapaz. Começo agora a melhorar, e aproveito um momento lucido p.<sup>a</sup> lhe responder.

Não vejo inconveniente algum no seu projecto de escrever *tudo* sobre a questão bancaria. Pelo lado pessoal, claro está q̄. não ha senão vantagem. Pelo lado *objectivo*, parece-me infundado o seu receio: uma medida governativa pode ser apoiada por um socialista sem q̄. isto comprometta o governo, por q̄. não o liga. Depois, seria ingenuidade excessiva suppor q̄. o governo apresenta essa medida por razões doutrinaes e q̄. esse ponto de vista pode influir nas suas determinações. O governo tem em vista, com esta medida, combinações de politica e de interesses de q̄. não desiste seguram.<sup>10</sup> por motivos de pura opinião. Pode ser q̄. os ministros não gostem de ser defendidos como V. os defende, *voilà tout*: mas V. não escreve p.<sup>a</sup> dar gosto aos ministros não é assim? Escreva pois, q̄. a occasião é boa p.<sup>a</sup> ser lido com aproveitam.<sup>10</sup>; é uma rara occasião de propaganda, q̄. se deve aproveitar.

Não percebo como é q̄. V. entendeu q̄. eu considerava



os seus trabalhos historicos como « banalidades mais ou menos bem feitas ». Bem sabe q̄. lhes dou m.<sup>13</sup> importancia, e q̄. sempre o tenho animado a proseguir n'elles. O q̄. eu quiz diser, e é convicção minha, é q̄. as suas ideas philosophicas, historicas, moraes e litterarias, para terem a sua forma verdadeira e adequada, o seu cunho original e vivo, devem ser vasadas nos moldes do socialismo. Mas socialismo, p.<sup>a</sup> mim, não é a economia politica, como V. parece suppor, nem a « estatistica q̄. sabe faser qualquer caixeiro ». Para mim, socialismo é sciencia e philosophia social: inclue pois, com a economia, direito, historia e moral, mas tudo isto fundido e *philosophado* d'uma maneira *sui generis*, maneira positiva, pratica, de organisação, de governo, se quizer: alta politica e não sciencia pura. Este temperamento, q̄. é o do verdadeiro politico e do verdadeiro historiador, chamo-lhe eu *socialista* — e a V. não será necessario diser-lhe porque — e intendo q̄. é esse o seu. Os seus trabalhos historicos teem p.<sup>a</sup> mim m.<sup>10</sup> valor, justam.<sup>10</sup> por este lado, pelo q̄. ha n'elles de *socialismo*. Mas V. ha-de convir q̄. a historia contemporanea, a sociedade actual, são a materia e o terreno propicio p.<sup>a</sup> se faser socialismo.

É por isso q̄. eu o chamo p.<sup>a</sup> esse terreno (ou antes, q̄. prevejo q̄. ha-de vir naturalm.<sup>10</sup>, a fixar-se n'elle) mas sem de modo algum desdenhar dos trabalhos q̄. occupam actualm.<sup>10</sup>, trabalhos q̄. alias estão na *linha* socialista e dos quaes V., como socialista, ha-de tirar (e ja tem tirado) immenso proveito. É de crer que se Proudhon tivesse podido abrir na sua carreira ardente um parenthesis consagrado ao estudo sereno e despreocupado da historia, teria corrigido m.<sup>10</sup> o q̄. havia de rigido, absoluto e *one sided* nas suas opiniões. Viva

pois a historia, mas a historia como *meio* e não como *fim*. Tal é a minha sentença!

Adeus.

Do C.

*Anthero de Q.*

E o Batalha? ninguem aqui sabe d'elle. Saberá V.?

---

XXXV

17 de Maio.

Meu caro amigo.

O pessimo tempo chuvoso e em extremo electrico, q̄. aqui reina ha 15 dias, tem-me posto em má disposição de espirito e obrigado a adiar de dia p.<sup>a</sup> dia o escrever-lhe.

Acho-lhe razão no q̄. diz a respeito da dedicatória do seu livro. Eu não tinha visto a coisa por aquelle lado, talvez porque, ainda q̄. pouco me agrada o presente, quando saio d'elle é mais p.<sup>a</sup> o passado do q̄. para o futuro. Mas V. tem razão, ainda q̄. he duvidoso se haverá posteridade p.<sup>a</sup> este deploravel Portugalorio de hoje. Em todo o caso, o q̄. eu desia na minha anterior carta não era propriam.<sup>te</sup> uma objecção ao seu pensamento, mas a expressão do sentimento de desdem q̄. me merece esta sociedade em q̄. vivemos. Mas eu quero ir com V. p.<sup>a</sup> toda a parte p.<sup>a</sup> onde vá: para mim o essencial não é esse «logar p.<sup>a</sup> onde», mas a sua companhia. Reconheço ainda q̄., para o seu livro produzir mais effeito sobre alguns espiritos moços q̄. pre-

cisam d'uma direcção, é util apresenta-lo como mais alg.<sup>a</sup> coisa do q̄. uma *opinião* individual, como uma *doutrina* collectiva — embora de uma collectividade reduzida ao minimo numerico. Mas se *numeri regunt mundum*, isso é só no mundo material, em que pese aos theoreticos do sufragio universal.

Sou inteiram.<sup>te</sup> do seu sentir na questão oriental. A Russia, é claro, tem em vista um fim interessado — só os individuos podem trabalhar por um fim desinteressado, nunca as nações: mas o interesse da Russia une-se e quasi se confunde com o interesse da civilisação, o q̄. o justifica, em q.<sup>10</sup> a Inglaterra, não menos cupida e perfida, pugna por interesse seu exclusivo, ao qual pretende sacrificar coisas superiores. N'este ponto parece-me q̄. não pode haver duas opiniões. Mas q̄. sairá d'isto? Uma guerra universal (Russia e Alemanha dum lado, Inglaterra, França e Austria do outro) afigura se hoje como inevitavel. O golpe de Estado de Mac-Mahon <sup>1</sup>, q̄. o telegrapho nos communicou hontem, inexplicavel dado o *statu quo*, parece-me explicar-se

---

<sup>1</sup> A votação por grande maioria de uma moção apresentada por Gambetta, de desconfiança ao ministério monárquico clerical Broglie-Fourtou, foi o pretexto para Mac-Mahon dissolver o parlamento francês. Esse repto violento deu lugar à união dos republicanos, que, chefiados por Leon Gambetta e Adolfo Thiers, conseguiram levar à Câmara dos Deputados uma maioria esmagadora. Posteriormente, as eleições do senado, em que os republicanos conseguiram também triunfar, e uma proposta votada nas câmaras substituindo os comandos militares, obrigou Mac-Mahon a pedir a demissão de Presidente da República, cedendo assim à célebre intimativa do grande patriota Gambetta — *Demita-se ou submetta-se*. Foi desde então que a República Francesa principiou a ser governada por republicanos.

perfeitamente no ponto de vista desta eventualidade, que aliás mil factos denunciam. Mas uma guerra deste calibre não é só uma grande revolução na politica internacional: é tambem, e talvez sobre tudo, uma g.<sup>da</sup> revolução social dentro de cada nação. Mil questões esboçadas e que ainda esperavam vão surgir formidaveis sob a pressão dos acontecimentos, no meio d'uma perturbação profunda, politica e economica.

Considero tudo isto inevitavel, e intendo q̄. é a *crise* do seculo 19, o seu acto final, como o foi p.<sup>a</sup> o s. 18 a Revol. Franceza.

Que vai sair d'esta *crise*? Duas coisas, desde ja, me parecem indicadas. 1.<sup>o</sup> o desaparecimento das pequenas nacionalidades e formação de grandes aglomerações *mais q̄. nacionaes*, verdadeiros Imperios: 2.<sup>o</sup> dentro d'estes Imperios, as questões politicas de q̄. viveu sobre tudo o s. 19, postas de lado cada vez mais e cada vez mais as questões sociaes e moraes (religião, educação) dominando a opinião e determinando o curso dos acontecimentos. Por ora não vejo mais nada, atraves da grande fumarada. É diferente do q̄. temos visto, mas não me parece peor. Estou até em diser q̄. é melhor. A grande *operação chimica* da Religião da Humanidade deve lucrar m.<sup>to</sup> em ser assim feita dentro de meia duzia de poderosas retortas, vastas, solidas e onde em larga escala se podem accumular as materias primas. Que pensa d'este modo de ver? desejo m.<sup>to</sup> sabe-lo.

Adeus

Do C.

*Anthero.*

---

XXXVI

Meu caro Martins.

Ainda não li, por andar com o pensamento virado (*orientado!*) p.<sup>a</sup> outra banda, senão a «resposta aos criticos». Pareceu-me m.<sup>10</sup> bem. Para meu gosto, quiserá ainda mais acerada e aguda a ironia, sem deixar nunca, está claro, o tom académico. Mas eu em materia de ironia, tenho talvez gostos de carrasco — *carnifex*. O Thomaz de Carvalho <sup>1</sup>, com quem conversei ha dias, fallou-me de V., e da resposta aos criticos, com aquelle entusiasmo q̄. elle exprime maximamente por uma serie de caretas dignas da mascara de Thalia. A mim encheu-me as medidas particularm.<sup>16</sup> a ultima pagina da dita resposta.

Já terá visto pelos jornaes q̄. *boto falla* aos meus eleitores. A rasão é a seguinte. *Os federaes*, a quem a existencia do *socialista* encommoda altamente, abriram contra mim uma campanha de insinuações m.<sup>10</sup> tolas, com o fim de me demolirem no conceito dos operarios, persuadidos q̄., demolido eu acabaria o *socialista*. Tudo

---

<sup>1</sup> Tomás de Carvalho, professor de Anatomia da Escola Médico-Cirúrgica. Era muito erudito, um grande conversador, conhecendo a fundo a sua língua e a latina. Escreveu em latim macarrónico um poemeto intitulado — *Congratulação dos cães*, precedido de uma biografia de Sousa Viterbo, acompanhado de uma tradução do Bispo de Betsaida, de uma carta humorística de Eça de Queirós, de um folhetim de Latino Coelho, e de um soneto de Sousa Monteiro. Colaborou também em diversos jornais literários e scientificos.

isto é idiota, e V. faz ideia se eu dou importancia a taes insinuações, aliás m.<sup>to</sup> velhacas, como quem sae do laboratorio merdoso do Theophilo <sup>1</sup>, e que consistem em dar a intender q̄. eu sou um sceptico, um bocado cynico, q̄. ando disfrutar os operarios, q̄. me rio d'elles como os amigos. Mas, como me custaria bastante q̄. os operarios, q̄. eu estimo realmente, podessem acreditar alguma parte d'estas sugidades, coisa a q̄. alias se presta a minha attitude «puramente passiva», resolvi, p.<sup>a</sup> mostrar a minha adhesão e pôl'a fóra de duvidas, botar uma falla, em forma de carta <sup>2</sup> em resposta á commissão q̄. me oferece a candidatura. V. verá impresso esse documento, de q̄. lhe não mando copia, por ser extenso. N'elle faço sentir o alto valor e a significação das candidaturas socialistas 1.<sup>o</sup>, pelo lado politico, como indicando q̄. a classe operaria comprehendeu a final q̄. a politica de formas e systemas é já hoje coisa anachronica, q̄. republicanos e monarquicos valem no fundo o mesmo. 2.<sup>o</sup> pelo lado moral, mostrando q.<sup>to</sup> aquelles centos de votos, não comprados, vale incomparavelmente mais do q̄. os milhares de votos venaes q̄. levam ordinariam.<sup>te</sup> ao Parlamento os deputados da Burguesia. No desenvolvimento d'estes dois pontos se resume o meu *manifesto*, escripto com moderação de linguagem

---

<sup>1</sup> Antero refere-se aos ataques dos jornais republicanos *O Trinta*, *A Republica Federal*, e *Emancipação* (de Tomar), que, influenciados mais ou menos por Teófilo Braga, Carrilho Videira e outros republicanos federalistas, respondiam aos artigos que Antero, combatendo os republicanos e sobretudo Teófilo Braga, escrevia no *Protesto*, jornal socialista.

<sup>2</sup> *Aos eleitores do circulo 98 — Carta do dr. Antero de Quental á commissão eleitoral do partido socialista no referido circulo.* Foi reproduzida no volume — *Cartas de Antero de Quental.*

e d'onde afastei q̄.<sup>1o</sup> podesse ser irritante sem necessidade. Estou persuadido de q̄. aprova tudo isto.

Não tive coragem p.<sup>a</sup> ler até ao fim o livro do Theophilo. Se aquillo fosse feito com habilidade, ainda q̄. perfido, lel-o-hia sem repugnancia. Mas é tão idiota, ao m.<sup>o</sup> tempo, tão andrajoso, tão capa de retalhos, q̄. não pude resistir ao tédio. O homem é simplesmente orate. Como vejo certos logares marcados, intendo q̄. V. pensa utilizar-se, p.<sup>a</sup> o seu *Portugal Cont.*, de certos apontamentos biographicos: diga pois se quer q̄. lhe devolva o volume. Mas dévo advertil-o de q̄. um Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, homem sabedor de casos e datas, escreveu uns folhetins no dito *Conimbricense*, rectificando uma g.<sup>o</sup> parte das informações do Theophilo. Não vi os folhetins, isto foi-me dito pelo Araujo. Esteja pois prevenido.

Adeus. As minhas melhores lembranças a sua mulher.

do seu do C.

*Anthero*

---

XXXVII

21 de Set.<sup>bro</sup> (77).

Meu caro amigo.

O Saragga insta commigo p.<sup>a</sup> q̄. escreva o artigo sobre o Herculano nos *Dois Mundos*<sup>1</sup>, e V. tambem me

---

<sup>1</sup> Os *Dois Mundos*, publicou-se em Paris nos anos de 1876-91, sob a direcção de Salomão Saragga. Antero publicou aí os artigos sôbre Michelet e Herculano, reproduzidos no vol. II das *Prosas*.

fala n'isso — mas, realmente, não me é possível. Um artigo sobre o Herculano não é a mesma coisa q̄. um artigo sobre Michelet: n'este podia dizer o q̄. quizesse e até onde quizesse; algumas phrases bonitas e, aqui e ali, um *aperçu*, uma sugestão, era o q̄. se me pedia e o q̄. bastava p.<sup>a</sup> o publico portugues.

Agora o caso é outro. *Eu* não posso escrever sobre o Herculano senão um artigo serio, um verdadeiro estudo, q̄. envolva um verdadeiro *juízo*: apreciar o escriptor, o homem publico e o homem, em si e em relação á epoca tanto no seu pais como na Europa. É um bello programma, mas p.<sup>a</sup> o realisar d'uma maneira digna de *eu* o subscrever precisava d'uma contensão q̄. excede as minhas forças actuaes. — Quer e pode, ou antes, pode V. escrever esse artigo? Tem quasi um mez para isso, pois só será publicado no 3.<sup>o</sup> numero, isto é, no fim de Outubro: o 2.<sup>o</sup> numero limita-se a publicar o retrato do Herculano, com um leve commentario ou noticia, em q̄. se annuncia p.<sup>a</sup> o n.<sup>o</sup> seguinte um artigo completo. Nõ caso de nem eu nem V. escrevermos o artigo, propõe-se o Saragga, *à bout de ressources*, faze-lo. Mas eu preferia infinitam.<sup>to</sup> q̄. fosse V. quem o fizesse, e isto por mil razões, sendo duas culminantes: 1.<sup>o</sup> por q̄., de nós todos (e de todos, por maioria de razão) é V. quem está mais no caso de fallar com segurança e julgar com firmesa: só um artigo seu me enchia as medidas. 2.<sup>o</sup> por q̄. um artigo seu, sobre o Herculano, é tambem meu, por q̄. é *nosso*, por q̄. é o unico q̄. eu anticipadam.<sup>to</sup> subscrevo, por q̄. disendo o seu pensam.<sup>to</sup>, diz necessariam.<sup>to</sup> o meu e m.<sup>to</sup> melhor do q̄. eu o diria. E ahí tem as minhas 2 razões. Agora decida e, n'um caso ou n'outro, mande diser com tempo.



Por aqui os ares turvam-se cada vez mais. Leia a proclamação de Mac Mahon. A morte do *petit bourgeois* abalou um tanto a confiança da burguesia republicana, mas não julgo q̄. possa ter g.<sup>do</sup> influencia nas eleições, porq̄. estas terão um character *tranché*, radicaes ou bonapartista é o q̄. ha-de sair. V. pede-me a minha opinião ou as minhas impressões sobre as coisas de França, mas eu chego a ja não ter opinião, tão completo é o *gachis*, tão confusas e fuscas são todas as prespectivas. Só vejo uma coisa; é o triumpho dos radicaes nas eleições. Mas isto está bem longe de ser uma solução. É, pelo contrario, a entrada da crise no periodo agudo. No fim de contas, crise é tudo na Europa de hoje. Que me diz aos Russos?

Mais meia duzia de derrotas (e é o mais provavel) e a intervenção da Alemanha vae pôr *le feu aux poudres* em todo o mundo. Que bonitas prespectivas! E como é q̄. V. pode esperar no meio d'isto uma evolução proxima no sentido da justiça e da moral? Eu por mim creio q̄. o *periodo romano* ha-de seguir até ao fim e q̄. tudo caminha p.<sup>a</sup> a dissolução da sociedade europea. Adeus

do C.

A.

---

XXXVIII

1 de Outubro.

Meu caro Martins.

Recebi a sua carta fraternal. Receba em troca um abraço idem.

O Batalha partio hoje, por terra. Vió tudo!

Escrevo-lhe á pressa, p.<sup>a</sup> que esta vá ainda hoje, e só p.<sup>a</sup> lhe diser q̄. aceito as condições q̄. põe ao encarregar-se do artigo sobre o Herculano. O artigo do *Globo*, agradou-me e parece-me um *canevas* q̄. a V. lhe bastará encher e desenvolver, pois toca os pontos principaes, o escriptor, o homem e a epoca. Eu escrevi 3o ou 4o linhas, p.<sup>a</sup> acompanharem a gravura, e la verá V. como nos encontramos na apreciação do homem em relação á epoca.

Q.<sup>to</sup> ás dimensões dê 6 a 7 columnas se quiser faser um só artigo e o dobro querendo fazer dois.

É provavel q̄. do dia 13 em diante ja aqui não esteja em Bellevue, pois p.<sup>a</sup> o tempo frio esta casa não serve.

Vou p.<sup>a</sup> outra em Paris, mas não sei qual, ainda. Não me escreva pois p.<sup>a</sup> aqui alem dessa data, mas p.<sup>a</sup> casa do Saragga (7, Rue du Centre, champs Élisées) mas subscriptando com o nome d'elle e não o meu, por causa das confusões da porteira.

Adeus dê as minhas lembranças cordeaes a sua mulher e receba um abraço do seu

Do C.

*Anthero.*

Vou lêr o *Helenismo*<sup>1</sup> e escreverei.

---

XXXIX

24 de D.<sup>bro</sup> (77).

Meu caro Martins.

Annuncio-lhe o meu proximo regresso. Decididam.<sup>te</sup>, a hydrotherapia não me aproveita de inverno. Para me

---

<sup>1</sup> *O Helenismo e a Civilização Cristã*, de Oliveira Martins.

manter na temperatura conveniente, preciso de fazer mais exercicio do q̄. comportam as minhas forças: de sorte q̄. o q̄. ganho por um lado é perdido pelo outro. Junte a isto a g.<sup>da</sup> humidade do clima, e comprehenderá a prudencia da minha resolução. Nada impede q̄. volte no verão a fazer outra estação balneatoria, estando provado, como parece estar, q̄. n'essa quadra me aproveita bastante a hydrotherapia.

Parto por Bordeus, no paquete de 5 de Dezembro.

Acabo de ler impresso o seu artigo Herculano. Pareceu-me bem, e julgo ter sido feliz nas modificações q̄. n'elle introduzi. A esta hora ja V. o deve ter lido tambem. Oxalá lhe agrade o meu trabalho de revisão.

Adeus, ou até breve.

Do seu do C.

*Anthero.*

Ainda não tenho o livro sobre Goya, mas não saio de Paris sem elle.

---

XL

Bellevue, 22 de Junho (78).

Meu caro amigo.

Há tanta bulha e tamanha confusão em Paris, q̄. não pude parar ali mais do q̄. 2 dias, e vim fugindo p.<sup>a</sup> este ermo, onde consigo dormir e andar sem levar encontros. Ja aqui tomei 6 duches, q̄. me vão aproveitando.

Vi o Saragga. Esteve doente, mas vai melhor agora. Elle entregou o seu livro ao Renan, q̄. parece tel-o lido,

ou ter lido alguma coisa n'elle, pois disse q̄. lastimava q̄. V. seguisse Goldzieher (? o tal hungaro da Mythologia Semitica) autoridade, segundo o Renan, de mui fracos quilates e em extremo fantasista.

A impressão dos *semitas* (Renan e Saragga) sobre essa parte da sua obra, não lhe é favoravel. Parece q̄. ha muitas questões. Elles é que sabem.

Quanto ao Havet, faço eu tenção de ir levar-lhe o *Helenismo*. É uma bõa occasião de *ver a meu salvo* o nosso sympathico mestre.

Saberá q̄. descobri aqui (après tout le monde) um romancista de primeira força. É Daudet, auctor do *Nabab* e de *Jak*. Leia-o. É um Zola, sem pose, sem pessimismo, um Zola tão sympathico q.º o outro é desagradavel.

Estou aqui m.º só, embora a casa esteja cheia como um ovo: mas é tudo uma gente vulgar e inconvertivel.

Dicididam.º, a França é o paiz da vulgaridade: uma *élite* (escol) finissima, intelligentissima, e depois o plano infinito e monotono da vulgaridade.

A final, todo o mundo civilisado tende p.ª este estado de coisas. A originalidade, a individualidade tem fatalm.º de ceder, sob o nivel de uma meia cultura uniforme.

Envio lhe essa *local*<sup>1</sup>, que entrego á sua meditação. Marx botou manifesto, mas ainda o não vi.

<sup>1</sup> On écrit de Marseille au *Messenger* du midi :

Nous venons d'avoir une nouvelle scène de violence provoquée par l'attentat de Nobiling. Deux matelots allemands, faisant partie de l'équipage d'un navire de commerce ancré dans notre port, discutaient sur l'état de santé de l'empereur Guillaume et sur la question de savoir s'il convenait de signer l'adresse que veulent envoyer à Berlin les sujets allemands résidant à Marseille, adresse

Adeus. As minhas lembranças m.<sup>to</sup> cordeaes a sua  
mulher.

do C.

*Anthero*

P. S. Diga ao Brandt (a quem não escrevo por não  
saber como dirigir a carta) q̃. o projecto de lei sobre  
os medicos estrangeiros em França ainda não foi vo-  
tado, de sorte q̃. estão as coisas como d'antes — mas  
q̃. tambem não foi retirado, de modo q̃. pode mais mez  
menos mez ser aprovado. Actualm.<sup>to</sup> basta uma aucto-  
risação das auctoridades locaes.

*M<sup>r</sup> Etablissement Hydrotherapique a Bellevue Seine  
et Oise.*

A.

---

XLI

29 de Junho (78).

Caro Amigo.

Escrevo-lhe em vespas das famosas festas, de q̃.  
terá noticia pelos jornaes. A Republica segue, como

---

déposée chez le consul germanique M. le comte de Bothemer, rue  
Breteuil, 102. L'un voulait signer, l'autre ne voulait pas.

Une discussion s'engage, les couteaux sont mis au vent, et le  
matelot qui voulait signer l'adresse reçoit une blessure des plus  
graves. Il est en danger de mort.

Tout récemment une querelle à peu près semblable s'éleva  
entre un matelot anglais et un matelot prussien. Le matelot an-  
glais, ayant voulu prouver qu'on avait eu tort d'attenter à la vie  
de l'empereur Guillaume, eut la carotide ouverte d'un coup de  
couteau.

não podia deixar de seguir, os vestígios do Imperio: *panem et circenses*: em bom francez: *des affaires et des fettes*. Os republicanos chamam-se hoje *les arrivés*, e parece q̄. tem engordado prodigiosam.<sup>1o</sup> com o chorume do orçamento. É uma nova *curée*. Entretanto, é necessario divertir a plebe. A festa de amanhã está orçada (au plus bas) em 500.000 francos. Meio milhão em fogos de artificio, *marche aux flambeaux*, ja é sofrivelm.<sup>1o</sup> babilonico!

Tudo q.<sup>1o</sup> oiço ou leio nos jornaes me confirma na opinião formada o anno passado: 1.<sup>o</sup> q̄. a Republica está definitivam.<sup>1o</sup> estabelecida em França: os velhos partidos estão decididam.<sup>1o</sup> tontos e incapazes de comprehenderem o lado pratico, real, positivo da situação: fortes na critica das *blagues* dos republicanos, mas radicalm.<sup>1o</sup> impotentes p.<sup>a</sup> descobrirem o terreno positivo da reorganisação conservadora: o melhor q̄. acharam foi deixar-se ir a reboque dos Jesuitas, e comprometterem-se p.<sup>a</sup> sempre tornando-se solidarios com o q̄. tem irremissivelm.<sup>1o</sup> de morrer: os proprios bonapartistas, hoje, são clericaes! — 2.<sup>o</sup> Que *dentro da Republica*, ha toda uma serie de evoluções perigosas, e porventura de revoluções, a executar. É questão de 2 a 3 annos, q.<sup>1o</sup> muito, e a coisa começa. Aqui, toda a gente tem m.<sup>1o</sup> nitidam.<sup>1o</sup> este sentimento da instabilidade, do precario, do provisório d'este estado de coisas actual. Os *oportunistas* descem visivelm.<sup>1o</sup>, e dentro em m.<sup>1o</sup> pouco tempo serão *débordés*.

Pobres homens! desejariam parar e conservar o adquirido — segundo se diz, estão hoje mui nedios: altos cargos administrativos e diplomaticos, bellas concessões de portos, docas etc.: calcula-se em 200 milhões só o q̄. as novas medidas de Freycinet deixam nas

mãos dos *hommes d'affaires* da sucia gambettista — mas não podem parar: *la queu les entraîne*. O socialismo hoje espraçou-se das cidades e invadiu já os campos. Mas o q̄. será esse socialismo? mysterio. Como se isto não bastasse, vem a questão religiosa, q̄. tem aqui proporções realm.<sup>te</sup> temerosas. Basta-lhe este *symphoma*: domingo passado foi o dia da procissão do Corpus Christi. M.<sup>tas</sup> municipalidades prohibiram a procissão, a qual em m.<sup>tos</sup> pontos tentou sair *quand même*. D'aqui rixas, conflictos, q̄. em Marselha, por exemplo, e em varias povoações de menor tomo, tomaram quasi proporções de combates, com m.<sup>ta</sup> cabeça quebrada — Que sairá de tudo isto, amigo? Saberá a França organizar o sufragio universal e descobrir a verdadeira forma da representação nacional, criando uma verdadeira Republica? Saberá operar na medida exacta as reformas economicas necessarias? Saberá cortar as asas ao clericalismo, sem ao mesmo tempo ferir e humilhar as consciencias christãs? Isto é grave; e apesar d'uma certa fé q̄. tenho nas forças vivas, nos recursos moraes da França, não ousou responder pela afirmativa.

Um *mot* attribuido a Bismark, sobre as festas de amanhã: *la France a l'agonie folâtre*.

Adeus. As minhas lembranças a sua mulher.

seu do C.

*Anthero*

---

XLII

17 de Novembro (1878).

Meu caro amigo.

.....  
Eu vou indo, não ja tão bem como q.<sup>do</sup> cheguei, mas não inteiram.<sup>to</sup> mal. O Sousa Martins ouviu-me e apalpou-me e concluiu q̄. nada podia concluir e q̄. isto lhe parecia mais complicado do q̄. julgára a principio. Q.<sup>to</sup> à electricidade, diz elle q̄. é uma *blague*, de sorte, q̄. nada faço e deixo a natureza seguir o seu curso q̄. é talvez o partido mais prudente.

Pergunta-me V. se trabalho e quasi me envergonho de lhe diser q̄. sim, tão pouco é o q̄. faço e tão mal feito. Entretanto persisto, até me convencer de q̄. estou decididamente *fini*, conclusão a q̄. se chega, com reluctancia e com mais reluctancia ainda se confessa.

Fico esperando as suas *Eleições*, q̄. desejo ler impressas com mais attenção do q̄. pude consagrar ao manuscripto.

Adeus. Dê as minhas lembranças m.<sup>to</sup> cordeaes a sua mulher e creia-me

do C.  
Amigo Velho

*Anthero*

XLIII

Lisboa, 5 de Janeiro (1878)

Meu caro amigo.

Achei excellente o seu Programma e até, no genero, um modelo. Enviei ja tudo p.<sup>a</sup> o chiado. V. não me



diz como vai de saude, o q̄. me faz suppor q̄. vai na mesma. Eu tenho passado ultimamente peor, pois não posso estar deitado sem grande incommodo, o q̄. me transtorna extremamente. Esteve aqui, ha dias, o Lobo <sup>1</sup>, q̄. me disse ter gostado infinitamente do seu folheto das Eleições. Elle conta ser despachado brevemente Juiz.

Adeus, estou n'uma disposição d'espírito pessimo, por isso não digo mais. Se vir meu Thio de-lhe lembranças minhas. Recommende-me a sua mulher.

Do seu de C.

*Anthero de Q.*

---

#### XLIV

Caro Amigo.

Li o seu 2.<sup>o</sup> vol. <sup>2</sup>, como tinha lido o 1.<sup>o</sup>, d'um folego e com interesse sempre crescente. Aquillo é formidavel! Como é irrespondivel, ninguem lhe responderá. Aproveitará a alguem a leitura? É duvidoso, porq̄. o seu ponto de vista critico póde dizer-se por ora inacessivel: a razão publica acha-se ainda por tal forma extagnada sob uma crosta de preconceitos liberaes, romanticos! O q̄. elle ha-de fazer por certo é concorrer poderosamente p.<sup>a</sup> o scepticismo em q̄. tudo tem de se dissolver provisoriamente.

Já não é pouco isso. Quanto ao valor theorico (digo, doutrinal) do livro, só m.<sup>10</sup> tarde será reconhecido. O

---

<sup>1</sup> João Lôbo de Moura, já citado.

<sup>2</sup> A obra a que Anthero se refere é a *Historia de Portugal*, de Oliveira Martins.

futuro dirá q̄. V. foi o primeiro, q̄., entre as provas saídas da Revolução, julgou as consequencias d'elle, no seu verdadeiro ponto de vista historico, e como quem já saio inteiramente da atmospherá intellectual por ella creada. Por este lado, o seu livro é uma grande novidade *latina*, e um g.<sup>do</sup> symptoma. É singular q̄. um tal symptoma se produzisse em Portugal. Refletindo melhor não é singular: explica-se pelo facto mesmo de ser Portugal o pais onde o liberalismo triumphou mais completamente, e onde os seus elementos dissolventes mais se patenteam, por não serem neutralisados ou mascarados por outros, humanitarios, scientificos, philosophicos, q̄. lhe são extranhos no fundo, mas q̄. o vulgo confunde ainda com elle. Isto tornou aqui possivel (o q̄. o não é ainda em mais parte alguma) uma critica independente. Já uma ves tinhamos estabelecido q̄. Portugal está excellente para a philosophia. V. o vai agora demonstrando com os seu livros.

Sobre tudo isto conversaremos mais tarde. Agora quero ainda dizer-lhe que este seu 2.<sup>o</sup> vol. pecca bastante q.<sup>to</sup> á forma: requintam n'elle varios dos defeitos do seu estylo, abundando alem disso as incorreções. Dir-se-ha q̄. V. ao escrevel-o, estava já farto do assumpto e impaciente por terminar.

De tudo tomei nota, p.<sup>a</sup> juntos corrigirmos a 2.<sup>a</sup> edição. Um livro d'estes deve ser impeccavel, ainda por este lado não essencial. Além d'isso, a historia é obra de arte; como tal, sugeita ao escrupulo da forma.

Adeus.

do C.

*Anthero.*

V. Perguntava-me se acharia o 2.<sup>o</sup> vol., tão *interes-*

sante como o 1.º Respondo q̄. sim, com a differença q̄. o interesse do 1.º vol. é *dramatico*, por conseg.º p.ª todos, do 2.º *critico*, e por isso só p.ª quem reflecte.

É a differença dos assumptos, não da mão do autor, *in utroque eminens.*

---

XLV

Meu caro Amigo.

Vejo q̄. já está de volta, e não posso deixar de lhe communicar q̄. foi grande o prazer e interesse q̄. tomei na leitura do seu 2.º vol. Elles cá ficam ás suas ordens, *cum commento* q̄. n'este 2.º vol. ainda é mais leve do que no 1.º Decididamente, V. acaba por saber escrever. Está escriptor: e como já era grande pensador, aquelle outro dote, mais recentemente adquirido, levanta-o á categoria de grande escriptor. O seu livro é obra de mestre em toda a parte: quero dizer, de philosopho e de moralista ao mesmo tempo, q̄. essa é q̄. é a g.ª cousa. Na sua muita sabedoria é humano: isso o torna profundo, ficando sempre simples. Que mais lhe direi? Sabe q̄. o louvor tem isto, de ser por natureza conciso. A *Theoria da Humanid.ª* é aquella, a *theoria positiva*, a que se apoia nos factos e que, uma vez n'elles assente, é inabalavel. Tal é, amigo, a impressão q̄. me deixou a leitura da sua obra. Receio q̄. de todas as suas, seja a mais incomprehendida pelo nosso publico. Á altura d'aquelle ponto de vista só estão os homens acostumados a m.º pensar, ou então os espiritos simples e sãos.

Eu aqui continuo bem, e de saude melhor agora, tendo-me passado o q̄. quer q̄. era, q̄. durante os ul-

timos meses me encommoava bastante. Se o tempo melhorar p.<sup>a</sup> depois do Natal, talvez la vá conversar uns dias. Agora estou á espera do Alberto <sup>1</sup> e tambem me desagrada o Porto com chuva.

Ha días não tenho feito outra cousa senão ler *Rabelais*, leitura, p.<sup>a</sup> quem comprehende aquillo, excellente. Creio q̄., de todos os g.<sup>des</sup> escritores da Renascença, nenhum revela tanto, tão claramente e por tantos lados, o espirito da idade moderna, esse Naturalismo-Humanismo a cuja crise de desdobramento assistimos hoje. E é curioso, em m.<sup>tas</sup> cousas, comparar a *concepção* d'antão e a *realidade* d'hoje. As diferenças q̄. ha entre ambos só por si são uma luz e um criterio.

Adeus. Não me mande do Figaro senão aquelles n.<sup>os</sup> q̄. trouxerem alg. cousa interessante. Digo isto de prevenção, porq̄. os q̄. me tem mandado estão n'esse caso. O processo Rochefort-Roustan <sup>2</sup> é edificante, e mais ainda o facto mesmo do processo. Pobre França!

Um abraço do seu

do C.

*Anthero.*

---

<sup>1</sup> Alberto Sampaio, já citado.

<sup>2</sup> Mr. Roustan, Residente Geral em Túnis, tendo sido acusado no jornal *O Intransigente*, de H. Rochefort, de concussionário e de ter concorrido para a expedição militar a Túnis, que ao tempo teve muitos partidários e adversários, foi pelo Ministério dos Estrangeiros insinuado a chamar aos tribunais o grande panfletário, que, não tendo apresentado provas das acusações, foi absolvido, por se ter reconhecido ter procedido de boa fé.

XLVI

(1880).

Meu caro Martins.

Como vae? Bom. E os seus trabalhos? Crescendo com a regularidade e a amplitude d'uma sublevação geologica. Eu, como de costume. Mas já cheguei a perceber que só estou bem quando estou mal. Isto é uma das minhas melhores descobertas e q̄. me está fazendo grande bem. O mystico sem cilicio não é mystico, e o verdadeiro cilicio é o interior. Bem está pois. O seu *Brazil*<sup>1</sup> encheu-me as medidas. Fil-o ler a um caturra colonial (o Tedeschi) q̄. se deu por plenamente convencido. É maravilhoso (ou não é) como aqui o livro vái passando despercebido. Toda a gente jura na religião colonial, não se fala senão em Africa, e no meio d'este palavrorio é tal a inercia ou a petulancia q̄. ninguem saio á estocada p.<sup>a</sup> derrubar as suas formidaveis negativas! Ignoro se o Batalha ja publicou o promettido artigo, porq̄. o não vejo ha um seculo. Se sim, e V. o tem, mandem'o, que com gosto o leria. A mim, como disse, encheu-me o livro as medidas: a mesma parte historica, embora resumida, tem vida. Não conhecia aquelle Bonifacio! passa a ser um dos Bonifacios da minha estima, muito a serio.

Pobre homem superior! como tudo isto é triste! V. é outro Bonifacio, por isso eu lhe quero bem. Estes sujeitos ficam com as caras de tolos quando lhes digo q̄. V. é o unico homem *a valer*, que temos hoje n'esta pobre terra.

---

<sup>1</sup> *O Brazil e as Colonias Portuguesas.*

Em summa, *coisas nossas*, que são ainda mil vezes peiores do que *cosas de España*.

O assumpto especial d'esta carta é pedir-lhe o endereço (tradusa *adrêsse*) do Aug. Machado,<sup>1</sup> em Paris, a quem desejo escrever. Dê-me q.<sup>do</sup> possa noticias suas. O eu não lhe dar as minhas não é rasão. P.<sup>a</sup> V. me tratar com rigor, porq̃. V. diz-me sempre alguma coisa, em q.<sup>to</sup> q̃. eu, não sei porq̃. fatalidade, nada sei diser em cartas, de sorte que escrever ou não vem a dar na mesma.

Adeus. As minhas pequenas estão tão gordas<sup>2</sup>, q̃. q.<sup>do</sup> olho p.<sup>a</sup> ellas, ja me parece ver tres em vez de duas.

Esquecia-me diser-lhe q̃. aqui a grande comissão dos litteratos, depois de grave meditar, resolveu celebrar o centenario<sup>3</sup> com uma procissão! Isto é curioso, até no ponto de vista biologico, porq̃. mostra o poder do atavismo. Aos netos dos frades que lhes ha-de lembrar senão procissões? A idea, disem, partiu do Ramalho, q̃. a apresentou naturalmente como toda moderna e positiva. Notavel caso de « regressão morphologica »!

---

<sup>1</sup> Augusto Machado, músico-compositor. Escreveu várias romanzas, operetas e óperas, entre as quais *Os Dorias*, *Mario Wuttes*, *Laureana*, etc.

<sup>2</sup> Antero refere-se às irmãs suas pupilas, órfãs de Germano de Meireles.

<sup>3</sup> Antero, segundo refere Joaquim de Araújo, no *In Memoriam*, chegou a escrever um vigoroso pamfletto — *Centenario e Centenaristas*, condenando a comemoração do Tricentenário da morte de Camões. Esse opúsculo foi destruído a pedido de alguns amigos e influíu também para essa resolução o facto de Antero ter assistido à passagem do grande cortejo cívico, ficando muito comovido.

O Ramalho, cuidando ir a diante do seculo, reproduz simplesmente o avô que era da Ordem dos Terceiros!

Adeus do C.

*Anthero.*

---

XLVII

(1880).

Caro amigo.

A inercia, filha do frio, filho do tempo, pae de todos os males, tem-me impedido de lhe escrever, como ha muito desejo, para lhe dizer que li a 2.<sup>a</sup> edição da *Civ. Ib.*

Saberá pois que me satisfez plenamente, deixando-me esta impressão: que, depois d'aquelle livro, ficava dito tudo q.<sup>to</sup> ha de essencial sobre o assumpto. É um sentimento de plenitude, que ja tenho experimentado com alguns poucos livros, como a *Cité antique* do Fustel, e outros assim. Está claro que tudo aquillo estava na 1.<sup>a</sup> edição mas agora, mais lapidado, sobresaie o diamante duma maneira surprehendente.

Como *escripto*, estou tambem contente. V. tem grandes elementos de estylo, os quaes se manifestam desde q̄. retoca e expurga o q̄. escreve.

Aquillo póde já dizer-se *bem escripto*. Como Balzac, V. só se sabe emendar depois de impresso: as suas 2.<sup>as</sup> edições é que são o seu definitivo, *o bon á tirer*: O seu nôvo cap. dos arabes, excellente, e excellentissima a Introducção.

.....  
V. fez um livro p.<sup>a</sup> ficar. Porque é que o Saragga

o não traduz, p.<sup>a</sup> a collecção Bailly-Baillière, q̄. tão tolamentemente publicou as *Nacionalidades* do Py? O seu livro é que convinha. E o Corum? Eu desejo m.<sup>10</sup> que o seu livro seja traduzido em francez ou allemão, por me persuadir que será essa a melhor maneira de o recomendar aos hespanhoes, que são, a final, quem mais importa que o leia. Só a consagração europea, penso eu, pôde impôr, hoje em dia, á Hespanha, um livro portuguez. A proposito disse-me o Anselmo de Andrade, q̄. aqui passou, vindo de Madrid, ter ali encontrado o Casal Ribeiro lendo o seu livro, e que lhe falára d'elle com enthusiasmo.

Adeus. Dê noticias suas, de ves em quando. Eu agora entrei em hybernação, mas de saude vou melhor.

Fiz aqui certas reformas na casa a com o auxilio do aparelho *orthopedico* do Guilherme<sup>1</sup> consigo dormir quasi regularmente. Dê lembranças minhas a meu Thio, e m.<sup>tas</sup> a sua mulher.

Mando-lhe essa carta do Lobo<sup>2</sup> q̄. é interessante.

do C.

*Anthero*

---

<sup>1</sup> Dr. Guilherme de Oliveira Martins, irmão do escritor e por êle educado.

<sup>2</sup> João Lôbo de Moura, já citado.



XLVIII

(1881).

Caro Amigo.

Recebi e agradeço. Terminei hontem a leitura da *Anthropologia*<sup>1</sup>. Excelente. Sobre tudo, uma admiravel medida, a medida a razão, coisa q̄. tão pouco conhecem anthropologos e biologos de profissão. Os ditos biologos deviam ler o seu livro, e se tivessem juizo pensal-o e reconhecer q̄. um curioso, q.<sup>do</sup> é philosopho,, vale mais do q̄. um especialista, q.<sup>do</sup> o não é. Como concordo com tudo q.<sup>to</sup> ali li, nada mais tenho a diser, pois de elogios não precisa V., mas de observações e de critica. — Encarrega-me o João<sup>2</sup> de lhe dizer o seguinte: q̄. vinte vezes pensou, não em o ir procurar, porq̄. a sua fraquesa o não deixa sair, mas em lhe escrever. Não o fez por indolencia, e pede-lhe q̄. lh'a desculpe — acrescentando q̄., se lhe tivesse escripto, teria pensado em V. só uma vez, em q.<sup>to</sup> q̄. não escrevendo, pensou vinte. Isto parece-me tão concludente, q̄. tomei sobre mim passar-lhe quitação em seu nome. — Mando-lhe um soneto, q̄. fiz p.<sup>a</sup> me certificar se a leitura assidua de Palmeirim<sup>3</sup>, Thomaz<sup>4</sup> e confrades me teria embrutecido de tudo. Felismente, creio ter

---

<sup>1</sup> *Elementos de Anthropologia*, de J. P. Oliveira Martins.

<sup>2</sup> João de Deus.

<sup>3</sup> Luís Augusto Palmeirim, autor de vários livros de versos. Algumas das suas poesias, entre elas *A vivandeira*, *O guerrilheiro*, *O veterano* e outras, tornaram-no muito popular.

<sup>4</sup> Tomás Ribeiro.

resistido áquella dura prova, porq̃. o soneto parece-me bem, e cheira a meu.

Se vir o Joaquim <sup>1</sup> diga-lhe q̃. não se esqueça indefinidamente do q̃. lhe pedi na minha ultima carta.

Envio a sua mulher as lembranças da minha melhor amizade.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

XLIX

(1881).

Querido amigo.

V. ralhou commigo, mas d'esta vez sem razão. Affligio-me, porque me pareceu devisar na sua carta q̃. V. me considerava *ingrato* na sua extremosa amisade, q̃. eu ás vezes acho excessiva, porq̃. conheço a minha natureza feita só de intelligencia e imaginação poetica, mas despida da faculdade affectiva e humana q̃. tanto em V. domina.

Mas ingrato, não.

Vamos por partes.

1.º Q.<sup>do</sup> o Guilherme aqui veio, ja eu lhe tinha escrito desde a vespera.

2.º V. não pode querer que eu vá p.<sup>a</sup> sua casa, ainda em tratam.<sup>to</sup> d'uma molestia vergonhosa e ignobil. Bem me basta o meu vexame, aqui só entre quatro paredes.

---

<sup>1</sup> Joaquim de Araujo, já citado.

3.º Eu nunca me aborreci em sua casa e em sua companhia. V. esquece que, da ultima vez q̄. ahí estive *de longada*, me agitavam os tormentos de uma situação de sentimento singular e onde tudo parecia feito p.<sup>a</sup> me pungir.

Eu sofria tanto, q̄. andava estonteado. Mas não me aborrecia, e certo q̄. se estive n'outra parte ainda o sofrimento me pungiria mais.

Dê pois as mãos à palmatória, e reconheça q̄. desta vez foi sem rasão q̄. ralhou com o seu pobre amigo.

Li d'um folego o seu livro. Optimo. É um raio de luz electrica sobre os homens e cousas: veem-se por fóra e por dentro. Extrema lucidez na exposição dos factos; penetração no desenhar os homens e seus intentos: justiça recta nas sentenças: vida e cor local — se tudo isto não constitue um verdadeiro historiador, eu o juro por Michelet e Niebuhr, não sei o q̄. é historia. Aquillo não irrita; é tão objectivo q̄. desarma e convence. As suas considerações doutrinaes são sobrias mas decisivas, O prologo fez-me dar tres pulos de contente: outro tanto o seu Mousinho<sup>1</sup> e a conclusão.

Em tudo, só tenho a fazer um reparo: é q.<sup>to</sup> ao character *minhoto* do Setembrismo. Penso q̄. V. deu vulto demasiado á ethnographia ali.

O Setembrismo é portuense, *burguez*. Mas como o portuense é *minhoto*, naturalm.<sup>to</sup> o Setembrismo teve essa *cór local*. Mas o *minhotismo* é o accessorio, o *burguezismo* o essencial —. Q.<sup>to</sup> ao estylo, em geral, bom, já formado — mas algo incorrecto, pela precipi-

---

<sup>1</sup> Antero de Quental refere-se ao capítulo sôbre Mousinho da Silveira inserto no *Portugal Contemporaneo*.

tação, e também por causa d'ella, ás vezes, inelegante, redundante, apopletico.

Isto, sobre tudo, no quadro do cerco. V. quer *pintar*, mas não tem a paciencia dos pintores. D'aqui resulta q̄. repete certos efeitos e põe 3 adjectivos q̄. não pintam em vez d'um só, o bom, q̄. pintaria. Cae na redundancia.

.....  
Adeus. Um abraço do seu

*Anthero.*

---

L

28, Agosto. (1877).

Meu caro amigo.

Tenho effectivam.<sup>te</sup> passado peor ha coisa de um mez: nada de novo, mas uma d'estas alternativas a q̄. estou sujeito e recrudescencia dos habituaes encomodos. Isto levou o Charcot a declarar a hydrotherapia insufficiente e a adicionar-lhe a electricidade (statica). Como a dita electricid.<sup>de</sup> me é applicada em Paris, resulta d'ahi q̄. ando sempre de cá para lá, o q̄. me leva o tempo, me moe o corpo e me põe o espirito inerte. D'esta inercia a consequencia é ter deixado de lhe escrever, como a toda a gente, guardando o pouco tempo e energia de q̄. disponho p.<sup>a</sup> ajudar o Saragga na redacção dos 2 mundos. Quanto á tal electricidade, não tenho obtido resultado algum, por ora, nem me parece que venha a obter, mas continuo ainda por descargo de consciencia, até fins de Setembro, prazo q̄. fixo á minha volta. Guardo p.<sup>a</sup> então o discorrer com V.

sobre a questão representativa, e digo *discorrer* e não *discutir* por q̄. estou de accordo em tudo q̄. é essencial e apenas tenho a fazer-lhe duas ou trez observações, q̄.<sup>to</sup> á pratica. V. assentou as bases de uma verdadeira theoria da representação nacional, e é a primeira q̄. isto succede desde q̄. ha nações e representação. Está pois obrigado a expor e desenvolver em livro. Mas eu gostava q̄. antes de escrever, podessemos ainda discreter algumas horas ou dias sobre a materia a fim da obra sair o mais perfeita possível. Está por isto?

O q̄. me diz das coisas d'ahi não me espanta e, se quer q̄. lhe diga, quasi me alegra (alegra-me philosophicam.<sup>to</sup>) visto q̄. é bom q̄. seja o q̄. tem de ser e q̄. tudo vale mais do q̄. a actual putrefacção. As coisas, q̄.<sup>to</sup> chegam a certo ponto, caminham depressa. A educação das nações fes-se sempre á bordoadada. Um bom trambulhão é muitas vezes uma coisa salutar.

Adeus, tenho a cabeça como chumbo e mal sei o q̄. lhe escrevo, por isso ponho ponto.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

LI

6 de N.<sup>bro</sup> (1877).

Querido amigo.

Não se inquiete com o meu estado de saude, pois tudo se reduz a uma d'estas alternativas ou pequenas crises, a q̄. estou sujeito, e que começa, ao q̄. parece, a declinar ha 3 ou 4 dias. Querido amigo, na solici-

tude da sua amizade ha o quer q̄. é de paternal, q̄. me commove. V. vale bem mais do que eu; o seu coração é humano e pulsa d'uma maneira normalmente humana. Eu faço-me a mim mesmo o efeito d'um fantasma, e oxalá nunca os meus amigos tenham de reconhecer q̄. efectivam.<sup>1</sup> não sou mais do q̄. uma vā sombra, um fumo animado por um espirito incoercível!

Mas deixemos isto.

A idea de expor a sua theoria da representação n'um folheto popular <sup>1</sup> parece-me excellente. Entretanto, dou tanta importancia á dita theoria, isto é, considero a questão da representação tão capital e as suas ideas tão justas, q̄. intendo q̄. convêm faser um livro. Sorri-me a idea de publicar esse tal livro em francês e cá. Para a redacção em frances chegamos nós dois, e p.<sup>a</sup> a publicação tenho hoje aqui relações de certa ordem, q̄. tornam a coisa facil. Mas falamos de tudo isto *de espacio*. Adeus e um abraço

do seu do C.

*Anthero.*

Não me demoro alem de 25 ou 30 do corrente.

---

## LII

Calçada de S.<sup>ta</sup> Anna, 207, 2.<sup>o</sup> (1880).

Meu caro amigo. — Estou finalmente installado, o q̄. lhe participo. Estou contente, porq̄. me sinto socegado

---

<sup>1</sup> Referência ao folheto *As eleições*, publicado em Lisboa, 1878.

de espirito, como me não sentia ha annos. Já estava na idade de *faire une fin*, e esta foi ainda melhor.

Recebi carta do Saragga, q̃. me fala no n.º dos 2 *Mundos*, camoñeano <sup>1</sup>, e no programma q̃. nós dois combinámos e q̃. elle, approva. Não me lembro de ter combinado com V. coisa alguma a tal respeito; mas, se V. se comprometteu por mim, é q.º basta e faz lei. O q̃. porém preciso é saber o que *nós combinámos* e qual parte me compete no trabalho comum. Diga-me isto com tempo, pois bem conhece as minhas demoras.

Ainda não recebi o *Schäffle*. Diga-me quem é o tal individuo q̃. se encarrega de mandar vir livros de Allemanha, e como ou por intermedio de quem me possa dirigir a elle, para fazer uma encommenda.

Adeus. Recommende-me cordealmente e, se ella m'ò permite, fraternalmente, a sua mulher.

Do seu do C.

*Anthero.*

Peço-lhe q̃. participe da minha parte a meu Thio <sup>2</sup> a minha nova morada. Não lhe escrevo, porq̃. não tendo mais nada a dizer-lhe, acho q̃. basta este annuncio.

A.

---

<sup>1</sup> Antero de Quental não chegou a colaborar nos números camonianos dos *Dois Mundos*. Nesses números apenas colaboraram: Oliveira Martins; Mendes Leal, Embaixador de Portugal em Paris; João de Deus e Joaquim de Araújo.

<sup>2</sup> Dr. Filipe de Quental, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

LIII

Caro amigo.

A minha inercia saúda a Sua Actividade. Saúdo também os velhos romanos nos seus tumulos historicos. Devem estar bastante encommoçados debaixo da montanha de livros que os seculos indiscretos lhes têm ido deitando por cima.

O Laveleye <sup>1</sup> mora em Liège, na rua Courtois, n.º 38. Por este endereço, mande-me, se o conhece, o do nosso Jayme, consul: *consule Jaymo* <sup>2</sup>. O Alberto <sup>3</sup> já partio. Foi pelo Porto, e com tenções de o procurar. Nos seus estudos sobre Inquerito Industrial, encontrou elle este factio suggestivo: que o trapo portuguez, entre todos os trapos do mundo, é considerado o peor *por ser o mais remendado!* O conhecimento deste factio, só por si, vale os 50 contos que o Inquerito custou.

E adeus — ou antes: Saúde e Petroleo! segundo a forma consagrada.

Do seu do C.

*Anthero*

---

<sup>1</sup> Emile de Laveleye, publicista e economista belga. Alguns dos seus livros sobre questões económicas, e sobretudo *Le Socialisme Contemporain*, tornaram-nó muito conhecido dos alunos e professores das escolas superiores.

<sup>2</sup> Jaime Batalha Reis, ao tempo Cônsul de Portugal em New-Castle.

<sup>3</sup> Alberto Sampaio, já citado.



LIV

Caro amigo.

A sua solicitude é ainda maior do que os meus males. Aqui vieram o Guilherme <sup>1</sup> e Araujo <sup>2</sup> saber de mim, da sua parte. Não lhe escrevi logo, por estar esperando achar-me melhor, e com effeito um pouco melhor tenho passado, desde que me resolvi a ir dormir p.<sup>a</sup> casa de minha irmã, onde actualmente ha menos bulha de noite. D'aqui por 15 dias estarei na minha casa nova, onde espero ter socego, e com o socego melhores disposições de espirito do que as d'estes atroses ultimos meses.

Disse-me o Araujo q̄. V. vinha a Lisboa ás festas do *santanario* <sup>3</sup>. Se vier, traga-me o ultimo volume do Renan <sup>4</sup>, q̄. ahi comecei a ler. Se tem o livro do Theophilo *Estudos da Idade Media*, ou se o tiver o R. de Freitas <sup>4</sup> (parece-me q̄. o vi lá) traga-m'o tambem.

Adeus

. Anthero.

LV

1.º de Maio.

Caro Amigo, faço tenção de sair d'aquí 6.<sup>a</sup> feira á noite. Lá me terá pois no sabbado, á hora do almoço, se não houver algum transtorno, que não é provavel.

---

<sup>1</sup> Dr. Guilherme de Oliveira Martins, já citado.

<sup>2</sup> Joaquim de Araújo, já citado.

<sup>3</sup> Alusão ás festas do tricentenário da morte de Luís de Camões.

<sup>4</sup> Rodrigues de Freitas, já citado.

Espero d'esta mudança algumas melhoras physicas e moraes, que bem necessarias me são, pois não imagina a que deploravel estado nervoso e mental tenho chegado ultimamente. A sua boa e recta rasão é-me extremamente necessaria, como a melhor das hydrotherapias moraes. Prepare-se pois para me aturar com a paciencia e a caridade devidas a um doido lugubre e demais a mais philosopho. Tenho percebido q̄. esta complicação é a peor de todas as calamidades, porque não pode haver extravagancia mais funesta do que a que raciocina e systematiza as proprias visualidades. Infelizmente, não reconheço isto senão nos momentos lucidos, que cada vez são mais raros. Mas V. tem lucidez para dois, e eu farei todo o possivel para ver as coisas pelos seus olhos q̄. veem bem e naturalmente.

Adeus.

Do C.

\_\_\_\_\_  
*Anthero.*

LVI

Caro amigo.

Só hoje ficou combinado com a Anna o dia da partida, q̄. será Quinta feira, 20, á tarde.

O livro singular do Renan fez-me a mesma impressão q̄. a V. Dir-se-ha q̄. o celta não é capaz, tanto no intellectual como no politico, de entrar na esphera da liberdade, sem se desmoralisar e desnortear. Se isto é assim, mais uma rasão p.<sup>a</sup> dizer *Finis Franciae*.

Adeus — ou até breve.

Do seu do C.

\_\_\_\_\_  
*Anthero.*

LVII

Caro Amigo.

Não escrevi logo, annunciando lhe o ter recebido a carta p.<sup>a</sup> o F. P., por uma certa perguiça epistolar, q̄. é m.<sup>to</sup> minha, e agora ainda se aggravou com o vento sul.

Conto demorar-me ainda por aqui. Não me leve isto a mal, mas é necessidade do methodo q̄. me propus seguir n'esta minha ultima evolução, q̄. não sei ainda o q̄. dará de si, mas q̄. eu devo ajudar com tão severa disciplina como se estivesse destinado á maior das obras. Uma vez q̄. me metti n'isto, tenho de ser inexoravel commigo mesmo. — Em todo o caso, lá me terá p.<sup>a</sup> o Natal, porq̄. isso é dos livros. Em o tempo melhorando, veja se dispõe d'uma tarde para vir cá. Estou impaciente por saber, da sua bocca, o estado das cousas.

Quanto aos sonetos <sup>1</sup>, a perfeição seria q̄. V. discretesse e philosophasse sobre alguma ou algumas das questões psychologicas, moraes ou outras, q̄. o livro suggere, sem diser nada do Autor, sujeito pessoalmente insignificante, e apenas o *logar onde* de determinadas combinações de ideas e sentimentos.

Isto de *portraits littéraires* não é p.<sup>a</sup> V. nem para mim. E, apesar da obra ser tão individual, visto q̄. é lyrica, a final o q̄. ali interessa é só o q̄. tem de geral e humano, ou, se quiser, o q̄. tem de philosophico.

---

<sup>1</sup> Alusão aos *Sonetos* de Antero de Quental, que Oliveira Martins reuniu e prefaciou notavelmente. — 1.<sup>a</sup> ed., publicada em 1886.

Mas, provavelmente, estou-lhe indicando justamente, o q̄. V. fez ou vai faser, pois não percebi bem se já tinha escripto.

A final sempre estava phtysico o rei de Espanha. Apesar das considerações q̄. V. fez na *Provincia*, eu creio q̄. se não passará m.<sup>to</sup> tempo sem q̄. as cousas se alterem por lá — o q̄. virá ainda complicar as nossas. Parece-me q̄. n'estes dois ou tres annos mais proximos heverá que ver.

E adeus.

Do C.

A. Q.

---

LVIII

10 de Julho (1885).

Meu caro amigo.

Aprovo m.<sup>to</sup> a resolução que tomou. V. não podia recusar, sem q̄. essa recusa implicasse uma *abdicação*. Ora, com os seus precedentes, as suas ideas e o seu character de *justiceiro* (como diria Proudhon) V. não pode abdicar senão q.<sup>do</sup> *praticam.<sup>te</sup>* lhe fique demonstrado q̄. não ha nada a faser. Só n'esse dia terá conquistado o triste direito de ser simples espectador na comedia social.

A sua attitude é excellente: *socialista e não demagogo*. É preciso accentua-la desde já fortem.<sup>te</sup> pois é n'esse terreno q̄., se deve dar batalha aos democratas anti-dinasticos, republicanos, vermelhos q̄. lhe hão-de cair em cima. Mas n'esse terreno V. é inexpugnavel, em q.<sup>to</sup> que é esse o lado mais fraco d'elles e onde se patenteiam mais as contradições e o vasio dos nossos re-

volucionarios. Arranje-se p.<sup>a</sup> desde já imprimir esse cunho á sua candidatura perante o publico, por meio de cartas-manifestos. Não se agonie com a bulha: é necessario fasel-a, e desde o primeiro dia tomar posse publicam.<sup>to</sup> do terreno em que tem de se estabelecer e dar batalha. Considero isto essencial.

Os nossos socialistas mostram mais juízo do q̃. eu d'elles esperava. Tanto melhor. Agora é preciso fazer-lhes comprehender todo o alcance do passo q̃. dão, a significação do novo caminho em q̃. entram. Esta campanha, bem dirigida, pode dar excellentes resultados como educação politica da classe operaria e porventura ter uma boa influencia sobre o espirito dos governos. Os republicanos vão ficar furiosos: *c'est autant de gagné*. Mas m.<sup>ta</sup> cautela com essa raça perfida! Pese todas as suas palavras e resoluções. A sua posição é excellente, mas delicada, por causa da incapacidade do espirito publico.

Em summa, estou m.<sup>to</sup> satisfeito com o q̃. passa. Como e em q̃. o poderei eu ajudar? Em nada provavelm.<sup>to</sup> Este sentim.<sup>to</sup> da minha inutilidade affige-me profundam.<sup>te</sup> <sup>1</sup>. Adeus. Mil lembranças a sua mulher e Guilherme <sup>2</sup>.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

<sup>1</sup> Antero refere-se à entrada de Oliveira Martins na politica, filiando-se no Partido Progressista em 1885. Em data que não posso precisar, publicou a *Ilustração* uma notável carta, inédita, de Antero, dirigida a Carlos Cirilo Machado (Visconde de Santo Tirso), em que se occupa largamente de Oliveira Martins, que entrara então na politica activa.

<sup>2</sup> Dr. Guilherme de Oliveira Martins, já citado.

LIX

Caro amigo.

Acabo a leitura do seu 1.<sup>o</sup> volume <sup>1</sup>, e as impressões da 2.<sup>a</sup> metade correspondem inteiram.<sup>te</sup> às da 1.<sup>a</sup>

A ultima parte, sobre os aryas, agradou-me plenamente, e está de mão de mestre. Renan poria ali algumas *fioriture* poeticas, algum d'aquelles requintes de intelligencia historica, que são só d'elle — mas, no fundo, não o fazia melhor.

Para pôr ao lado do carro do triumphador o escravo ebrio, dir-lhe-ei que alem de 3 ou 4 *blunders* menos maus e de meia duzia de *quem* incongruentes, encontrei (cumulo da ignominia!) uma *platitude*, a platitude do Evehmero! Vele a face!

O resto agora é p.<sup>a</sup> sua mulher, a quem, antes de tudo, agradeço gulosamente o presente verdadeiram.<sup>te</sup> sardanapalesco! e a quem peço o obsequio de me fazer comprar um pacote de sal refinado, p.<sup>a</sup> vir no proximo paquete.

Adeus

Do seu do C.

*Anthero.*

---

LX

Lisboa, 10 de D.<sup>bro</sup> (1886).

Meu caro Martins.

Cheguei ante hontem, sem novidade. Escrevo-lhe á pressa duas linhas, para lhe dizer isto, em primeiro

---

<sup>1</sup> Referência à *Historia da Republica Romana*.

logar, e depois para solicitar as suas letras: Diga o que lhe parecer, com tanto q̄. me escreva: Não me considero verdadeiramente repatriado, em q.<sup>to</sup> não tiver entrado em colloquio (convívio) com Você.

Aqui pretendem uns centros republicanos, soi-disant socialistas, apresentar a minha candidatura por Alcantara <sup>1</sup>. Respondi que achava equívoca a expressão republicano-socialista, e como este equívoco praticamente me parece perigoso, só aceitaria a dita candidatura com o carácter exclusivamente socialista, com toda a reserva de questão política e em completa izenção do movimento republicano actual. Apresentei como exemplo e typo a sua candidatura ahi <sup>2</sup>. Eu preferia q̄. se não tivesse falado em mim. Mas não creio q̄. podesse dar outra resposta, uma vez q̄. se lembraram de mim. Não sei o q̄. pensarão e dirão os republicanos. Talvez seja uma occasião de me explicar sobre a delicada distincção entre socialista e republicano, e de sair uma vez por todas, d'um equívoco que me pesa.

---

<sup>1</sup> Antero de Quental já em carta anterior dirigida a Oliveira Martins se refere a uma outra candidatura.

A propósito, e tendo-nos vindo agora às mãos o interessante documentário intitulado *História das Conferências do Casino*, de António Salgado Júnior, Lisboa, 1930, transcrevemos o que o autor diz acêrca da candidatura apresentada em 1871:

«Sucedeu que um grupo de operários eleitores tinha decidido eleger por aquela mesa Antero de Quental. Tudo se combinava para êsse fim. Antero, mesmo, em pessoa, compareceu — mas foi para fazer um discurso em que, dirigindo-se aos eleitores, se escusava, atendendo a que não valia a pena levar às câmaras quem nelas ia estar absolutamente só, se lá chegasse a ir».

<sup>2</sup> Oliveira Martins foi deputado pela primeira vez em 1886 pelo círculo de Viana do Castelo.

Adeus, as minhas lembranças a sua mulher. Recomende-me ao Brandt, se está ahí.

O Batalha está em Lisboa desde hontem.

seu do C.

*Anthero*

---

LXI

Caros amigos.

Presenti que se tramava contra a minha liberdade e consegui evadir-me. A tyrannia provocou sempre a imigração.

É pois da terra do exilio que vos escrevo, onde como o celebre pão do mesmo, que todavia não acho tão amargo como me tinham dito. Aqui releio as vidas de Bruto e Cassio e faço vehementes votos pelo aniquilamento de todas as tyrannias e pela confusão final de todos os tyranos.

Do vosso revoltado amigo

*Anthero de Q.*

---

LXII

Ponta Delgada, 15 de Março, (1887).

Caro amigo.

Aqui cheguei, no dia 8, com feliz viagem e pequeno encommodo, o q̃. talvez concorreu p.<sup>a</sup> que me não sen-



tisse m.<sup>to</sup> com a mudança de clima e quasi posso dizer, até este momento, para que nada me sentisse, pois tenho passado pouco máis ou menos como ahi estava passando ultimamente.

Achei as cousas de minha Irmã um tanto mais complicadas ou, pelo menos, mais obscuras do q̄. de longe as tinha visto: de sorte q̄. nada ainda tenho feito, recendo aventurar-me ás escuras e comprometer o resultado por precipitação.

Estou vendo se tomo pé e me oriento, o que julgo todavia levará pouco tempo.

Q.<sup>to</sup> á minha volta, ainda q̄. o negocio a q̄. vim tenha feliz exito e rapido <sup>1</sup>, demorar me-hei contudo até Julho ou Agosto, se continuar a passar soffrivelm.<sup>te</sup>. D'outro modo, retirarei logo q̄. possa faze-lo.

Tive um certo praser em tornar a ver a minha terra, ainda que não sei porq̄., e talvez só por instincto, pois deve haver uma relação profunda entre o homem e a terra, em q̄. nasceu e se criou.

Ou será talvez q̄. este isolamento n'um canto do mundo, q̄. é já uma meia morte ou uma morte antecipada, convenha muito ao humor em q̄. ha tempo me sinto. Como quer q̄. seja, confesso-lhe q̄. folgaria de me fixar aqui definitivam.<sup>te</sup>. Mas, como isso não depende só da minha vontade, não faço projectos e q.<sup>do</sup> m.<sup>to</sup> me deixo devanear um pouco.

E adeus. Dê-me noticias suas.

Transmitta a sua mulher as minhas melhores lembranças. Se esta se lembrar de ir ver as minhas Pequenas, ficar-lhe-hei m.<sup>to</sup> agradecido. Recommende-me

---

<sup>1</sup> Ver *Correio dos Açores*, no de 11 de Setembro de 1930.

a todos os nossos amigos, especialm.<sup>te</sup> Freitas <sup>1</sup> e esposa.

Do seu do C.

*Anthero.*

P. S. Se ainda ahí tiver 2 exemplares dos *Sonetos*, envie-mos pelo correio.

Q.

---

LXIII

Ponta Delgada, 17 de Abril, (1887).

Caro amigo.

Resolvi felismente, isto é, conforme tinha planeado, os negocios de minha irmã, com o q̃. estou mais descançado de espirito. De saude continuo passando menos mal. Recebi os *Sonetos* (2 exemplares): q.<sup>to</sup> a uma seg.<sup>da</sup> edição, não tenho objecção; mas, por causa da revisão das provas, conviria talvez deixar isso para quando eu voltar, o que não será antes de Julho. Por vários motivos desejo demorar-me aqui até esse tempo. O Aristides da Motta é tal como lh'o tinha descrito: homem intelligente, são e seguro, e não lhe faltam qualidades de homem pratico, pelo menos tal se tem mostrado como presidente da Camara, realisando varias cousas boas, que sem elle nunca se fariam. Politicamente é independente, não se achando ligado com nenhum dos partidos: por isso tambem o seu peso politico

---

<sup>1</sup> O bem conhecido publicista e professor da Academia Politécnica, Rodrigues de Freitas.

se limita á sua influencia pessoal. Vê as cousas portuguezas proximamente como nós as vemos e tem por V. grande sympathia e estima.

Quanto á sua excentricidade (que o Luiz<sup>1</sup> exaggerou muito) limita-se áquelle bocado de originalidade um pouco brusca q̄. acompanha sempre os caracteres decididos.

Agradeço a D. Victoria<sup>2</sup> as noticias que me dá das pequenas; a ella e Guilherme envio affectuosas lembranças. Não escrevo mais por me achar hoje um tanto pesado de cabeça e receando que chegue amanhã o Paquete.

Do seu do C.

*Anthero de Q.*

A *Revista dos 2 mundos* (de Fev.<sup>o</sup> e Março) traz um estudo de Taine sobre Napoleão 1.<sup>o</sup>, que merece m.<sup>to</sup> ler-se. Ha muitos traços que me fiseram lembrar de V.

---

LXIV

Caro Amigo, fallando o Batalha com o director de não sei q̄. teatro, disse-lhe este ter em seu poder um drama de V., por titulo *Mundo Novo*, e q̄. pensava pol-o em scena talvez brevemente.

Suppomos, visto não nos ter V. fallado em tal drama,

---

<sup>1</sup> Dr. Luis de Magalhães.

<sup>2</sup> D. Vitória Barbosa de Oliveira Martins, espôsa de Oliveira Martins.

ser coisa antiga e dos tempos em q̄. V. fazia solaus, e em tal caso achámos conveniente avisa-lo, para V. poder tomar as suas precauções, se o caso o pedir.

Adeus. Eu ainda por qui me demoro até á Paschoa.

Do C.

*Anthero.*

---

LXV

Vila do Conde, Julho.

Caro Amigo.

Não sei onde pára o Juiz Pinto (o das conferencias africanas), cuido q̄. está em Lisboa n'alguma comissão. Em todo o caso ser-lhe-ha a V. mais facil ahi descobri-lo e fazer-lhe chegar essa carta. Escrevi tambem ao C. de Ficalho <sup>1</sup> e tratei de ser amavel, o que me não foi difficil porque me agradaram as contas. Não sei porquê, suppunha-o *realista* e estava-lhe com medo. Mas sahio-se-me coisa bem diferente.

Diz-me o Alberto de Sampaio q̄. V. virá ao Porto, por causa de negocios em q̄. elle entra tambem. Não deixe de me avisar. Dê desconto, na minha ultima, a um bocado de mau humor com que andava. A final, «as cousas são o que são», segundo disse o Mestre <sup>2</sup>. É pena que elle não deixasse em manuscripto um tratado de Philosophia, muito mais não havendo cá ne-

---

<sup>1</sup> Conde de Ficalho, o erudito autor do *Garcia da Orta e o seu tempo*. Fêz também parte do grupo dos Vencidos da Vida.

<sup>2</sup> Alusão a Alexandre Herculano.

nhum Barthelemy Saint-Hilaire para impedir que elle se publicasse.

do C.

*Anthero de Q.*

---

LXVI

Villa do Conde, 3.<sup>a</sup> feira (1887?).

Caro amigo.

Aqui estou desde Domingo.

Os Sampaio's ainda cá não estão e só virão no 1.<sup>o</sup> de Setembro, por não terem casa idonea antes d'esse dia. Faz por aqui frio como em Novembro. Se sempre vier á Granja, venha prevenido com as suas flanelas. E previna-me, que lá o irei ver, sem falta.

Recebo uma carta do Nicolau de Almeida, meu amigo, negociante de vinhos (Armazem da Estrela), pedindo-me que alcance de V., para o Jornal que elle e outros fundaram, os annuncios dos Tabacos e os da Empreza Industrial Portuguesa: não sei que Empreza Industrial é essa; talvez a fabrica do Mauricio <sup>1</sup> e que o confundam a V. com elle. Como quer que seja, se alguma cousa do que se pede for exequivel, ficar-lhe-hei obrigado. Se não, escreva-me de modo que possa dar ao Almeida alguma explicação satisfatoria. O Jornal intitula-se

---

<sup>1</sup> Mauricio de Oliveira Martins, irmão do escritor, foi director da Empresa Industrial Portuguesa.

*Diario do Commercio*, titulo que exprime a sua indole; não é mal feito e creio que tem já uma certa circulação. Esses annuncios, enviou-m'os o Almeida, creio que como exemplar, por isso lh'os comunico.

O Gonçalves <sup>1</sup> e Maia <sup>2</sup> falaram-me como quem contava com a sua candidatura pelo Porto, candidatura cujo exito elles dão como seguro. Não lhes disse senão vagamente que V. me parecera mui pouco disposto a continuar na politica militante. Ficaram um tanto desapontados, e Gonçalves, esse conselheiro, disse-me que iria brevemente a Lisboa conversar com V. Do que o previno.

Ja não encontrei Freitas nem D. Carolina <sup>3</sup>, no Porto. Lembranças a sua mulher.

E até á vista.

Do C.

*Anthero de Q.*

---

<sup>1</sup> Joaquim Gonçalves, proprietário de uma importante fábrica de chapéus do Pôrto, era um espirito muito culto e um amigo dedicado de Oliveira Martins, a quem substituiu na direcção do jornal *A Provincia*, quando aquele escritor fixou residência em Lisboa, revelando ali qualidades de jornalista de valor, sobretudo numa violentíssima polémica que sustentou com o grande poeta Guerra Junqueiro, que lhe respondia no vibrante jornal de João Chagas *A Republica Portuguesa*. Mais tarde foi deputado e exerceu várias comissões de serviço público em Lisboa, onde dirigiu também outro brilhante jornal, *O Tempo*, em substituição de Carlos Lôbo de Avila.

<sup>2</sup> Delfim de Oliveira Maia, advogado e professor do Liceu do Pôrto.

<sup>3</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

LXVII

Villa do Conde — Sexta ou Sabbado.

Caro Amigo.

Escrevo-lhe ao acaso, pois não sei se sempre ahí está. Tenho estado todos os dias á espera de noticias suas, V. dizia-me q̄. vinha estar na Granja 5 ou 6 dias. Se eu tivesse previsto q̄. se demorava ahí tanto tempo, teria ido para lá, pois ao mesmo tempo estava com o José Falcão e via a minha gente (Philomeno) <sup>1</sup> em Espinho. Mas diga-me ao menos se está ahí e se sempre vem a Moreira <sup>2</sup>, e quando.

Descobri uma lei historica inedita. Como não sou avarento senão de dinheiro, e não de ideas, communi-car-lhe-hei a minha lei, q̄. por ora é só rude esboço, ou antes base, pois tenho os factos, mas não descubro a razão d'elles. Talvez V. ache, e poderemos então immortalisarmo-nos com a introducção nos intermedios da *sciencia* de mais um elemento fecundo da caturreira.

Mas dê-me novas suas.

*Anthero*

---

<sup>1</sup> Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, Prof. da Faculdade de Medicina de Coimbra.

<sup>2</sup> Antero refere-se à Quinta do Mosteiro, em Moreira da Maia, propriedade do Conselheiro dr. Luis de Magalhães; antigo convento dos frades Cruzios, tornada hoje linda e aprazível vivenda.

LXVIII

Villa do Conde, 3.<sup>a</sup> feira.

Caro amigo.

Supponho q̄. já está em Lisboa, por isso p.<sup>a</sup> ahi lhe escrevo. Diz V. n'uma nota do seu terceiro capitulo, q̄. acabo de ler na *Revista* <sup>1</sup>, que as *Saudades da Terra* de Gaspar Fructuoso se conservam ainda ineditas. Julguei q̄. soubesse que esse livro se acha publicado ha já annos. Publicou-o um erudito da Madeira, por nome Rodrigues de Azevedo, não sei se n'aquella ilha, se em Lisboa, mas facil lhe será a V. averiguar isso; e cuido que algũa coisa colherá da leitura d'elle p.<sup>a</sup> a publicação definitiva do seu trabalho.

Oxalá tenha voltado p.<sup>a</sup> Lisboa mais bem disposto e enrijado. Eu passo sem maior novidade, mas preciso de largos mêzes de *descanso* p.<sup>a</sup> compensar o excesso de movimento dos ultimos trez meses, restabelecendo assim o equilibrio.

Do C.

*Anthero.*

N. B. O Nuñez de Arce é um asno.

---

<sup>1</sup> *Revista de Portugal*, fundada por Eça de Queirós, e que mais tarde foi dirigida pelo Conselheiro dr. Luis de Magalhães.



LXIX

Villa do Conde, 22 (1888).

Caro amigo.

Li o *Russo*, que me fez o effeito que sempre me tem feito o pouco que conheço d'essa gente e é, proxima-mente, que são doidos e, o que é peor, doidos lugubres. Não os entendo, e acho n'elles um terrivel desequilibrio, um excesso de imaginação e sensibilidade, um nervosismo doentio, e ainda outra cousa, que não sei definir e que me repele como tudo o que não consigo entender. Parece-me gente que fala sonhando. Não gosto d'isso. Se o governo da Europa tem de cahir em taes mãos, como tudo faz suppor, lamento a Europa. É tudo q.<sup>to</sup> posso diser.

O seu *engouement* por esses halucinados parece-me um simples effeito de reacção, pouco mais ou menos como quando Platão se namorava dos Espartanos, ou Tacito dos Germanos, simplesmente por estarem fartos das trapalhadas e requintes das respectivas civilisações. — Tenho visto o que por ahi se passa. Mas creio que se enganam os que esperam que o descredito do Parlamentarismo redunde n'uma reforma das instituições politicas. O reconhecer-se que uma cousa é má não é razão sufficiente e necessaria p.<sup>a</sup> que ella se reforme: é preciso ainda saber e querer fazel-o. No fundo, o paiz quer isto, q̄. tem; e o descredito d'isto, fazendo-o desprezar o que ao mesmo tempo mantem e quer, só produzirá um aviltamento maior, porq̄. é mais consiente. Exactamente como um marido, que é cornô e o sabe, mas que, por falta de força ou por interesse,

tolera, aceita e se arranja o melhor possível na sua indignidade. Tal é pelo menos o effeito que tudo isto me faz. — Apesar de ficarmos mais longe agora, folgo de o vêr estabelecer-se definitivamente em Lisboa, pois o clima do Porto havia demolido aos poucos, o que é triste. Alem disso, desde q̄. escolheu uma vida mais activa exteriormente, é preferivel um theatro maior a um menor. Certamente q̄. hei-de ir ahi ve-lo algumas vezes. Mas, antes d'isso, espero q̄. nos juntaremos brevemente no Porto, pois cuido q̄. virá presidir á sua mudança. Avise-me n'esse caso com prudente anticipação.

Do seu do C.

*Anthero de Q.*

---

LXX

Villa do Conde, 3 de Fevr.º

Caro amigo.

Acabo de escrever ao Anselmo<sup>1</sup>, aceitando a proposta que se me faz e que por mais de um lado me agrada. Como porêm uma carta se pode descaminhar

---

<sup>1</sup> Pela leitura desta carta vê-se que Anselmo de Andrade, amigo de Antero desde o tempo que ambos freqüentaram a Universidade de Coimbra, foi encarregado por José Luciano de Castro de convidar o poeta para reger uma cadeira no Curso Superior de Letras, quando aquele estadista pensou em reformar o antigo instituto scientifico, convertendo-o numa Escola Normal Superior.

Já num livro há anos publicado *Esboços individuaes*, o general Henriques das Neves se referiu a êsse projecto, que infelizmente não foi por diante, por razões ignoradas.

Vem a propósito transcrever dêsse livro algumas passagens

e o Anselmo parece fazer depender, não percebo bem o quê, da minha prompta resposta, escrevo-lhe tambem

---

que julgamos interessantes e que convém ficarem registadas neste lugar, como complemento dessa carta.

«.....  
«E revelou-me (então sob certas reservas) a que o meu amigo (Anselmo d'Andrade) de certo já está reconhecendo que o ministro do reino (o sr. José Luciano) pensava em remodelar o curso superior de letras, convertendo-o em escola normal do professorado secundário: qual o novo plano de ensino nessa escola; da nomeação de Oliveira Martins, António Enes, do meu amigo, e d'outros homens de valor provado para as novas cadeiras de litteratura, história e philosophia; do convite que elle tinha recebido dos tres por intermedio do meu amigo, para escolher uma destas cadeiras, e como optara pela de litteratura latina, passando Chagas para uma de história (se bem me recordo).

«Não quero deixar no escuro, que Anthero, num relance d'esta conversação, me communicou com um ar de reconciliado, que o sr. Theophilo Braga dera pleno voto aprovativo á sua entrada no professorado quando foi consultado o corpo docente do curso superior.

«Durante a exposição que Anthero me fazia de novo plano de trabalhos, que o comprehendia, a radiação de agrado que lhe illuminava o rosto, deu-me alli a convicção que o seu espirito resuscitava, voltava á vida. Realisava-se assim, muito da sua aspiração.

«— Muitos parabens, meu amigo. Vai entrar n'um trabalho glorioso muito digno de si: semear ideias justas e sãs, preparar as novas gerações dirigentes do futuro.

«Notei-lhe, por estas ou outras palavras, mas muito cordeaes, a impressão que recebi: E proseguindo occorreu-me frisar que elle, de certo não faria, por modestia; e paralelo approximado do projectado instituto com o Collège de France pela acção que teriam Anthero e os seus companheiros, na vida moral da nação, semelhante á acção que exerceram em França, Quinet, Mickiewicz, e entre todos o seu querido Michelet.

«Anthero sorria-se do coração a este sonho, em via de reali-

a V. para prevenir essa hypothese. Não sei o que querem fazer, se uma reforma radical e a transformação do Curso em Escola Normal Superior, se simplesmente deitar um remendo pedagogico na capa histrionica d'aquelle instituto de litteratura nociva. Mas, ainda n'este segundo caso, como o meu papel será do lado util e serio, estou m.<sup>to</sup> resolvido a aceitar. Gostaria entretanto de ter alguns esclarecimentos sobre o que se projecta. Tambem disia ao Anselmo que, conquanto a cadeira de lingua e litteratura latinas me convenha mais do que outra qualquer, acceitaria todavia, no caso de se fazer ainda alguma mudança no que está projectado, outra qualquer cadeira, dentro do circulo dos meus conhecimentos e estudos. Esqueceu-me acrescentar: com excepção da Philosophia, pois é claro que quem tem, como eu, ideas tão pessoaes, sobre o assumpto, e tão diversas das recebidas, não se pode sugeitar a ensinar a Philosophia official.

Terminei a leitura do *Israel* do Renan, leitura sem duvida interessante, mas, tudo somado, acho que é um livro fraco. As traducções q̄. dá de certos cantos heroicos é que são admiraveis: são verdadeiras restaurações. E adeus, que estou tonto com o grande frio que faz.

Do seu do C.

*Anthero de Q.*

---

sação e que parecia destinado a restituil-o á vida e á gloria. E a elle, diga-se de passagem, não lhe desagrada a gloria como tive ensejo de surprehender, em mais d'um lance da sua vida, desde 1871 (conferencias do casino).

«Mas o sonho, aquelle sonho, infelizmente teve de realidade somente o bastante para o amargurar mais do que estava».

.....

Não sei se José de Sá, na *Provincia*<sup>1</sup> é um pseudonymo: mas, seja quem fôr, tem dedo e ha-de dar um romancista, e romancista *indigena*, que ainda é melhor. Tambem tenho lido alguma cousa d'um Guilherme Gama<sup>2</sup>, q. promete. Tem graça, feitio e estylo. São pois dois achados da *Provincia*: com Magalhães Lima<sup>3</sup> e Molarinho<sup>4</sup>, faz quatro. Já é alguma cousa.

A.

---

LXXI

Villa do Conde, 6.ª feira.

Meu caro amigo.

Esta é para sua mulher.

O assumpto é dos mais graves!

---

<sup>1</sup> A *Provincia*, jornal fundado por Oliveira Martins em 1885, apoiando a *Vida Nova*. Além de ser um jornal politico órgão de um grupo notável composto de escritores, jornalistas, commerciantes e industriaes que, ao filiaem-se no partido progressista, pretendiam que o país entrasse em vida nova, isto é, uma reforma radical nos costumes politicos, tinha também uma feição literária, colaborando ali, além de Guilnerme Gama, José de Sá, Jaime de Magalhães Lima, outros escritores, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Alberto Sampaio, Luis de Magalhães, Joaquim de Araújo, Queirós Veloso, Manuel Gaio, Eduardo Sequeira, Barbosa Colen, etc.

A *Provincia* foi um jornal brilhante que honrou o jornalismo portuguez, merecendo especial menção os artigos de Oliveira Martins, que por vezes tiveram um retumbante successo em todo o país, sobretudo os que se referiam a Fontes Pereira de Melo.

<sup>2</sup> Guilherme Gama, filho de Arnaldo Gama, reuniu depois os seus coutos dispersos na *Provincia* e noutros jornais em dois volumes, *Amar é sofrer* e *Prosas simples*.

<sup>3</sup> Dr. Jaime de Magalhães Lima.

<sup>4</sup> Pintor e poeta sobrinho do conhecido gravador Moleirinho,

Participo-lhe pois q̄. não recebi senão uma caixa contendo 6 pares de meias. Como isto foi ha já 15 dias, entro a suspeitar q̄. a outra meia duzia se tivesse extraviado, talvez no caminho de ferro. Talvez se possam fazer ainda fructuosamente algumas pesquisas, caso tenha havido effectivamente extravio.

Veja se furta algumas horas ao Museu Industrial<sup>1</sup> p.<sup>a</sup> as dar aos seus amigos.

O Lobo<sup>2</sup> vae um pouco melhor. Dei-lhe a lêr o livro do Laveleye. A coisa em França parece-me q̄. vae mais depressa do q̄. V. suppunha. Isto é proxima-mente a situação do mundo romano no tempo dos Antoninos: as plebes, os novos barbaros; e os philosophos socialistas, os novos christãos.

Uma nova Idade Media parece-me inevitavel.

Adeus de C.

Anthero.

---

LXXII

Villa do Conde, 12.

Caro amigo.

Escrevo-lhe p.<sup>a</sup> a Camara, por não saber ainda o nome da tal rua, ou por me ter esquecido. Mande-m'o dizer. O que desejo é saber da sua saude, ainda q̄. conto com os ares do Sul p.<sup>a</sup> o curarem.

---

publicou bastantes poesias na *Provincia*, que depois foram publicadas em volume, antecedidas duma carta-prefácio de Antero de Quental.

<sup>1</sup> Oliveira Martins organizou o Museu Industrial e Commercial do Pôrto, de que foi nomeado director por António Augusto de Aguiar.

<sup>2</sup> João Lôbo de Moura, á citado.

Entret.<sup>to</sup>, como sempre estou com algum cuidado, faça-me saber como passa <sup>1</sup>.

Eu, bem. Creio que o Allemão auctor da *Hygiene da alma* tem razão. A firme vontade de melhorar (e eu acrescentarei, o persuadir-se a gente de q̄. ha-de melhorar e de q̄. effectivam.<sup>to</sup> vai melhorando: mas isso é ainda um effeito [inconsciente] da vontade sobre a consciencia) é certamente um agente therapeutico fortissimo. Não digo q̄. sirva p.<sup>a</sup> uma perna quebrada; mas uma perna quebrada não é doença. Tenho feito observações interessantes sobre o ponto q̄. metti entre parenthesis.

Assim pois, tudo vai bem. Só os pessimistas são capazes de chegar ao verdadeiro optimismo. Medite n'este *Mysterio!*

O seu artigo de hontem deu-me idea de q̄. vae por ahí uma verdadeira tohubohu.

Isso deve diverti-lo, o que sempre é alguma cousa. Gostei do tom do artigo. Dê-me q.<sup>to</sup> antes novas suas.

Recomende-me á D. Victoria e Guilherme.

Do seu do C.

*Anthero de Q.*

---

<sup>1</sup> Oliveira Martins viveu bastantes anos no Pôrto, dirigindo o Caminho de Ferro da Póvoa; aí adoeceu gravemente com uma febre tifoide, que o teve à morte. Desde então, nunca gozou de perfeita saúde. Atribuia o seu mal-estar ao clima portuense, resolvendo-se então a vir morar para Lisboa, onde faleceu em 24 de Agôsto de 1894, na Calçada dos Caetanos.

LXXIII

Cartaxo, 2.<sup>a</sup> feira.

Caro amigo.

A final não pode parar em Lisboa. Não ouvia falar senão em roubos, tive medo de encontrar algum ministro e de ficar sem camisa. Além disso disseram-me que o Batalha <sup>1</sup> tinha adiado a sua vinda. Vim pois para aqui. O Lobo vai bem <sup>2</sup>.

Entretemo-nos a fazer jeremiadas. A pequena Branca <sup>3</sup> está para casar com um rapaz d'aqui. Conte comigo ali lá para o fim da semana corrente. Tenho estado a ler *Tocqueville*, q̃. no 2.<sup>o</sup> vol. tem paginas proféticas.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

LXXIV

Villa do Conde 5.

Caro amigo.

Folgo com o resultado da vossa exploração, tanto mais quanto, depois de ter ouvido o Snr. Pinho e as suas contundentes citações do P.<sup>e</sup> Carvalho, me achava em disposição de não esperar já cousa alguma n'este

---

<sup>1</sup> Dr. Jaime Batalha Reis, já citado.

<sup>2</sup> Dr. João Lôbo de Moura, já citado.

<sup>3</sup> D. Branca Lobo de Moura, casada com Carlos Batalha, do Cartaxo, e filha do Dr. João Lobo de Moura.



mundo. Aquelle homem é a verdadeira preparação p.<sup>a</sup> o nihilismo. Recebi o livrinho<sup>1</sup>, que tenho lido com prazer. O homem é lucido, mas não tanto que chegue a ver que tal concepção scientifica da vida, prescindindo do verdadeiro problema, que é methaphisico, nada resolve. E é justamente pela sombra de methaphisica, que as taes «mentiras convencionaes» (que não são tal convencionaes) ainda contêm em si, que ellas resistem á critica dos scientificos e se mantêm *tant bien que mal*. A sua lucidez não o impede pois de ser superficial. De resto, ainda não li senão uma parte, mas creio q. não terei de modificar esta minha impressão. Tenho ultimamente passado um pouco melhor. Entretenho-me quasi exclusivamente com latinidades, que no fundo me interessam pouco (a philologia é mais um *dado* e nos allemães toma quasi o aspecto de uma doença intellectual): mas, com a idea do tal curso tomei como uma especie de *dever* o metter-me mais pelas philologias a dentro, as quaes philologias já vão chegando áquella boa formula do Batalha: o Peloponneso estudado por freguezias. Não são isto coisas p.<sup>a</sup> o meu feitio: mas, como só tendo ou supponho ter uma *obrigação moral*, sou capaz de me applicar regularmente a qualquer objecto, aceito esta á falta d'outra mais de meu gosto.

E adeus. Mil lembranças ao futuro Marquez de Monte (de ouro) de Valença, p.<sup>a</sup> o qual é destinada uma das duas photographias.

Do C.

*Anthero.*

---

<sup>1</sup> Antero parece referir-se à tradução franceza do livro de Max Nordau, *Les mensonges conventionnelles de notre civilisation*.

LXXV

Villa do Conde 21.

Meu caro amigo.

Das cousas d'este inverno, ficou-me um certo fermento de irritação e quasi de colera, que ainda me não passou de todo. Mas estou longe do estado de desolação em que me suppõe, talvez por informações de quem me não conhece hem. Sou m.<sup>to</sup> philosopho p.<sup>a</sup> me affigir com qualquer cousa, desde que a comprehendo e reconheço necessaria. Mas como ninguem é absolutam.<sup>te</sup> e instantaneam.<sup>te</sup> superior ao seu proprio character, e o meu é desgraçadamente colerico e quasi furioso, estou ainda laborando com este mau fermento. Mas é questão de tempo. Entretanto não me convem estar em Lisboa em quanto isto não passar de tôdo, pois receio que essa estada possa aggravar a minha deploravel irritabilidade. De resto, desejava, q.<sup>do</sup> ahi fosse, encontrar lá m.<sup>a</sup> irmã, a qual actualm.<sup>te</sup> está no campo. Reservo-me pois para Outubro ou Novembro, se não sobrevierem embaraços imprevistos.

O Lobo a anuncia-me que virá aqui passar, a banhos, o mez de Setembro. Talvez cá tenha tambem por êsse tempo os Sampaio. Espero com a boa companhia d'esses amigos restabelecer-me de todo.

Entretanto, vou fazendo leituras e accumulando pensamentos, para, q.<sup>do</sup> isso me for possivel, voltar a completar o trabalho philosophico que publiquei na *Revista*<sup>1</sup> e sobre a base do qual me parece q̃. poderei fazer um livro que já se pareça alguma cousa com um livro.

---

<sup>1</sup> Refere-se ao artigo da *Revista de Portugal: Tendencias gerais da Filosofia na segunda metade do seculo XIX*.

Mas não imagina q.<sup>to</sup> me aborrece escrever! É também uma má disposição que preciso corrigir. E adeus. Transmitta as m.<sup>as</sup> lembranças á D. Victoria e receba um bom abraço do seu

Velho Amigo

*Anthero*

---

LXXVI

Villa do Conde, 3.<sup>a</sup> feira.

Querido amigo.

Receba um triplo abraço, meu, do Lobo e do Sampaio. Não preciso dizer-lhe a satisfação que tivemos com a sua carta!

Escreva-me de Cintra<sup>1</sup> duas linhas, dizendo do seu estado.

Faça-me saber se a febre desapareceu de todo.

E adeus. Vae na outra pagina um soneto, para o entreter um momento<sup>2</sup>.

Mil lembranças para sua mulher e p.<sup>a</sup> o Guilherme<sup>3</sup>, e um *vasto* abraço p.<sup>a</sup> V.

do seu do C.

*Anthero*

---

<sup>1</sup> Oliveira Martins esteve em Sintra hóspede dos Condes de Sabugosa.

<sup>2</sup> Não encontrei na correspondência o aludido soneto.

<sup>3</sup> Dr. Guilherme de Oliveira Martins, já citado.

LXXVII

Villa do Conde, 16.

Caro Amigo.

Começo a desempenhar as sinistras funções de amigo particular d'um «homem do seu paiz». Pede-me um velho amigo para lhe recomendar um sobrinho d'elle, empregado antigo dos tabacos, e q̄. actualmente pretende melhores vencimentos. Elle tem lá os papeis: entretanto, como *aide mémoire*, envio-lhe esse memorial q̄. me entregou. V. examinará os fundamentos da pretensão, e é tudo q.<sup>to</sup> lhe posso pedir.

E quando o verei por cá? Estou ancioso pelo ouvir. Eu passo sem novidade. Continuo a entregar-me com furor á philologia classica, facto q̄. não comprehendo, e já receio seja mania, pois no fundo não me interessa. Mas, não sei porq̄., entretém-me isso, e *c'est autant de gagné*. Quando sae o seu vol. da marinha portuguesa?

Desejo possuir a ultima edição do seu *Brazil e Colónias*. Se já sahiu, mande-m'a ou traga-m'a.

E até breve, não é assim?

Do C.

*Anthero.*

LXXVIII

Villa de Conde, 5.

Meu caro Amigo.

Espero aqui o Alberto<sup>1</sup>, Domingo, e chegou o momento de aformosear condignamente o meu quintal.

<sup>1</sup> Alberto Sampaio, já citado,

Como aquelle agricola annuncia q̄. se demorará poucos dias, p.<sup>a</sup> não perder tempo peço-lhe desde já q̄. me mande as plantas, a saber, raizes d'aquella especie de cana de penacho, trepadeiras p.<sup>a</sup> os muros e planta de morangos.

Creio q̄. é q.<sup>to</sup> ahi ha, q̄. me convenha, e pequena quantidade bastará.

Adeus.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

LXXIX

Villa do Conde, 16.

Meu caro Amigo.

Sempre tenho de ir á Ilha e tinha já resolvido partir no Paquete de 20 de Fev.<sup>o</sup> q.<sup>do</sup> agora me occorreu que um dos Paquetes faz viagem pela Madeira, em q.<sup>to</sup> que outro vae direito a S. Miguel: como me convêm passar o menor tempo possivel no mar, quero ir neste ultimo, mas não sei qual é, se o do dia 5, se o de 20.

Peço-lhe me saiba isso com certeza e m'o mande dizer logo q̄. o saiba pois me é necessario fixar desde já a epoca da partida.

Supponho q̄. o inquerito agricola o demorará em Lix.<sup>a</sup> mais do q̄. contava.

Eu vou melhorando.

do C.

*Anthero*

---

LXXX

Villa do Conde, 31.

Caro amigo.

Esqueceu a carta p.<sup>a</sup> o João Machado. Com receio de que, com as idas e vindas, não chegue a partir no Paquete de 5, será melhor mandar-lh'a V. directamente, se não vir n'isso inconveniente. Diga-lhe que, tendo sabido por mim que elle está em vesperas de voltar p.<sup>a</sup> a America do Sul, o convida p.<sup>a</sup> mandar, d'aquelles paizes, correspondencia p.<sup>a</sup> *O Reporter*<sup>1</sup>. Direcção: João Machado de Faria e Maia, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel

E Adeus. Boas festas á D. Victoria.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

<sup>1</sup> *O Reporter* foi fundado em 1888 por Jaime de Seguíer, consul de Portugal em Bordeaux, literato distinto que se evidenciara bastante no jornalismo político e literário da época. Na *Folha Nova* diário portuense, as suas inimitáveis crónicas firmadas com o pseudónimo de Iriel, tiveram grande successo e tornaram-no muito conhecido.

Modelado nos melhores jornais francezes, *O Reporter* deixou assinalada a sua passagem no jornalismo português como um dos diários mais brilhantes que se tem feito em Portugal. Teve em principio como seu director M. Pinheiro Chagas que passado poucos meses foi substituido por Oliveira Martins, e foram seus colaboradores os mais distintos escritores portugueses — Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Fernando Caldeira, Fialho de Almeida, Moniz Barreto, Urbano de Castro, Rodrigues de Freitas, Júlio César Machado, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Carlos Lobo de Avila, etc,

LXXXI

Ponta Delgada, 30 de Maio.

Meu caro amigo.

Por uma certa preguiça, que me deu n'estes dias humidos, deixei chegar o Paquete sem ter ainda escripto uma linha, de sorte que o faço agora á pressa só p.<sup>a</sup> lhe diser 1.<sup>o</sup> q̄. continuo passando menos mal, e 2.<sup>o</sup> que não deixe de me escrever sobre a actual situação politica t.<sup>o</sup> em Lisboa como no Porto: sobre a maneira por que foram recebidos, na opinião, os seus Projectos de Lei e sobre tudo e principalmente, sobre o seu estado de espirito, que me dá, confesso, certo cuidado. Vejo-o caminhar para um pessimismo negativo, que não posso aprovar e me contrista. Refere-se V. ao tempo em que a vida «era para nós menos livre, no sentido budhista, isto é, mt.<sup>o</sup> mênos vazia». O progresso espiritual apresenta-se-lhe pois como negativo, e a ultima palavra da existencia como uma vacuidade sem solução e como que forçada. Se reflectir bem verá que não pode ser assim, sob pena de não serem o universo e a existencia mais do que um absurdo. Se o phenomeno é vão, é justamente porque p.<sup>a</sup> alem d'elle está alguma cousa que não é vã. E se a liberdade se afirma pelo desprendimento das cousas vans, é justamente porque a liberdade é em si mesma uma realidade superior, e a verdadeira realidade, não negativa, por consequente, mas essencialmente, affirmativa. De que?

De si mesma, isto é, da essencia ultima do Ser, difficillima de definir, é verdade, pelas nossas formulas metaphisicas, mas clara e perceptivel ao sentimento

moral, que é a sua manifestação adequada a sua realisação. Se a liberdade é o bem, não pode ser abraçada como um *pis aller*, com relutancia, com desgosto e saudade da não liberdade: isso implicaria contradicção. E a tendencia ultima das cousas, contraria tão terrivelmente no curso da natureza pela imperfeição do inconsciente (alias sapientissimo), não pode, ao realizar-se na consciencia, produzir o effeito d'uma desilusão e d'uma queda no vacuo. Logo, não accuse o ser, nem calumnie o Buddhismo. O ser fez-nos para a beatitude: e o Buddhismo traz consigo toda a satisfação, toda a consolação e toda a alegria. Não é tão consolador conhecermos que somos loucos? que as cousas que nos atormentam são puras visualidades? que os nossos grandes males, os nossos grandes infernos, bem no fundo, não existem, e que esses terriveis espectros são meras illusões d'optica? A contemplação da nossa toleima é muito salutar e, tudo bem pensado, fonte perene de alegria. A verdadeira ironia transcendental é esta, a unica verdadeiram.<sup>te</sup> philosophica, humana, superior. A outra (q̄. me parece ser a do Renan) julgo-a apenas um ultimo requinte da vaidade, a saber, a vaidade de ser superior a todas as vaidades. É a presumpção da intelligencia, nada mais. Pois começa, celta dengue e pretencioso, por te rir de ti mesmo, rir-te d'essa ultima e suprema vaidade, e então direi q̄. começa a ter alguma transcendencia. Quanto a mim, meu querido amigo, cada vez me convenço mais de que — na impossibiidade de penetrarmos absolutamente, totalmente até ao fundo do problema da existencia — ainda assim a humildade do coração nos aproxima mais da Verdade do que o orgulho da intelligencia. Ora, desprezar o mundo, desprezar os homens, ver o vacuo e o tedio como o residuo final de



tudo, é grande peccado de orgulho. A final, o que está está bem, o que vae vae bem. A nós o que nos cumpre é descobrir o como e o porquê d'este paradoxo universal das cousas — na certeza de que é um divino paradoxo. Muito teria ainda a dizer ao Renan e a V. mas o vapor não espera.

Intenda como puder, que isto foi *à batons rompus*. Mas, se achar alguma coisa sensata, aproveite-a.

Dê noticias minhas a sua mulher e mil lembranças amigas juntam.<sup>te</sup>.

Idem ao Guilherme. E adeus.

Do seu do C.

*Anthero.*

---

LXXXII

Ponta Delgada, 17 de Junho.

Caro Amigo.

Aqui cheguei com tres dias de viagem um tanto incomoda, porque o balanço era muito. Tenho estranhado, mais do que suppunha, a mudança do clima: é verdade que esta quadra do anno é a peor aqui e os proprios da terra ouço queixarem-se da depressão physiologica produzida por este ar de estufa. Em todo o caso, devo ser prudente e por isso não considéro ainda definitiva a resolução de me fixar aqui: vou dar dous ou tres mezes a este ensaio de acclimação e conforme o que o meu organismo disser durante esse periodo, assim ficarei aqui ou voltarei p.<sup>a</sup> o Continente. Quanto a installação, achei-a excellente e alem da minha expectativa: é um hotel inglez onde tenho completo soçego, bella

vista e um bonito jardim p.<sup>a</sup> passear quando me apeteça. Chama-me *Hotel Brown*: escreva-me para esta direcção.

Estou na crise das visitas, que me tiram muito tempo e me bestificam não pouco: isto e o ter de escrever ainda muitas cartas faz com que desta vez tenha de ser pouco extenso.

Tenho aproveitado algumas horas melhores p.<sup>a</sup> ir lendo o seu livro *Lusiadas*<sup>1</sup>, que me tem agradado bastante e que, além de tudo mais, está realmente bem escripto, *ce qui ne gâte jamais rien*. Encontrei o Aristides da Motta lendo o seu livro dos *Filhos*<sup>2</sup> e entusiasmado com elle. Este seu grande admirador enviav-lhe muitas lembranças. Pelas conversas que tenho tido com varios dos meus visitantes vejo que o espirito separatista tem aqui diminuido, o que explico pelo facto da prosperidade actual da Ilha. De resto, ninguem aqui faz idea da gravidade da crise porque a nação está passando.

Acho esta população verdadeiram.<sup>te</sup> panglossica: talvez o ficar entre elles me convenha muito p.<sup>a</sup> me curar do meu humor pessimista. E Adeus. Recomen-de-me m.<sup>o</sup> á boa D. Victoria.

Do C.

*Anthero de Q.*

---

<sup>1</sup> *Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal*, Pôrto 1891. Diz Oliveira Martins no prefácio desta obra, que ella é directamente filha da que publicou em 1872, e que intitolou *Os Lusiadas, ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença*.

<sup>2</sup> *Os Filhos de D. João I.*

LXXXIII

Ponta Delgada, 29 de Junho.

Meu caro Amigo.

Fiquei socegado e satisfeito com a sua carta. Vejo q̄. V. voltou ao seu bom equilibrio, e q.<sup>to</sup> diz me parece exacto e bem pensado. A vida activa é o seu elemento; e, n'elle, a crença ou o sonho de que pode vir a realizar alguma cousa grande é o ideal que satisfaz ao lado estetico da sua natureza e torna interessante aos seus proprios olhos a sua actividade. A sua vida nunca nunca mais poderá ser alegre, mas pode ser serena, e uma certa combinação de actividade e de ideal é indispensavel a essa serenidade. É evidente q̄. a erudição não lhe poderia dar isso. O ideal da erudição q̄. bem sabemos q̄. o pode ter, não é talvez p.<sup>a</sup> V., em todo o caso não é para o nosso meio. Deixemos pois a Torre do Tombo e mais o seu falar sapientissimo. Depois, custar-me-hia ve-lo a V. n'um logar que, pelo menos pelas costas, se parece tanto com uma sinecura. Quanto á hypothese Banco, entro n'ella de pés e mãos. Parece-me feita p.<sup>a</sup> V. q̄. nem de encomenda, e q.<sup>to</sup> mais a considero mais me agrada.

É um theatro já amplo, tem a inapreciavel vantagem de ser uma coisa effectiva e positiva, o q̄. rarissimas vezes é a politica e ainda o governo; como observatorio é dos melhores, e como *pierre d'attente*, dada a feição financeira da crise Portuguesa, talvez a unica solida. Terá V. da politica a influencia, sem ter o tumulto; e, *entrementes*, terá sempre occasiões de fazer alguma cousa que lhe pareça util. E, se lhe der ainda para phi-

losophar, não vejo incompatibilidade alguma entre o governo d'um Banco nacional e a philosophia social — pelo contrario. Meu caro Amigo, nunca acreditei que V., nem ninguem, fosse capaz de impedir a crise portugueza, nem sequer de a retardar ou mitigar, porq̃. sempre me pareceu que as sociedades se não podem tomar por surpresa, e q̃. não ha engenhosas combinações capazes de imporem aos homens em massa aquillo que elles no fundo do coração não querem de modo algum.

Ora Portugal *não quer* reforma. Isto é um phenomeno psychologico muito singular mas mt.<sup>o</sup> verdadeiro: as sociedades perdidas *não querem* de modo algum reforma, preferem o cataclismo. Impedil-o excede pois o poder dos individuos, por mais capazes ou mais heroicos q̃. elles sejam: isso está para lá da esphera em que os individuos se movem e teem acção no curso das cousas.

Pelo contrario, estou mt.<sup>o</sup> mais disposto a admittir uma mais larga esphera de acção, um maior poder dos individuos excepçionaes sobre a sociedade n'um periodo de tumulto e revolução, de crise declarada e de universal *mea culpa*.

Uma dessas crises limpa o terreno de muitos embaços. E o estado dos espiritos é também m.<sup>to</sup> outro. Assim, meu caro, acho q̃. tem tudo a ganhar em esperar pelos acontecimentos e em se reservar. Os Messias gastam-se, se não entram logo em scena a fazer milagres †.

E Adeus. Não voltarei senão no meado de Setembro,

---

† Antero refere-se à idea da entrada de Oliveira Martins para a pasta da Fazenda, o que succedeu em 1892. — Vide *Correspondência de Oliveira Martins*.

porq̃. tenho de ir á Terceira. Mas escreva-me sempre p.<sup>a</sup> aqui. De saude, sem novidade.

Do C.

*Anthero de Q.*

---

LXXXIV

Ponta Delgada, 3o de Junho.

Meu caro Amigo.

Vou-me acclimando e decididamente fico por cá. Já tenho casa e estou dispondo tudo p.<sup>a</sup> n'ella receber minha Irmã<sup>1</sup>, a quem agora escrevo instando p.<sup>a</sup> que venha immediatam.<sup>te</sup>, isto é na viagem de 20 de Julho. Ella está cada vez mais fraca, anemica, desanimada; dá-me grande cuidado. O seu medico diz-lhe que uma viagem lhe deve fazer mt.<sup>o</sup> bem, isso a tem resolvido a vir, ainda que temporariam.<sup>te</sup>, diz ella. Mas o essencial é que saia de Lisboa immediatamente. Recommendo-lh'a para que a auxilie em tudo o que for preciso, especialmente os preparativos de embarque, pois meu sobrinho Paulo<sup>2</sup> não está em Lisboa, segundo penso, e a pobre só por si é incapaz physica e moralmente de dar conta do recado. E claro que as pequenas tambem vêm. Minha irmã passou a morar na rua do Carrião, 23 A, 2<sup>o</sup>, lado direiro. Esta rua é a immediata á da Fé, e a ella paralela. Só lhe peço que, se tiver quem

---

<sup>1</sup> D. Ana de Quental, irmã dilecta de Antero, e senhora muito culta.

<sup>2</sup> Paulo de Quental, official do exército há poucos anos falecido.

o substitua no acto do embarque, não vá a bordo, pois vi q.<sup>do</sup> eu embarquei quanto o incomoda o balanço do barco <sup>1</sup>. Se tiver meio, pelo Mayer, de fazer recomendar a minha gente ao capitão do Vapor, muito me obsequiará. Desculpe-me mais esta massada: mas a quem hei-de eu recorrer, nas minhas dificuldades, senão a V. ?

Acabei de ler o seu *Camões* <sup>2</sup>, que excedeu ainda a minha expectativa: livro original, rico, solido, cheio de vida e verdade. Fez V. uma obra de primeira ordem. Eu julgava comprehender bem Camões, mas o seu livro veio diser-me mt.<sup>a</sup> coisa nova e da melhor. Penso que, de futuro, êste livro, com o *Portugal Contemporaneo*, apparecerão como as suas duas obras mais pessoas, mais vividas, mais cheias e originaes e ainda social e psychologicam.<sup>te</sup>, mais profundas. Se Camões é um pincaro, V. pousou nesse pincaro como aguia p.<sup>a</sup> lançar d'ali uma vista circular, penetrante e comprehensiva sobre a historia, a vida e a alma de Portugal. E não digo mais, porque não quero tornar-me exuberante. Dê as minhas lembranças á boa D. Victoria, e receba um grande abraço

Do seu do C.

*Anthero.*

---

<sup>1</sup> Frederico Denis D' Ayalla diz no seu livro *Os Ideaes de Oliveira Martins*, que quando foí ao bota-fora de Antero de Quental na companhia de Oliveira Martins e de G. Vasconcelos de Abreu, ao meio do Tejo Oliveira Martins teve uma syncope, caindo aos pés de Antero, que disse: « — Vejam a que o reduziram ». — Foi esta a ultima vez que os dois amigos se viram.

<sup>2</sup> *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, já citado.

LXXXV

Ponta Delgada, 3o de Julho de 1891.

Meu caro Amigo

Obrigado, do coração, por tudo. Minha irmã teve excellente viagem, mas ainda assim chegou aqui bem abatida e nervosa: e, apesar de a ver n'estes ultimos dias um pouco mais animada, dá-me cuidado.

Entretanto, confio no effeito physico e moral da mudança e do ar fresco que temos agora aqui. Não sei se ella escreve agora a D. Victoria: eu é que ponho aos pés da sua boa e caridosa esposa os meus agradecimentos pelo carinho e conforto que n'esses ultimos dias deu á minha pobre irmã.

Continuo melhorando, ainda que com alternativas. Creio porem, apesar do que V. receia e do que eu ás vezes tambem desconfio, que se não deve attribuir senão em menor parte ao clima insular esta minha vacilação de saude, mas principalm.<sup>te</sup> ao estado moral, á apprehensão continua que me inspira o futuro d'esta cousa tão nova p.<sup>a</sup> mim e tão contraria ao meu natural, qual é a de me ter transformado d'um dia p.<sup>a</sup> o outro de excentrico em homem normal e de selvagem em pae de familia e cidadão. Foi esta uma determinação violenta e não admira que os meus nervos soffressem grande abalo. Como quer que seja, ha aqui um medico moço, intelligente e estudioso que me diz que considera este clima, para aquellas doenças nervosas que consistem em excitação ou provêm d'ella, como favoravel, por ser entorpecedor e calmante. *Amen.*

.....  
D'aqui que lhe direi? Nada, porque isto é o que

pode haver de mais estagnadamente provincial. A tormenta, que todos ali já veem imminente n'um grande encastellamento de nuvens negras, aqui parece apenas vaga nevoa do horizonte. De resto, quando platonica-mente se discorre sobre eventualidades possíveis, uns desejariam ser americanos, outros ingleses, ninguém manifesta sentimentos de portuguez. Ria-se das minhas contradicções, mas confesso-lhe que me causa isto má impressão e quasi me desgosta. Não me sinto *portuguez*, mas tenho o sentimento da solidariedade com o grupo social organico e historico a que pertenço.

E adeus. Um gr.<sup>de</sup> abraço do seu

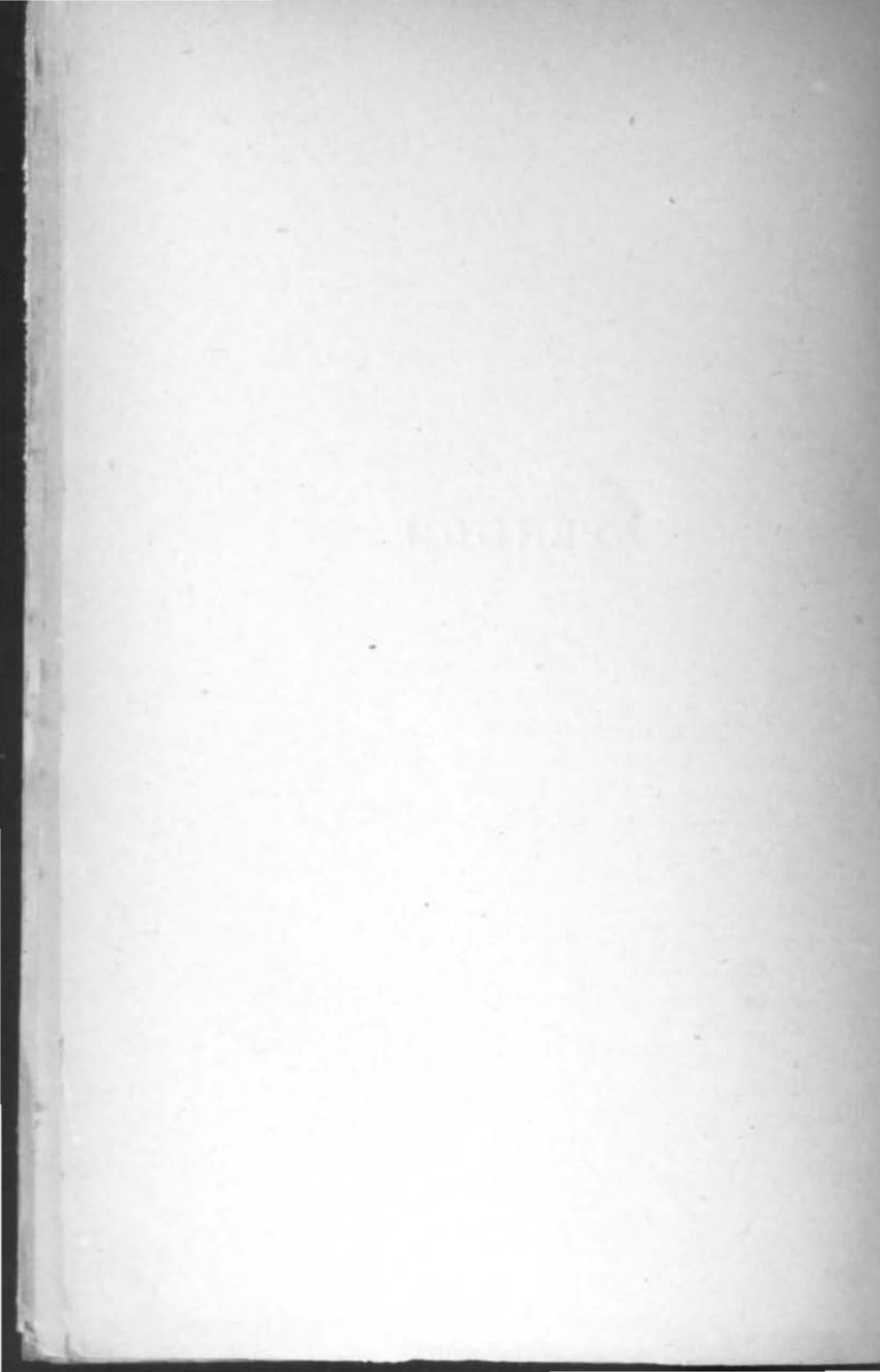
do C.

*Anthero.*

---



APÊNDICE



## LXXXVI

Porto, R. de Santa-Catharina, 44 (18-1-72).

Meu caro e bom Martins.

Estou ainda no Porto, nem conto sair por ora. Ignoro o q̄. auctorisou o Fontana p.<sup>a</sup> lhe dizer q̄. me esperava em Lisboa. Se não lhe tenho escrito, é por q̄. quero responder longa e intelligentem.<sup>te</sup> ás suas cartas, como ellas merecem, e, não o podendo fazer, preferi calar-me.

Isto, por q̄. não estou em estado de nada dizer de pensado e q̄. mereça ler-se, por q̄. tenho passado mal de corpo e de espirito o suficiente p.<sup>a</sup> não prestar p.<sup>a</sup> nada ha 2 mezes. De corpo, com os meus desarranjos nervosos, insomnias; de espirito, atacado por um d'aquelles periodos de abatimento e indiferença de buddhista q̄. são proprios do meu temperamento. Já vê q̄. pouco tenho aproveitado p.<sup>a</sup> o meu livro: algumas leituras distrahidas, nada mais. Sinto o desejo do *Nirvana*, senão como um g.<sup>de</sup> contemplativo, pelo menos como um doente. A doença, d'um modo ou d'outro, é o meu estado normal. Há organizações assim. Tenho um horror instinctivo, e como que innato, a todas as ideias q̄. representam a actividade da vida, como plenitude, felicidade, esperança e outras d'estes theor.

Não ando senão por intermitencias, e aos empurrões. Para tudo dizer n'uma palavra, nasci *monge*. Entenda, p.<sup>a</sup> seu governo que não pode contar commigo senão por

accidente. Sou, ou posso ser, um auxiliar: soldado activo, não. A minha cabeça conserva-se lucida, mas o *resto* insurge-se: ora o *resto*, em toda a gente é alguma coisa: em mim, é muitissimo, é tanto *q̄*. não lhe posso resistir e deixo-me ir levado. Isto é deploravel, dirá você.

Mas é assim, respondo-lhe eu. *Fatum*. Penso como Proudhon, Michelet, como os *activos*: sinto, imagino e sou como o auctor da *Imitatio Christi*. Você é forte por *q̄*. tudo o pucha no mêsmo sentido. Não se orgulhe da sua força, por *q̄*. é um phenomeno de temperamento, como a fraqueza d'outros. Em ambos, perfeita irresponsabilidade. Simplesmente, uma é boa, outra má.

Como quer *q̄*. eu ande, se sou ao mesmo tempo solicitado, com intensidade igual, em dois sentidos contrarios? Pensa *q̄*. renego as nossas grandes verdades, philosophicas e moraes? Engana-se. Vejo-as tão bem como nunca. Simplesmente *vejo-as*: nada mais. Ora a gente não é segundo o *q̄*. *vê*, somente, mas ao mesmo tempo segundo o *q̄*. *sente*, segundo a direcção p.<sup>a</sup> que vai por uma *tendencia* *q̄*. é a expressão exacta do *eu* de cada qual. Percebe esta trapalhada? Creio *q̄*. é imoralissima. Em todo o caso, moral ou imoral, é isto o que se dá em mim: ora, segundo Hegel, *tout ce qui est, est raisonnable*. Seja como fôr, o *q̄*. é certo é *q̄*. n'este momento estou atacado da *nausea da realidade*. Não sei q.<sup>o</sup> tempo durará o ataque. Não é o primeiro: é uma das minhas alternativas, conforme predomina um ou outro dos dois factores da minha vida moral. Peço-lhe *q̄*. me diga francamente uma coisa: julga-me incuravel? Diga, sem receio de me affligir, o *q̄*. lhe parecer, por *q̄*. eu cheguei à impassibilidade interior dos fatalistas.

Mas deixemos este aranzel, no qual ha a descontar

a impressão q̄. actualmente me domina, e a *phrase* (lepra de q̄. um artista nunca se limpa). Sempre pensei em escrever alguma coisa a respeito do seu livro<sup>1</sup>. O seu pedido é digno, como tudo que de si vem, mas era escusado. Não ha ataque possivel de mysticismo q̄. faça esquecer certas coisas. O q̄. é perfeitam.<sup>te</sup> escusado é dizer-lhe as 2 ou 3 razões q̄. tenho p.<sup>a</sup> o fazer, por q̄. são exactam.<sup>te</sup> as mesmas q̄. o levariam a Você a fazer o mesmo, invertidas as situações — e q̄. se podiam explicar miudam.<sup>te</sup> ao mundo inteiro sem q̄. ninguem tivesse direito a julgar mal de nós.

Adeus.

Seu do C.

*Anthero.*

---

LXXXVII

2 Julho 73.

Meu caro Martins.

Demoro-me aqui alem do praso q̄. havia marcado, em parte por necessidade dos meus negocios, e em parte (que é a maior) por q̄. tenho resolvido não voltar a Portugal senão com o meu *Programa* prompto p.<sup>a</sup> se publicar, tendo quasi a certeza de q̄., se não me isolar, não chego a escreve-lo. Isto, já se vê, salvo caso de força maior, q̄. será se houver ahi *coisa grande* a que eu deva sacrificar este trabalho. Mas não creio, apesar das suas prophcias, q̄. haja tão cedo. Penso que a republica se consolidará em França, republica constitucional-radical, ou coisa assim, e q̄. por meio

---

<sup>1</sup> O livro a que Antero se refere é a *Theoria do Socialismo*.

d'ella se fará evolutivam.<sup>te</sup> a revolução social n'aquelle paiz, não em 2 anos ou 3, mas lentamente, pela força das coisas, a dentro do molde politico da republica. Em q̄. me fundo dirá V., para suppor isto? No conhecimento q̄. julgo ter do estado dos espiritos e do estado das classes em França: e é d'aqui q̄. *a priori* deduso a impossibilidade do predominio das classes altas e da monarchia correlativa. Q.<sup>to</sup> a mim, a França chegou ao periodo social da democracia inorganica, cuja forma politica é a republica individualista. Dentro d'ella é q̄. têm de trabalhar lentamente, e não p.\* a destruir, mas p.\* a transformarem, os interesses e as aspirações socialistas. E creio isto possivel, porq̄. a republica individualista deve assegurar o predominio da classe media, e pôr fóra de acção a aristocracia banco-proprietaria: ora a classe media é essencialm.<sup>te</sup> reformadora, e só intransigente com os intransigentes — *Communa* etc... *Quid inde*, para Portugal? que uma tal republica não é propagandista, nem exerce prestigio, e por isso so lentam.<sup>te</sup> tambem (e mais por instituições e reformas parciaes q̄. ca se imitem) influirá nas nossas coisas. E isto é uma g.<sup>de</sup> vantagem. O peor q̄. nos pode acontecer é sermos amanhã republica. Seria um 48, mas sem o talento, o entusiasmo, o idealismo do outro; um 48 chato. Portugal, por ora, não é republicano, e não serão os declamadores e os pulhas q̄. actualmente constituem a quasi totalidade do grupo republicano quem logre converter o velho desconfiado q̄. se chama o povo portuguez. Cuido pois q̄. podemos contar ainda com 5 ou 6 annos de *paç podre*: e o q̄. nos cumpre a nós, homens de Ideas é aproveitarmos este periodo, lançarmos as bases do verdadeiro partido republicano-socialista, zurzindo entretanto sem pie-

dade as seitas tolas e visionarias, os declamadores chatos e a corrupção geral: A critica, eis, por ora, qual deve ser a nossa g.<sup>de</sup> occupação. Fazer praça, limpar o terreno p.<sup>a</sup> a nova seara: a colher, por ora, só vejo joio e ervilhaca. Eis como, á distancia a q̄. me acho, se me antolham as coisas: E cuido q̄. V. obedece um tanto áquella perversão visual, q̄. S.<sup>te</sup> Beuve nota em Proudhon, *vois trop rapproché, trop gros, trop prochain*, coisa propria dos espiritos logicos e ardentes, q̄. não dão ao tempo e ao jogo pesado da machina social os descontos convenientes.

Mas quem sabe se serei eu q̄. me engano? Se assim fôr, escusado é dizer-lhe que tudo largarei p.<sup>a</sup> me ir pôr ao seu lado, levando p.<sup>a</sup> o mundo da acção o mesmo espirito de fraternidade q̄. nos tem unido no mundo da especulação.

Não quero terminar esta carta sem lhe dizer q̄. li o seu volume (o 1.<sup>o</sup>) e q̄. o li com extrema satisfação, notando-lhe um grande progresso no estylo, em clareza e correcção. Em q.<sup>to</sup> ás ideias nada tenho a dizer, porq̄. são as minhas, em tudo e por tudo. Mas q̄. tem dito por ahi essa gente? e q̄. disse o *velho* <sup>1</sup>? Estou desejoso por saber isto.

Não tenho tempo p.<sup>a</sup> mais, q̄. está a sair o vapor. Recomende-me a sua mulher, e não deixe de escrever ao seu do C

*Anthero*

O q̄. ha a respeito de Fraternidade?

O Fontana deixou de me escrever e nada sei. Informe-me.

---

<sup>1</sup> Alexandre Herculano.

LXXXVIII

Querido Amigo.

27 de Julho.

Deixei a sua carta p.<sup>a</sup> o fim, e agora falta-me o tempo, porq̄. está a largar o vapor. Serei por isso breve, cingindo-me ao essencial.

O essencial é que me inquietaram certas expressões da sua carta com respeito à *comunhão com um Deus*. Cautela com o mysticismo! Como todas as naturezas essencialem<sup>te</sup> activas, q̄., quando caem na metaphisica, são levadas, por uma natural antithese, a ver n'ella sobre tudo o *lado immoto*, V. parece-me considerar no Absoluto, em relação ao espirito humano, somente a *contemplação* e o estado de *graça*, alguma coisa como o Nirvana budhico. Quanto a mim o Absoluto, não existindo *em si* como coisa distincta do Universo, mas só como uma cathogoria do entendimento e uma maneira pela qual a intelligencia concebe o *Todo*, o Absoluto não é mais do q̄. o elemento q̄. a razão pura ajunta á realidade phenomental e sensivel, p.<sup>a</sup> ter a realidade completa e plena.

A consequencia q̄. tiro d'aqui é q̄., se tudo presuppõe o Absoluto, este, como coisa independente *de tudo*, não está em parte alguma. A intelligencia pois, uma vez determinado o Absoluto, opino q̄. nada mais tem a fazer com elle *em si*, e o q̄. lhe cumpre é só toma-lo como um criterio p.<sup>a</sup> corrigir o incompleto e illusorio das representações sensiveis, e reduzir o conhecimento á sua verdade total. Isto em q.<sup>10</sup> á importancia intellectual do Absoluto. Em q.<sup>10</sup> á sua importancia moral, a minha conclusão é a sua *actividade*. Mas V., na sua



carta, parece chegar a ella por uma especie de reacção contra a metaphisica, em q.<sup>10</sup> eu da propria metaphisica é q̄. a deduzo. Se o Absoluto não tem realidade *em si*, uma pratica da vida no ponto de vista do absoluto reduz-se á *contemplação dum ponto immoto*, como diz o Budhismo, ponto immoto, q̄. não sendo mais do q̄. uma total abstracção, vem a dar num *prope nihil*, um *nada* intellectual. O Absoluto, p.<sup>a</sup> entrar racionalmente na vida humana, deve ser *praticado* e não *contemplado*: quero dizer q̄., em vez de nos immobilisarmos no esforço contraditorio de *realisar* em nós o *Absoluto* (q̄. não tem realidade), o q̄. devemos é praticar a vida como quem sabe q̄. cada acto e momento d'ella é um acto e momento do Absoluto, e q̄. por isso quanto mais *praticarmos*, se o fizermos com este conhecim.<sup>10</sup> e intenção, mais nos uniremos ao Absoluto, a Deus. É o q̄. eu chamo *mysticismo activo*, systema q̄. talvez podesse expor n'um livro ou então n'aquellas nossas longas conversas philosophicas, mas q̄. excede os limites d'uma carta. V. difficilm.<sup>16</sup> perceberá o meu pensamento, por essas phrases confusas e apressadas que ahi ficam. Mas escrevi-as debaixo da impressão de *inquietação* q̄. me deixou a sua carta. Valha pois, ao menos, a intenção; e ponho ponto no assumpto. A metaphisica, no fim de tudo, ha-de fazer-lhe imenso bem ao seu espirito, embora lhe cause, por effeito do seu temperam.<sup>10</sup> energico e activo, certa perturbação transitoria. O meu *susto*, considerando melhor, era infundado.

Agora, 2 palavras de politica.

Vejo que estavamos de accordo. Mas as minhas observações referiam-se ao q̄. V. me dizia na sua penultima carta, e não ao seu livro, cujas conclusões *adopto* como minhas, em tudo e por tudo. Na sua carta V. via com

efeito *trop gros*, porq̄. dava como necessaria a reacção em França e Hespanha, e d'ahi um *desvio* perturbador no andamento da revolução, concluindo de tudo isto q̄. deviamos já lançar-mo nos na acção. Ora, sustento q̄., isto assim é *voir trop gros*: 1.º porq̄. não creio provavel a reacção em França: 2.º porq̄. julgo q̄. a anarchia actual de Hespanha (e q̄. será maior cada dia) é o *processo* natural da revolução n'este paiz, e isto porq̄. não tendo nunca a Hespanha sido uma *nação* no sentido francez, inglez, portuguez, da palavra, um *todo* não é como *todo*, e á franceza, pelo capital, q̄. se fará a revolução, mas pelos elementos q̄. estavam juxtapostos, mas não fundidos, na fingida nação dos Filipes e dos Bourbons. Em Hespanha é preciso que se applique o principio chimico *corpora non agunt nisi soluta*: é preciso q̄. pela anarchia se desorganise o que estava mal feito p.<sup>a</sup> q̄. os elementos *solutos* busquem depois as suas afinidades naturaes.

Concluo pois p.<sup>a</sup> Hespanha, por uma federação semi-historica, semi-revolucionaria, mas q̄. não ha-de ser feita nem por as constituintes, nem pela Internacional, nem por Pi y Margall, mas q̄. *sim se fará da sé*, depois d'um periodo de total desorganisação. Já vê por isto q̄. não posso admittir o seu dizer, q̄. o nó gordio da revolução nos paizes latinos está na Hespanha: q.<sup>to</sup> a mim a Hespanha é entre os latinos um caso *sui generis*, e não penso q̄. França ou Portugal tenham que atrasar ou adiantar com o q̄. atraze ou adiante a Hespanha.

Tudo isto, dirá V., é mt.<sup>o</sup> *a priori*. Até certo ponto. Mas concluir da historia será absolutam.<sup>te</sup> concluir *a priori*?

Agora, em q.<sup>to</sup> a Portugal, isso sim, receio seriamente o *desvio* porq̄. Portugal está no periodo critico q̄. nós

costumamos caracterisar com uma data: 1848. Mas se assim é, e se chegar a catastrophe, creio q̄. no meio d'ella, no meio das illusões, das prevenções, dos interesses cegos inherentes ao *estado de 48*, nós, philosophos, seremos tão impotentes p.<sup>a</sup> fazer qualquer coisa como foi em França Proudhon. E veja! como elle nas vespervas o previa, prevemol-o nós tambem: mas, como elle, seremos arrastados no turbilhão *parce qu'il faut*, porq̄., em tal caso, o nosso papel historico está marcado. N'este ponto, deixe-me dizer-lh'o, vê tambem *V. trop gros*, cuidando q̄. seremos capazes com as nossas theorias de torcer o andamento fatal d'uma tal situação. Cautela com o Banco do Povo! É o q̄. temos a aproveitar com experiencia de Proudhon. No meio d'um 48 devemos conservar sempre a convicção de q̄. *p.<sup>a</sup> o momento*, nada ha a fazer: o nosso papel será todo critico, consistindo em reduzir ao absurdo toda a fantasmagoria revolucionaria, os seus expedientes e panaceas, e ficarmos sentados sobre as ruinas das illusões d'uma geração, com o genio prophetic do pensamento d'uma futura revolução mais coherente e lucida... Que lhe parece o *horoscopo*? Mas não acha q̄. n'esta *profecia* ha tambem um bocado de *previsão*, e por conseguinte, de razão? Trabalhemos pois, e com as consciencias serenas nos acharemos no momento da catastrophe promptos a desempenhar o nosso papel...

Falta-me o tempo, não posso dizer mais. Fica p.<sup>a</sup> outra occasião, e sobre tudo p.<sup>a</sup> d'aqui a 6 ou 7 mezes, q̄. é q.<sup>to</sup> calculo necessario p.<sup>a</sup> terminar o meu *Programma*, e p.<sup>a</sup> voltar a Lisboa. Desculpe o alinhavado d'esta carta, mas é feita á pressa.

Termino, depois da massada theorica, com uma massada pratica. Peço-lhe q̄. vá á R. da Magdalena, 17,

4.º andar, a casa da Snr.ª D. Guilhermina Junqueira, de quem fui hospede, e q̄. lhe diga q̄. é a pessoa em quem lhe falei (escrevo-lhe nesta data) a respeito dos meus livros. Tenha paciencia, mas não tenho a quem recorrer alem de V: por isso incumba-se de me mandar pelo paquete os ditos 2 ou 3 caixotes de livros, porq̄. me estão alguns d'elles fazendo falta. Recomendo-lhe q̄. examine se veem bem pregados p.ª não haver transtorno na viagem. Tudo isto é na hypothese de V. estar já em Lisboa: mas se não estiver, lembre-se de o fazer quando chegar e q̄. tenha occasião p.ª isso. A final, é indifferente virem no paquete ou n'um navio de vella. Adeus. Continue a dar-me novas suas, e conte com-migo lá p.ª Fevereiro ou Março.

Seu do C.

*Anthero.*

N. B. Envio-lhe o 1.º numero d'um jornal do Theofilo<sup>1</sup>, q̄. me mandou o Fontana. É um documento! Que programa! tiraram ao accaso phrases do nosso, e amalgamaram-nas com asneiras da propria lavra. Veja tambem o artigo de fundo, especimen Theofilo *tout pur*, tolo e malevolo. Só se insinúa q̄. os homens da evolução (somos nós) são meros *sedentarios e inactivos*... Que diz a isto? e q̄. lhe parece d'uma republica feita por esta boa gente? Francam.<sup>10</sup> ainda lhes prefiro Melicio<sup>2</sup>, q̄. ao menos diverte.

<sup>1</sup> O *Rebate* era órgão de Centro Republicano Federal. Além de Teófilo Braga colaboraram também neste jornal Reis Damaso, Dr. Eduardo Maia, Carrilho Videira e outros.

<sup>2</sup> João Crisóstomo Melicio, foi colaborador do *Comercio do Porto*, e fundou com M. Pinheiro Chagas, E. Biester, Ricardo Cordeiro e outros a *Gazeta do Povo*. Ultimamente dirigia o *Comercio de Portugal*.

LXXXIX

Meu caro Martins.

Estou realmente bastante doente, e com poucas esperanças de melhora, antes com todas as probablidades de progressiva aggravação. É o curso natural das coisas; e não serei eu, além de naturalista, idealista, que me insubordinarei vãmente contra a ordem santa das coisas. Percebe o q̄. quero dizer: «spiritus quidem promptus est». V. leu o famoso capitulo do Proudhon na Justiça, sobre o assumpto: e eu tenho tudo aquillo no espirito, com o correctivo ainda do mysticismo-estoico q̄. é o meu fundo. Já vê q̄. tenho viatico p.<sup>a</sup> a viagem, e q̄. as coisas se hão-de passar dignam.<sup>to</sup>. Assim pois, basta sobre isto. Não sei ainda qua.<sup>do</sup> chegará a hora: é possível agora (é até o mais natural nesta ordem de desorganisações) q̄. se demore ainda bastante. V. entret.<sup>to</sup> receberá a seu tempo as minhas *solemnia verba*. Entretanto escreva-me sempre. Li com g.<sup>de</sup> prazer os seus artigos na *Democracia*<sup>1</sup>.

Acho-os fortes, fortemente pensados, e abalaram o meu enraizado federalismo. Eu via a questão por um lado puram.<sup>to</sup> historico, e é por isso q̄. não concebia p.<sup>a</sup> Hespanha outra solução. Mas V. fez-me vêr que o federalismo para ser historico *hoje* tem de ter a forma da historia d'hoje, isto é, tem de absorver em si a substancia da revolução social; fóra d'isto é nada — menos q̄. nada... é o q̄. se via e se está vendo. A sua redução

---

<sup>1</sup> A *Democracia* foi dirigida pelo republicano José Elias Garcia e colaborada pelos mais distintos escritores democratas da época.

ao absurdo do Herc. pelas proprias palavras do mestre, é excellente. Em summa, tudo achei bom, no fundo. Noto somente: 1.º tratar certas questões n'uma altura philosophica q̄. não cabe em artigos, e por isso, apenas indicada, é como se nada fosse, não só p.<sup>a</sup> o geral mas ainda p.<sup>a</sup> o excepcional dos leitores: 2.º uma extrema incorrecção: não dê pouca importancia a este ponto, q̄. é capital: releia se e emende antes de se imprimir: *collecção* por *sociedade* e outras coisas assim, fazem o peor effeito — Mt.º mais quisera dizer sobre a impressão q̄. me deixaram os artigos, mas não tenho cabeça p.<sup>a</sup> isso. A minha fraqueza é tal q̄. a menor applicação me deixa prostrado do cerebro: talvez d'hontem, q.<sup>do</sup> li os artigos, p.<sup>a</sup> hoje, me esquecesse, o melhor que tinha a dizer. Por isso só posso dar-lhe a impressão geral, e essa, como vê, é boa. V. podia, corrigindo o estilo, distribuindo a matéria por capitulos, tornando mais claro e desenvolvido o lado philosophico, e acrescentando mais exemplos contemporaneos e applicações, fazer d'ahi um volume mt.º util para a Bibliotheca Progressista. Em qt.º ao Prologo sobre o Proudhon, gostei menos, francam.<sup>te</sup>: diz de mais e de menos. Entret.<sup>to</sup> sempre *diç*; e, a final, o q̄. ali falta lá o encontra o leitor adiante na mesma doutrina do mestre.

Não sei se já está no Porto, Se sim, dê da minha parte um bom apêrto de mão no Germano, q.<sup>do</sup> o vir. Adeus, meu amigo, não se esqueça de me escrever q.<sup>do</sup> puder.

Seu do C.

*Anthero de Q.*

P. S. Se não lhe fizer falta, mande-me o livro do Feuerbach «*Essencia do Ch.<sup>mo</sup>*» pelo correio. Ainda q̄.

actualm.<sup>to</sup> não intendo as abstracções, ha todavia nas leituras metaph. um vago, um sublime, q̄. me alenta o ideal e me faz bem.

---

XC

Fevereiro, 72.

Meu caro Martins.

Mudámos de casa, eu e o Batalha; estamos actualmente, e até ao fim deste mez de Fevereiro, na rua da Cruz de Pau, n.º 20, 2.º andar. Depois lhe mandarei dizer p.<sup>a</sup> onde nos mudamos. Agradeço-lhe mt.<sup>o</sup> a sua carta. A minha ultima foi excessivam.<sup>te</sup> laconica, e logo ali lhe prometti maiores explicações [q̄. lhe são devidas], mas quere saber? duas vezes tentei já escrever-lhe, e sempre se me negou a pena a escrever o q̄. verbalmente me não custaria a dizer. Desculpe-me isto, q̄. é uma d'estas repugnancias instinctivas, de q̄. a gente não pode dar explicação, mas que são invenciveis, e q̄. V. apreciará.

Entre o seu coração e o meu, uma folha de papel metida de permeio gela-me e repele-me. Fica tudo p.<sup>a</sup> quando nos virmos. Alegra-me ve-lo em melhores disposições e animado a trabalhar. Ha nas vocações reaes huma força superior, q̄. resiste a tudo, e q̄. depois d'uma paralisia momentanea, filha da mudança de meio, apparece inalteravel. Não estranho pois o q̄. me diz, continue a trabalhar, por q̄., ainda q̄. d'ahi não tire outro resultado senão o bom estado de espirito em q̄. o trabalho nos deixa, ja vale a pena. — O assumpto é p.<sup>a</sup> tentar. Um estudo à Taine, sobre Camões, foi coisa que sempre desejei muito ver feito. Quanto à semelhança entre a comedia de Camões e a de Molière, explica se

facilmente, por isso q̄. ambos tiveram um modelo comum, — Terencio.

Por aqui nada de nôvo; sempre a mesma pasmaceira politica e literaria. Eu vou indo como sempre, isto é, inerte: é uma coisa a q̄. a gente se habitua. Adeus; recomende-me mt.º a sua mulher e creia-me

seu Amigo

*Anthero.*

---

XCI

26 de Dezembro.

Q.º Amigo.

Só p.ª não deixar partir o paquete sem lhe dar noticias minhas, é q̄. escrevo estas duas linhas, porq̄. realm.º estou n'um estado de corpo e espirito morbido e esmorecido, estado q̄. é uma das minhas fatalidades, e durante o qual uma das coisas q̄. mais me custa é ter de fallar ou escrever. Aceito isto como uma condição physiologica (e talvez tambem psychologica) da minha organização, e deixo pacientem.º correr o tempo, à espera q̄. o mysterioso abcesso q̄. periodicam.º se me forma no cerebro rebente e volte êste ao estado normal. — Deixe-me dizer-lhe, antes q̄. me esqueça, q̄. recebi e agradeço o livro sobre a Evolução seg.º Haeckel. Eu conhecia já tudo aquillo, a final, por artigos das Revistas dos *Dois Mundos* e dos *Cursos Scientificos*, de sorte q̄. nada me disse de novo, a não serem miudezas scientificas especiaes, q̄. pouco me interessão. Na doutrina deste allemão ha duas coisas a distinguir: uma, puram.º zoologica e paleontologica, diz respeito ao desenvolvim.º da serie organica e às leis d'este,



selecção, divisão de trabalho, concorrência, adaptação etc.: n'este ponto parece-me inabalável a doutrina do homem, doutrina q̄. aliás não é d'elle só, mas resulta de mil trabalhos accumulados nos ultimos 20 anos: A aproximação da embriologia e da paleontologia, a comparação da celula geradora, ou embrião, e da celula primitiva, ou monera, ponto de partida de todo o mundo organico, é uma idea de imenso alcance e q̄. lança luz a jorros sobre este assumpto das origens do mundo organico. Mas, ao lado d'isto, tem o allemão pretenções a duas coisas: 1.º a explicar a mesma vida por meras forças physico-chymicas, isto é, segundo elle, forças puram.<sup>10</sup> mecanicas: 2.º a assimilar as leis organicas do espirito ás leis organicas da vida, e a deduzir d'aqui applicações naturalistas, p.<sup>a</sup> a historia e a sociedade. É n'estes pontos q̄. eu o não acho nem philosophico nem ainda scientifico. Porq̄. a vida tem por base forças physico-chymicas, não se segue q̄. a vida seja essas forças, e não uma força de natureza diversa d'aquellas, superior e q̄. as envolve. O mesmo a respeito da *vida* e do *espirito*: este tem aquella por base, envolve-a, mas distingue-se d'ella. Sendo isto assim, já as leis da concorrência (*struggle for life*) divisão do trabalho etc. não podem ser applicadas ao mundo social senão nos limites em q̄. esse mundo pertence à ordem organica, e não absolutam.<sup>10</sup> porq̄. alem da ordem organica ha no mundo social outra coisa e coisa m.<sup>10</sup> superior q̄. é o espirito. Por isso essas leis 1.º applicam-se só parcialm.<sup>10</sup>: 2.º são, na sua applicação, dirigidas e dominadas pelo espirito p.<sup>a</sup> os seus fins superiores. É assim q̄. a guerra animal (ou selvagem) é na sociedade civilisada, isto é, espiritualisada, guerra juridica, de tal sorte q̄. o phenomeno animal, sem ser

destruido, é applicado diversam.<sup>to</sup> e dirigido p.<sup>a</sup> um fim superior q̄. não se contem nos dados da pura animalidade. É assim q̄. a divisão do trabalho, q̄. no m.<sup>do</sup> organico só se effectua estabelecendo desigualdades fundam.<sup>taes</sup> entre os órgãos e uma hierarchia, tende, sob a influencia da civilisação e do direito, a ser uma cooperação de funcções *diversas* mas *iguaes*, ordenadas mas não subordinadas, coisa q̄. igualem.<sup>te</sup> sae fóra dos dados da pura divisão do trabalho animal. Podia multiplicar os exemplos, mas isto basta p.<sup>a</sup> V. apreciar o meu modo de ver sobre as questões principaes q̄. a evolução levanta, como doutrina geral: O erro de Haeckel é querer generalisar o modo particular por q̄. a Evolução opera numa dada ordem ou serie de phenomenos, a todas as outras series: colocar-se n'uma sciencia só p.<sup>a</sup> concluir p.<sup>a</sup> todas. É um erro de methodo. A Evolução é uma lei universal mas o seu *modus operandi* é differente em cada serie, consoante essa serie e o logar q̄. occupa no Todo. Intendo q̄. só metaph.<sup>to</sup> se pôde dar a formula universal da Evolução, precisam.<sup>to</sup> por q̄. só a metaphisica é universal. A cada sciencia compete depois determinar as leis particulares d'ella em cada g.<sup>de</sup> ordem de phenomenos. Por isso digo q̄. o erro do Haeckel é todo philosophico ou de methodo. — Por aqui avalia V. o ponto de vista em q̄. no meu Livro (livro eterno!) me coloco em q.<sup>to</sup> à Evolução. É o terreno da metaphisica positiva, dando à sciencia o q̄. lhe pertence, mas não lhe concedendo o q̄. não é nem pode ser da sua alçada. O q̄. é curioso é ter o g.<sup>de</sup> Hegel cahido, ha 40 annos, no mesmo erro de methodo, e por isso a critica da sua Philosophia da Natureza deve ser a mesma, *mutatis mutandis*, q̄. se faz ao Hackel: isto é: Hegel, em q.<sup>to</sup> formulou metaph.<sup>to</sup> a lei do *devenir* na

Natureza, ou Evolução, fez uma obra solida e q̄. ha-de, intendo eu, ficar p.<sup>a</sup> sempre. Mas, em vez de parar aqui, começou a fazer sciencia à priori, e a *deduzir* leis p.<sup>a</sup> esferas particulares de phenomenos, leis q̄. só a sciencia experimental sabe *induzir*. Foi o escolho da sua «Philosophia da Natureza» e a razão do seu descredito, descredito, q.<sup>to</sup> a mim, infundado e devido à falta de critica com que se atacou aquella obra gigantesca e até direi sublime, porq̄. no meio d'aquella algaravia escolastica ha uma poesia da Natureza nova, grande e verdadeiram.<sup>to</sup> enebriante. — Depois d'isto fica V. sabendo q̄. a minha doutrina da Evolução é em g.<sup>de</sup> parte a de Hegel, com a qual combino a idea da *serie* proudhoniana. Que lhe parece? É um caminho por onde vou um tanto temeroso, porq̄., a fallar verdade, acho-me só: a metaphisica é hoje repelida universal.<sup>to</sup> da Ph. da Natureza. Não importa. Irei de encontro á onda dos positivistas, materialistas, empiricos *tuti quanti*, convencido de q̄. não se passará m.<sup>to</sup> tempo sem q̄. constituída a methafisica positiva, a Ph. da Natureza entre no caminho verdadeiro. —

Adeus. Li, no 2.<sup>o</sup> tomo dos *Opusculos* do Herculano, um estudo m.<sup>to</sup> notavel sobre propriedade literaria. Afora isso ha n'esse volume m.<sup>tas</sup> e m.<sup>tas</sup> paginas admiraveis, sentidas, verdadeiras, poeticas. É um escritor o velho, e ha-de ainda ser lido q.<sup>do</sup> já ninguem nos ler a nós.

Adeus.

seu do C.

*Anthero.*



